

# Branco e Negro



VENDEDORA DE LARANJAS (Aquarella de Roque Gameiro)

PREÇO 50 RÉIS

N.º 79

# NOVA COLLECCÃO PEREIRA

A 50 réis cada volume, brochado

Apparecendo nos dias 10 e 25 de cada mez

*Romances dos melhores auctores, em volumes de 160 a 200 paginas*

## Eis os titulos dos volumes publicados:

- N.º 1 — *Port-Tarascon* (ultimas aventuras do illustre Tartarin) 1 vol. de 176 paginas.  
N.º 2 — *D. Carlos*, de Saint-Réal, traducção de Luiz Cardoso, 1 vol. de 144 paginas.  
N.º 3 — *Madame Chrysanthème*, de Pierre Loti, trad. de José Sarmento, 1 vol. de mais de 200 pag.  
N.º 4 — *Sapho*, de A. Daudet, trad. de Beldemonio, 1 vol. de 200 pag.  
N.º 5 — *Negro e côr de rosa*, de Jorge Ohnet, trad. de Eça Leal, 1 vol. de 160 paginas.  
N.º 6 — *O Senador Ignacio*, de Th. Cahu (*Théo-Criith*), trad. de Maria Velleda, 1 vol. de 230 paginas.  
N.º 7 — *Jettatura*, de Theophilo Gauthier, traducção de Luiz Cardoso, 1 vol. de 170 paginas.  
N.º 8 — *Casa com escriptos*, de Carlos Dickens, trad. de José Sarmento, 1 v. de mais de 160 pag.  
N.º 9 — *O Canteiro de Saint-Point*, de Lamartine. trad. de Annibal Azevedo, 1 vol. de 180 pag.  
N.º 10 — *Rosa e Ninette*, de A. Daudet, trad. de Henrique Marques.  
N.º 11 — *Primeiro amor*, de Ivan Tourgueneff, traducção de José Sarmento, 1 vol. de 160 paginas.  
N.º 12 — *Peccado mortal*, de André Theuriet, traducção de Fortunio, 1 vol. de 170 pag.  
N.º 13 — *O Judeu*, de Henry Murger, trad. de Herculano Sarmento, 1 vol. de 160 pag.  
N.º 14 — *O tanoeiro de Nuremberg*, de Hoffmann, traducção de H. Marques, 1 volume de 170 paginas.  
N.º 15 — *Dinheiro maldito (Polikouchka)*, costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi, trad. de Luiz Cardoso.  
N.º 16 — *Vida phantastica*, por Méry, traducção de Eça Leal, 1 volume de 170 pag.  
N.º 17 — *O padre Daniel*, de André Theuriet, traducção de Fortunio, 1 vol. de 160 pag.  
N.º 18 — *Um coração simples*, de Gustave Flaubert, traducção de H. Marques, 1 vol. de 170 pag.

## COLLECCÃO ECONOMICA

Romances dos melhores auctores, em vol. de 240 a 320 paginas, a 100 rs. o vol.

### Volumes publicados:

- N.º 1 — Aventuras de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por Daudet.  
N.º 2 — Pedro e João, por Guy de Maupassant.  
N.º 3 — Sergio Panine, por Ohnet.  
N.º 4 — O sonho, de E. Zola, trad. de José Sarmento.  
N.º 5 — Soror Philomena, por Edmond e Jules Goncourt.  
N.º 6 — O medico assassino, por Octavio Fére.  
N.º 7 — Os milhões vergonhosos, por Heitor Malot  
N.º 8 — O amigo Fritz, por Erckmann-Chatrian.  
N.º 9 — Vogando, por Guy de Maupassant.  
N.º 10 — Um romance de mulher, por Pierre Mael.  
N.º 11 — Vontade, por George Ohnet.  
N.º 12 — O Nababo, por Daudet.  
N.º 13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget.  
N.º 14 — Beatriz, por Rider Haggard.  
N.º 15 — O crime, por Gabriel d'Annunzio.  
N.º 16 — Lise Fleuron, por George Ohnet.  
N.º 17 — Os dois rivaes, por Armand Lapointe.  
N.º 18 — O ultimo amor, por George Ohnet.  
N.º 19 — Um Bulgaro, por Ivan Turgueneff.  
N.º 20 — Memorias d'um suicida, de Maxime de Camp  
N.º 21 — Forte como a morte, por Guy de Maupassant, trad. de José Sarmento.  
N.º 22 — A alma de Pedro, por J. Ohnet.  
N.º 23 — Camilla, de Guérin-Ginisty.

SAE UM VOLUME POR MEZ

**Livraria de Antonio Maria Pereira — Editor**

50, RUA AUGUSTA, 54 — LISBOA

# BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 79

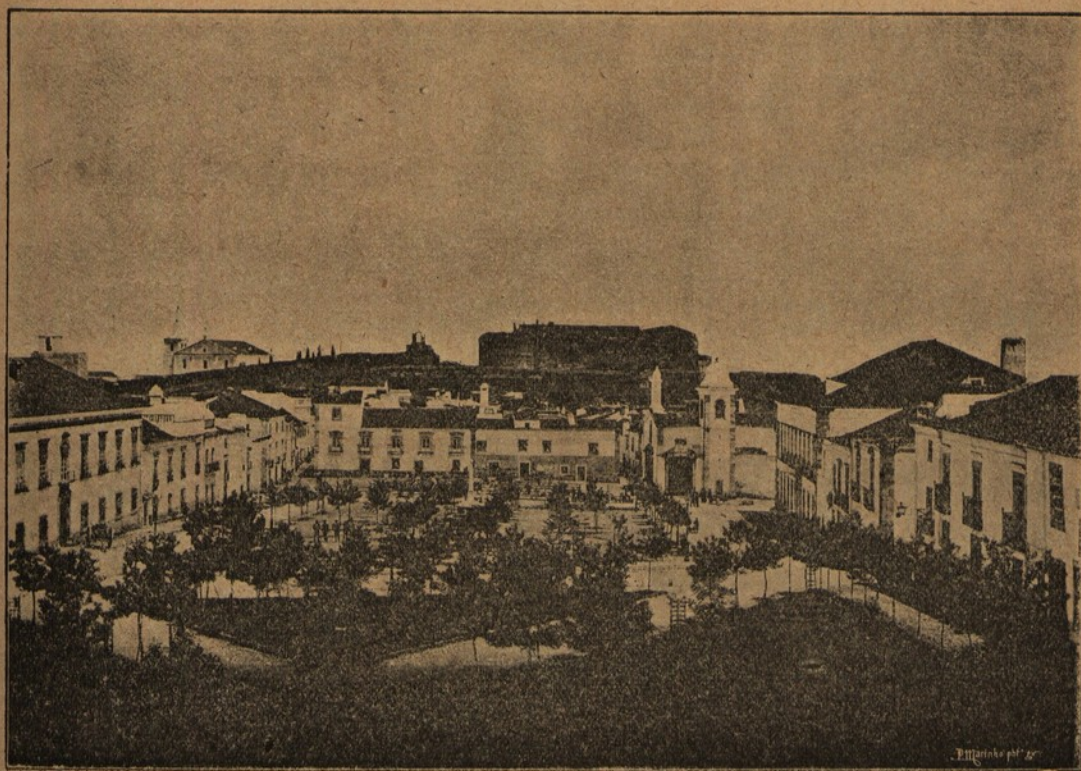
LISBOA, 3 DE OUTUBRO DE 1897

2.º ANNO

## VIAGENS NO PAIZ

(XXVI)

### VILLA VIÇOSA



VILLA VIÇOSA — Praça da Princesa Amelia

**E**sta importante villa, notavel por tantos e tão importantes factos memoraveis, é Córte da Serenissima Casa e estado de Bragança, séde do concelho do seu nome e cabeça de comarca de 2.ª classe, districto e arcebispado d'Evora na provincia do Alemtejo.

Demora na altura de 38°, 51' de latitude N. — e 1°, 30' de longitude E., pelo meridiano de Lisboa, em um lindo, ameno e sempre viçoso valle, abrigado a oeste pela pequena serra de Borba e regado por muitas fontes que derivam da mesma serra. D'ahi procede o titulo de Viçosa, cuja propriedade lhe não é contestada.

Dista esta povoação 4 kilometros de Borba e 17 de Extremoz para ESE., — 25 d'Elvas para OSO., — 50 d'Evora pelo Redondo, para ENE., — 170 de Lisboa, — 507 do Porto, — e 637 de Valença do Minho.

Presentemente a estação mais proxima na rede das nossas linhas ferreas é a de Extremoz, para a qual, assim como para a d'Elvas, tem boas estradas a macadam, ser-

vidas por diligencias; tem além d'isso estradas a macadam para Alandroal e Redondo.

#### SEU ESPLENDOR

Foi esta villa praça de guerra até 1834 e teve voto em côrtes, dando um só procurador até 1645 e d'ahi em diante dois, os quaes tinham assento no banco 16.º

Foi por vezes quartel d'um corpo de cavallaria ou infantaria, cabeça de um terço ou regimento de auxiliares e de um terço ou batalhão de ordenanças.

No reinado de D. Affonso V começou a ser cabeça de comarca das villas alemtejanas, pertencentes ao ducado de Bragança e que eram: Borba, Arraiolos, Evora-Monte, Monsaraz, Portel, Souzel, Monforte, Villaboim, Villa Fernando (hoje escola agricola), Alter do Chão, Chancellaria e o concelho de Margem e Largonel.

Com a extinção d'esta grande comarca em 1834, dei-

xou esta villa de ter Corregedor e Juiz de Fóra com jurisdição no concelho, passando a ser cabeça de um julgado de Direito, em que lhe ficaram sujeitas Borba, Redondo, Alandroal, Juromenha e Ferreira de Terena; e, sendo este julgado supprimido por decreto de 29 de novembro de 1836, passou a fazer parte da comarca de Extremoz, ficando-lhe um *Julgado Ordinario*, que em 4 de outubro de 1887 passou a ser *Julgado Municipal*, que durou até 18 de outubro de 1890, em que foi creada a comarca de 3.<sup>a</sup> classe, ficando pela nova divisão comarcã, de 2.<sup>a</sup> classe. Chegou a contar sete conventos, sendo tres de freiras, tres de frades e o collegio dos jesuítas; resta-lhe apenas o das Chagas com uma freira. — Teve a insigne *Collegiada da Capella Real do Estado de Bragança*, e orgulhava-se de ter o *Collegio dos Santos Reis*, afamado pelos notaveis musicos que produziu; viu moverem-se no seu ambito fabricas de ferro, vidros e papel; tinha muitas artes mechanicas, muita vida e animação, restando-lhe tão sómente dos antigos tempos de

Os monges de Santo Agostinho, tendo impetrado licença para fundarem um convento em Extremoz, resolveram fundal-o na nova villa, inaugurando a construção no dia 5 de maio d'aquelle mesmo anno.

Tão rapidamente se desenvolveu a sua população, que o mesmo rei, no foral de concelho perfeito que lhe deu em 5 de junho de 1270, allude ao facto de se achar a nova villa já povoada e, a pedido dos seus habitantes, lhe concedeu os mesmos fóros que havia dado a Monsaraz, exemptando os de relego por cinco annos, — dos impostos de montadigo, vinho carregado, almocrevaria e o chavas, — e dos de portagem em todo o reino, — exemptções importantes de que Extremoz não gosava.

#### VESTIGIOS DE POVOAÇÃO ANTIGA

E' opinião d'alguns chorographos, taes como o padre Carvalho, que pretende demonstrar na sua *Chorographia Portugueza*, e após elle outros, que no tempo de D. Af-



VILLA VIÇOSA — Pelourinho

sua gloria o ser cabeça de marquezado, solar e nobre côrte da Serenissima Casa de Bragança, e cabeça da Ordem Militar da Conceição d'este reino.

Tem desde 1890 uma Escola Pratica de Cavallaria, em vez do regimento que d'antes se aquartelava no convento de Santo Agostinho e no antigo seminario.

#### CREAÇÃO DO CONCELHO

Erigido o concelho d'Elvas e outros visinhos, chegou a vez a Extremoz, em dezembro de 1258, reinando já D. Affonso III, o bolonhez. — Borba e Villa Viçosa ficaram comprehendidas no seu termo; porém, os colonos, que affluiram a povoal-o, desde logo foram attrahidos pela belleza e fertilidade do solo que esta villa hoje occupa, a que deram o nome de *Val-Viçoso* — e supõe-se que, quando D. Affonso III, em fevereiro de 1267, passou para Badajoz, para alli se encontrar com seu sogro Affonso XI, rei de Leão, alguém lhe pediu para que erigisse a povoação de *Val-Viçoso* em conselho, ao que D. Affonso III accedeu, dando-lhe o nome de *Villa Viçosa* e assignando-lhe por termo a parte austral do concelho de Extremoz.

fonso III se achava completamente destruída a povoação que anteriormente houve no chão de Villa Viçosa, o que não é exacto.

Ainda hoje se conservam restos d'ella no extremo sul, no chão denominado *Aldeia*, — outr'ora *Aldeia dos Bugios*.

Correspondia aquella aldeia ás *mourarias* e *judiarias* d'outras povoações, — e os seus habitantes tinham tambem na *Amedina* a rua dos Bugios, para viverem no tempo da guerra. — Como o chão da dita aldeia fosse pouco defensavel, por estar em um valle, os sesmeiros ordenaram a fundação da nova villa no morro que lhe ficava ao norte e sobre elle edificaram a alcaçova, em fôrma de trapezio, — e a cerca na encosta, em fôrma de quadrado, tendo tres portas: — a de Extremoz, a N., — a d'Evo-  
ra, a O., — e a d'Oliveira ou do Sol, a S., todas no meio de torreões. D. Fernando, entre outras obras de defeza, mandou abrir a E. a porta d'Elvas, no meio de duas torres quadradas, — e a O. a da Torre, que tomou o nome de Menagem (homenagem).

Mandou tambem fazer duas torres separadas no muro da cerca, do lado N., e uma outra do lado E., hoje muito desaprumadas e separadas do muro, por serem de construção posterior a elle.

Este antigo castello, não obstante ter perdido as ameias e parte do parapeito, existe ainda sem grandes ruínas, podendo ainda hoje subir-se facilmente aos seus muros, d'onde se disfructa um esplendido panorama sobre a villa e seus arredores até grande distancia.

No suburbio do Outeiro de Ficalho, no proprio local onde se ergue a ermida de S. Thiago, esteve o templo de Prosepina, de que nada resta.

Existiram tambem tres aras ou lapides votivas da mesma deusa, que Rezende archivou nas suas *Antiguidades da Lusitania*, assim como tambem duas lousas sepulchraes, sendo uma de Plutarco e outra de Petronio Cautinense. Estas lapides provam incontestavelmente a existencia de um vico ou aldeia de tempo dos romanos no mesmo local da moderna Villa Viçosa, e que foram recolhidas no alpendre da igreja de Santo Agostinho.

Existe ainda hoje, no muro de um quintal da alameda, em uma viella, junto á porta de Extremoz, a estatua de uma esphyng (monstro fabuloso com rosto de mulher), e que é denominada pelo povo a Villa Viçosa antiga, apontando-a como reminiscencia d'ella.

Data, portanto, a fundação da moderna Villa Viçosa de 1267, dando-lhe foral de villa D. Affonso III em 1270.

E', pois, muito regular a planta d'esta villa e as suas ruas estendem-se de NO. a SE. na direcção do valle que vae de Borba a Paradaes, na Fonte do Sueiro, — e são cortadas por outras de NE. a SO.

São as transversaes denominadas travessas, com excepção das de Santa Cruz, d'Evora e Espirito Santo, que estão no centro da villa.

Tem uma extensão de 1:030 metros de N. a S. e 1:300 de O. a E., tendo além d'isso muitos largos arborizados e boas fontes de excellente agua.

Pela belleza do seu solo, André de Rezende, na sua obra intitulada: *De Antiquitatibus Lusitaniae*, deu a esta villa o nome Callipole, tirado do grego e que significa



VILLA VIÇOSA — Avenida do Carrascal

villa ou cidade formosa, bella e amena, pelo que os seus habitantes se intitulam — *Callipolenses* — em vez de *Villaviçosenses* ou *Villaviçosanos*.

#### BRAZÃO D'ARMAS DA VILLA

O antigo brazão d'esta villa era um castello de prata entre duas torres tambem de prata, em campo verde, tendo o castello por cima da porta as quinas e sobre elle a imagem da padroeira do reino, porém, usa actualmente do seguinte brazão:—tres castellos d'ouro em campo azul.

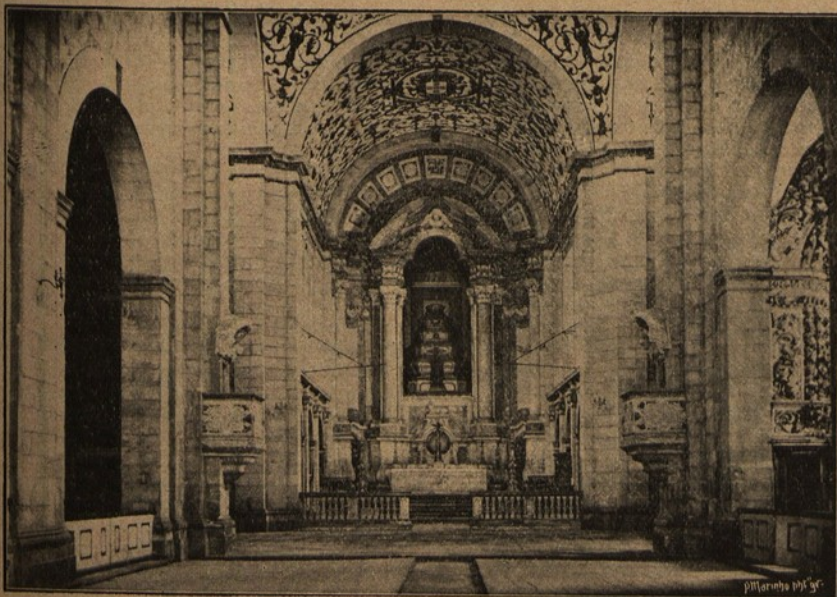
#### PAROCHIAS D'ESTA VILLA

São duas:—matriz, tendo por orago Nossa Senhora da Conceição do Castello, padroeira do reino, por eleição e resolução das côrtes de 1646, e S. Bartholomeu, ambos priorados.

A igreja matriz, de Nossa Senhora da Conceição, demora na *alameda* ou villa primitiva; é um espaçoso templo com tres naves, separadas por dois renques de columnas doricas. Tem tres porticos e uma só torre á direita do frontespicio, que se ergue sobre um amplo adro, lageado de fino marmore de côres em xadrezes azues e brancos, tendo aos lados o cemiterio municipal.

Este templo, celebre em todo o paiz por ser cabeça da *ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa*, instituida por D. João VI em 1818, e por ser a casa da padroeira do reino, que está em um camarim, por baixo da tribuna da capella-mór, fechado com rotulas de prata, foi reedificado pela ordem de Aviz, em 1572 a 1600, á custa dos dizimos e do duque de Bragança D. Theodosio II, pae d'el-rei D. João IV.

Promovem o culto da Virgem duas irmandades:— a de *Nossa Senhora da Conceição do Castello ou dos officiaes*, que consta de juiz, escrivão e thesoureiro, — e a dos *Escravos*, que tem 21



VILLA VIÇOSA — Interior da igreja dos Agostinhos

mezarios perpetuos, sendo todos cavalleiros natos da ordem militar de *Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa*, assim como tambem o prior e beneficiados d'esta igreja.

Ha na mesma parochia mais as seguintes confrarias: — Santissimo Sacramento, Santo Nome de Jesus, Nossa Senhora do Carmo, S. Pedro, S. José e Santissima Trindade.

#### PAROCHIA DE S. BARTHOLOMEU

Esta parochia, desde 1865 está estabelecida na igreja pertencente ao collegio de S. João Evangelista, situado na Praça da Princeza Amelia.

Esta igreja, que foi acabada em 1604 pelo duque D. Theodosio II, e por elle destinada para casa professa de jesuitas, tem a fórma de cruz latina, — seis capellas

marmore azul e branco, bom lavatorio com golfinhos de caudas enroscadas e saída para o jardim.

O desenho d'esta igreja é obra do architecto d'Elvas José Francisco d'Abreu.

Foi feita de esmolas de romeiros que vinham de varias terras da provincia, e principalmente de Borba, venerar a milagrosa imagem da Santa Virgem, chamada então Senhora da Lapa dos Milagres.

#### CONVENTO DOS AGOSTINHOS

E' este convento coevo da fundação da villa, sendo-lhe lançada a primeira pedra, como já disse n'outro lugar, em 5 de maio de 1267.

E' o melhor templo de Villa Viçosa, não obstante ser de uma só nave.



VILLA VIÇOSA — Paços do Concelho

lateraes com outros tantos altares, mais dois no arco do cruzeiro, além do altar-mór. — O seu frontispicio é magestoso e elegante, de bello marmore branco de Montes Claros, em galerias com pilastras e cimalthas entre os seus tres porticos e janellas superiores ladeado por duas torres. — E' um templo magnifico, dos maiores d'esta villa, — e n'elle se acham erectas a confraria do Santissimo Sacramento, a de Nossa Senhora do Rosario e a congregação de Nossa Senhora do Soccorro.

#### EGRFJA DE N. S. DA LAPA

E' o mais moderno dos templos que Villa Viçosa possui e tambem o mais elegante. Está situado no Campo do Carrascal, e foi fundado em 1756, pondo-lhe a primeira pedra o bispo deão D. João da Silva Ferreira, com licença do arcebispo d'Evora D. Fr. Miguel de Tavora e a clausula de ficar sujeito á jurisdicção immediata dos arcebispos da mesma cidade, e exempta do padroado d'Aviz e da jurisdicção do prior da matriz do Castello. — Tem a fórma de cruz latina, tendo dois altares no cruzeiro e o altar-mór, tudo com retabulos de marmore polido, azul, branco e vermelho.

O pulpito, que é incontestavelmente o mais perfeito que Villa Viçosa possui, é tambem de marmore de côres.

E' magnifica a sacristia; tem no centro aparador de

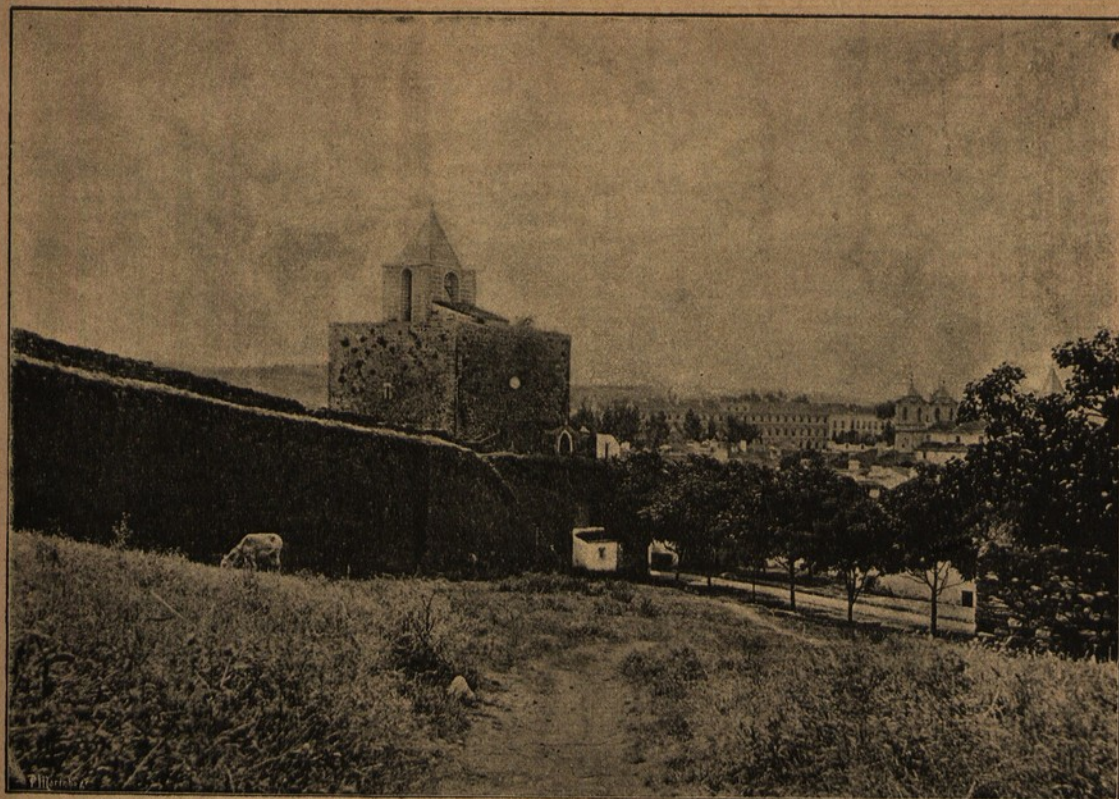
O frontispicio olha para o Terreiro do Paço; é de marmore, e tem tres esbeltas janellas que dão luz ao côro, encimando-o duas elegantes torres, mediando entre ellas uma varanda com parapeito de marmore arrendado.

A igreja tem a fórma de cruz latina e é precedida de um alpendre magestoso, fechado por gradaria de ferro.

Tem seis capellas no corpo da igreja, dois altares no cruzeiro, e a capella-mór. — As paredes são interiormente revestidas de marmore branco até á cimaltha; o chão é assoalhado com xadrezes azues e brancos, do marmore de Montes Claros, e os altares são lavrados em marmore branco, azul, vermelho e preto.

Era este convento muito estimado por el-rei D. Diniz, que lhe deixou no seu testamento um legado de 100 libras. — Não o era menos dos duques, pois o elegeram para seu pantheon e o reedificaram por varias vezes.

A sua igreja actual é reedificação de D. João IV. — Lançou-lhe a primeira pedra em 14 de julho de 1635, mas por causa da guerra da restauração só em 1677 foi concluida, já no reinado de D. Pedro II, collocando-se então os restos mortaes dos duques nos novos tumulos, que são seis, em fórma de capellas, e transferiram-se os restos mortaes dos irmãos dos duques para os quatro tumulos do arco do cruzeiro, ficando ainda vazio um, destinado para os ossos do infante D. Duarte, irmão do



VILLA VIÇOSA — Porta dos Remedios

restaurador, que ainda hoje se conservam em Milão.

No plano do presbyterio estão 2 mais singelos, para creanças, e no centro do cruzeiro, em campã lisa, debaixo do zimbório, que é octogonal e tem 4 janellas, está D. Rodrigo de Lencastre, conde de Lemos e marquez de Sarria, parente dos Braganças.

O convento fica ao norte da igreja; é hoje quartel militar e não poucas alterações se teem allí feito, principalmente desde 1890 em que se estabeleceu a Escola Pratica de Cavallaria.

Para mais claramente se poder avaliar da grandeza d'este convento, basta dizer que nos altares só havia lampadas e castiças de prata; e os da capella-mór e

cruzeiro tinham, entre os castiças, dez bustos de prata, mandados por D. João V. — Todas estas e outras mais alfaias levaram os francezes em 1808, pesando tudo 28 arrobas e 10 arrateis.

#### PALACIO REAL

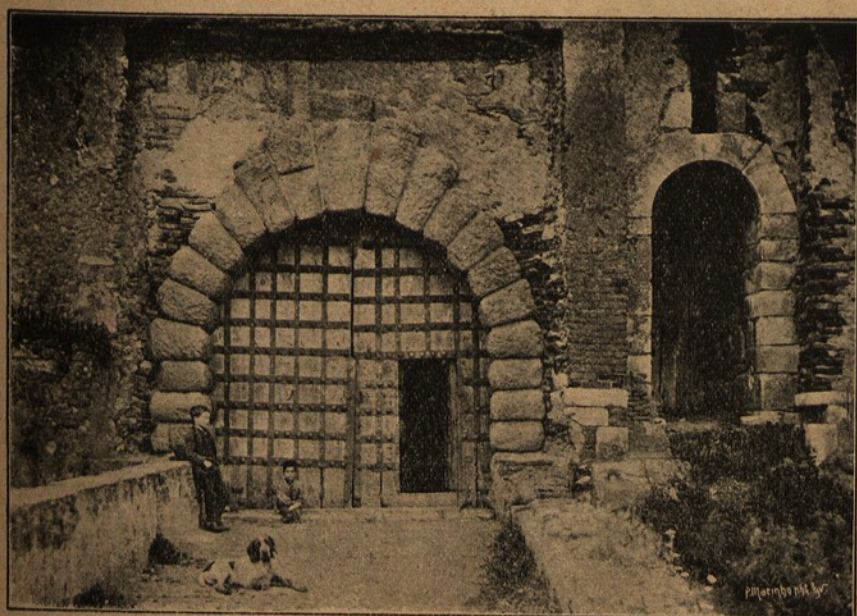
Ergue-se este palacio ao norte da villa sobre o grande — Terreiro do Paço, occupando as faces N. e O. — e é todo de marmore branco de Montes Claros.

Olha para E. — e a sua fachada principal tem quatro pavimentos, que representam os quatro estylos architectonicos, pois que o 1.º pavimento ao rez-do-chão é de

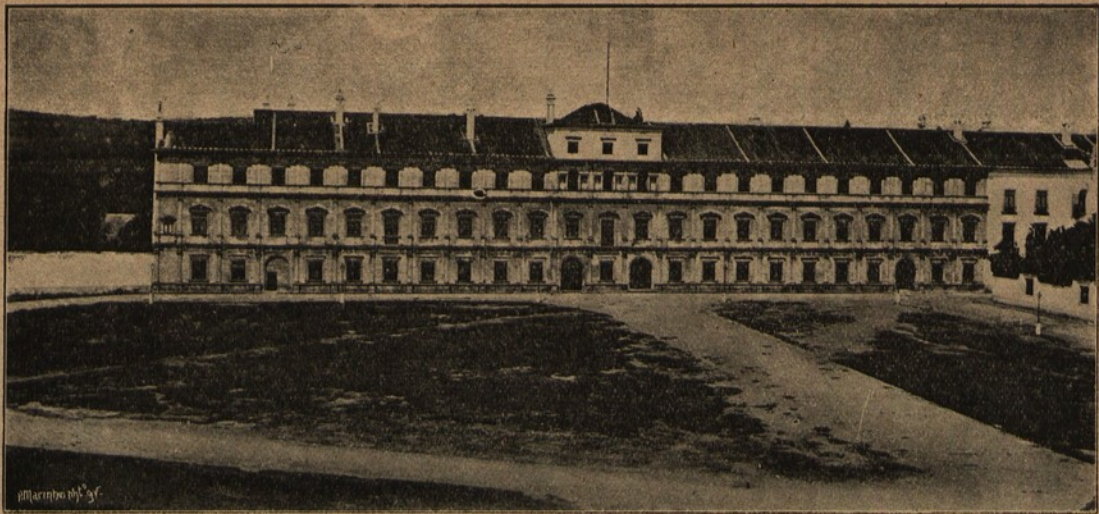
estyllo — *dorico*, — o 2.º é — *jonico*, — o 3.º — *corinthio*, — e o 4.º — *composito*. — Este ultimo pavimento tem apenas 3 janellas e a meio da grande fachada, tendo cada um dos outros pavimentos 23 janellas de frente.

A parte posterior do palacio olha para os jardins, aos quaes se segue o *Reguengo*, vasta propriedade com tres hortas annexas, formando uma bella quinta com portas para o grande largo do Carrascal.

Na parte do edificio que olha para o sul está o *Jardim do Bosque*, onde se acham os quartos *Novos* ou *Reaes*, com janellas de sacada, sendo a frontaria de cimento em tres andares, — a torre da capella, — e varias casas ao fundo, sobresaindo entre ellas a tradicional *Casa de Lisboa*, junto ao *Chafariz d'El-Rei*. — Este jardim, que occupa a face N. do Terreiro do Paço, tem sobre elle janellas d'onde as



ENTRADA PRINCIPAL DO CASTELLO



VILLA VIÇOSA — Palacio Ducal

damas assistiam ás cavalhadas e torneios. Este palacio, feito em substituição do que esteve no castello, onde viveram o condestavel D. Nuno e os primeiros duques, foi começado por D. Jaime, em 1501, e continuado e ampliado pelos seus successores.

D. Theodosio II fez a grande fachada de marmore, deixando em meio o 2.º pavimento, que D. João V acabou, realisando tambem importantes obras em todo o edificio. D. José I mandou reedificar os *Quartos Novos*, em 1770; D. Maria I fez parte do 3.º andar da frente e do 2.º das trazeiras, até ligar aos *Quartos Novos*, que accrescentou, e fez a casa de jantar.

As paredes das numerosas salas e quartos eram antigamente guarnecidas de preciosas telas de brocados, veludos e guadamecins, bordados a ouro e prata, e cobriam-lhe os pavimentos custosas alcatifas.

Tem, presentemente el-rei o Sr. D. Carlos realisado alli importantes melhoramentos no interior do edificio.

Existem tambem na *Sala dos Tudescos* os retratos a oleo dos duques, pelo notavel pintor francez Quillar, ao serviço de D. João V.

#### PAÇOS DO CONCELHO

Este vasto edificio está situado na faceira-sul da Praça da Princeza Amelia, olhando para o norte. Alli estão estabelecidas: — a cadeia e casa para o carcereiro, administração do concelho, repartições da secretaria da camara, bibliotheca, repartição de fazenda e conservatoria. — Em baixo estão os açougues do peixe, da carne, e ha pouco para alli se transferiu o tribunal judicial, para a casa chamada da farinha, o qual funcionava no andar nobre.

Este edificio foi concluido em 1757, no reinado d'el-rei D. José e n'elle se celebrou a primeira sessão camarária, em 2 de julho do mesmo anno.

Não está averiguada onde foram as primeiras casas da camara, mas julga-se que deveriam ser no adro da Matriz do Castello; é certo, porém, existirem extra muros da cerca de D. Diniz, ao sudoeste da torre de Homenagem.

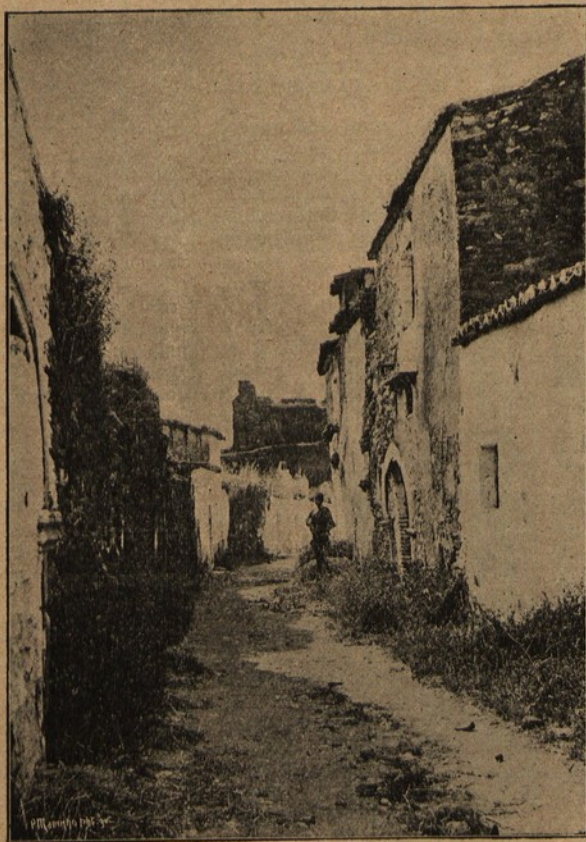
Foram estes paços municipaes da Praça Velha demolidos em 1664, quando se construíram as obras exteriores do castello moderno, celebrando a camara as suas sessões em casas de aluguer até ao anno de 1757, em que lhe foi feito edificio proprio.

.....  
 Existe ainda na Praça Velha o pelourinho, que tem approximadamente oito metros d'altura. — Tem a base quadrada e sobre ella, em uma peanha azul, se levanta um monolitho, tambem de pedra azul, formando uma columna quadrada, encimada por uma roca e uma pyramide.

A pequena distancia está na Torre de Homenagem o relógio do concelho, denominado Carracena, por ter sido o primeiro sino d'elle partido pelo marquez de Carracena, em 1665, a tiros de canhão. Assim o commemora a legenda que se vê no sino actual, feito em substituição d'aquelle e que diz:

*Carracena me quebrou, sendo eu de grandeza tal, que não havia outro que me egualasse em todo o reino de Portugal.*

Era o velho sino, n'aquella occasião, destinado principalmente para dar o signal de rebate, quando se approximavam os castelhanos.



VILLA VIÇOSA — Rua do Bugio no Castello, onde foi o palacio do condestavel D. N no Alvares Pereira





VILLA VIÇOSA – Igreja de Nossa Senhora da Lapa

Termino esta breve noticia sobre Villa Viçosa, pois que muito mais ha que dizer, attendendo á estreiteza do espaço de que posso dispor; podendo, comtudo, os leitores avaliar da sua notabilidade e esplendor pelo *Compendio de Noticias de Villa Viçosa* do fallecido escriptor

o Rev. Padre Joaquim José da Rocha Espanca, que é d'entre os que sobre ella teem escripto aquelle que mais profundamente estudou a historia da terra que lhe foi berço e que elle tanto honrou.

P. MONTEIRO.

## LITTERATURA BRAZILEIRA

### ESTRELLA DOLORIDA

Pallida estrella, pallida e sombria  
Como o rosto de um monge solitario,  
Lembras a luz de um triste alampadario  
N'uma nave deserta, escura e fria.

De um céu de hynverno, lugubre, mortuario,  
Perdida e só, na abobada vasia,  
Penso, ao te ver tão cheia de agonia,  
Que illuminaste a scena do Calvario!

Talvez, no entanto, ó lyrico de pureza,  
Nenhum motivo tenhas de tristeza,  
Remorso algum te offusque a luz afflicta...

Porque almas ha só feitas de amargores,  
Corações que só vivem para as dôres,  
Sombria estrella, pallida e bemdita!

### AVE, MARIA!

Bemdita seja essa visão serena  
Que hoje aos meus sonhos, soberana, desce;  
Esse perfil hebreo que respandece  
Como o da Santa Virgem Nazarena!

Bemdita seja a candida açucena  
Que entre os lyrios do céu, casta, floresce,  
E que por mim, piedosa, o céu esquece  
E a agonia do somno me asserena!

Clamem, radiando, os astros que supplantas,  
E as estrellas e o luar, clame o infinito:  
— «Gloria na Altura á Santa entre as mais Santas!»

— «Amen!» digam-te os anjos, noite e dia,  
Que eu dentro da alma, trémulo, repito:  
— «Bemdita sejas tu, doce Maria!»

Recife.

PAULO DE ARRUDA.

### LUAR DE OUTOMNO

Sob o gelido azul de um céu doentio,  
Funereo quadro de sombria escola:  
Banhando arvores suas, desenrola  
Ondas verdes e lugubres, o rio.

Do outomno passa em tudo o calafrio  
E em tudo os nossos corações desola  
A tristeza das cousas que se evola  
Sob o gelido azul de um céu doentio.

Mas a treva amortalha o sol do Poente,  
A agonia da luz, do occaso as magoas,  
E abrem-se as nuvens todas lentamente...

Abrem-se as nuvens lentamente... e ondeia  
No espelho verde das immotas agoas  
O rosto d'ambar de uma lua cheia!

### MENDIGOS

Quantas vezes trilhamos, desgraçados,  
Da vida humana os asperos caminhos:  
Vós, em busca de esmolas, fatigados,  
Eu, fatigado, em busca de carinhos.

Aos que tiverem sedas e brocados  
Invejaes a riqueza, ó pobresinhos,  
E eu mais invejo ainda os namorados,  
— Aves que dormem no frouxel dos ninhos.

Como de porta em porta, sem abrigo,  
Noite e dia seguís, — afflicto sigo  
De coração em coração, assim...

E, assim, lastimo as esperanças mortas,  
Pois, como para vós fecham-se as portas,  
Os corações se fecham para mim!

Recife, 1897.

CELSE VIEIRA.

# UM DRAMA EM CAMINHO DE FERRO

POR HENRIOT



— Estou com sorte! Sósinho n'um compartimento!



— Que cara tão sinistra!... Felizmente trouxe o revolver comigo.



— Como elle olha para mim!  
— O meu companheiro tem uma cara de patife... Olha para todos os lados... Quererá elle chloroformisar-me?



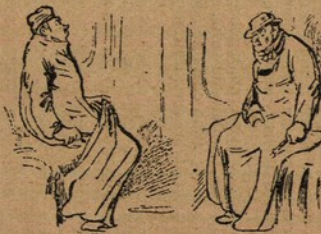
— Corre a cortina para se aproveitar da escuridão!... Mas eu estou de olho alerta...  
— Parece-me que está á espera que eu adormeça para me cahir em cima... mas eu não prégo olho...



— Se lhe mostro medo, assassina-me...  
— O que o faz hesitar é o meu ar de valentia...



— A campainha de alarme está-me ao alcance da mão.  
— Só tenho a estender o braço para chegar á campainha d'alarme.



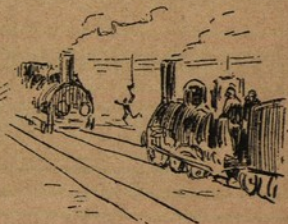
— Levanta-se!  
— Ergue-se!



— Se faz um movimento, morto-o!  
— Se dá um passo, assassino-o!



Disparam: os dois revolvers erram a pontaria. Instintivamente correm para a campainha d'alarme.



O comboio pára bruscamente a 50 metros d'outro comboio que vinha pela mesma via. Os dois companheiros de viagem são recompensados pela ideia genial de terem feito parar o comboio!

# A VELHA E O TRAGICO



**C**ONHECI uma velha que tinha uma figura de fuinha, bandós á virgem e um par d'oculos azues.

Habitava em Batignolles uma pequena casa, d'onde nunca quizera mudar-se porque alli lhe tinha morrido o papagaio. — que não era nenhum imbecil, porque falava duas linguas: a lingua franceza e a sua linguagem natural.

Entretanto, não se podia alli viver, porque no mesmo patamar, do outro lado, havia um atelier de pintor; e quando ha pintores que habitam o mesmo patamar de uma velha que tem uma figura de fuinha e oculos azues, esta está infallivelmente votada ás mais endiabradas partidas.

Assim, um dia era uma campainhada: a velha corria á porta, para abrir, e achava-se na presença do esqueleto que servia para os estudos de anatomia, que, envolvido n'uma capa á hespanhola, com a mão na anca e um cigarro acceso nos dentes, esperava sorrindo com o seu eterno sorriso.

Outras vezes, eram cartas que a velhota recebia annunciando-lhe ricas heranças ou a sorte grande.

Foi, pois, com um immenso allivio que ella soube um bello dia que o senhorio tinha despedido os seus terriveis visinhos, por estes se terem esquecido de lhe pagar cinco mezes de renda.

A velha, a partir d'este momento, viveu em continuos transes preparatorios até ao dia em que notou que o atelier estava outra vez occupado.

Espreitou pela porta entreaberta a mudança do inquilino, mas não viu o mais pequeno quadro nem um unico cavallete: evidentemente não era um pintor que ia morar para alli, mas era talvez um esculptor. A velha, esmagada sob o peso do receio, foi ao cubiculo da porteira para saber noticias.

Encontrou-se lá com o novo inquilino: era um rapaz, solido como uma locomotiva e negro como um charuto; falava como um trovão e tinha, sobretudo uma cabeça de uma energia selvageme terrivel, com cabellos emmarranhados como uma intriga de Sardou, olhos brilhantes como dois pharoes e a maxilla inferior saliente como para morder. Havia n'aquella cabeça alguma coisa de um Marate de um Nero.

A velha deu um salto de terror, não se atreveu a entrar no cubiculo e galgou as escadas a quatro e quatro como um rato a que tivessem açulado um gato.

No dia seguinte, depois de ter sonhado toda a noite com roubos e assassinatos, correu ao cubiculo da porteira para vêr se sabia quem era o novo visinho de figura de mata moiros — mas a porteira era surda como uma porta e a velha ficou apenas sabendo que o inquilino do atelier era um artista.

Artista, para ella, queria dizer pintor ou esculptor. Na realidade, o homem era um tragico; habitava um atelier porque, quando ensaiava os seus papeis, precisava de um

espaço vastissimo. Não podia articular *Inferno* sem caminhar dez metros pela casa e *Damnação* sem correr para rua.

Para estar continuamente na moldura dos seus papeis, mandou forrar o atelier de panno preto semeiado de lagrimas de prata. O tecto, tambem negro, era semeiado de estrellas lividas. Caveiras e tibias cruzadas ornamentavam os cantos, e a cada lado de um leito enorme e preto, que simulava um catafalco, onde o tragico dormia, dois grandes cirios amarellos illuminavam á noite, de um modo lugubre, aquelle recanto original mas pouco alegre.

Nos primeiros dias não se ouvia uma mosca. De quando em quando, a velha tremia ao ouvir choques espantosos que faziam estremecer toda a casa: era o tragico que batia o pé no chão recitando versos; mas um dia abrindo a porta para ir buscar o seu jantar, ás seis horas, ficou tremula ouvindo uma voz cavernosa que gritava !!

*Has-de morrer ! !*

A velha apurou o ouvido e olhou para todos os lados. *Has-de morrer !* repetiu a voz com uma energia crescente.

A velha ia tendo um desmaio e, encostando-se ao corrimão, olhou para baixo. Sim, *has-de mor... r... rer ! ! !* uivou a voz.

D'esta vez a velha notou que as ameaças partiam do outro lado da porta do visinho. Era simplesmente o tragico que procurava uma intonação.

Não duvidando que se ia praticar um crime, a velha começou a tremer como uma compota de geleia e quiz correr a prevenir a policia, mas faltaram-lhe as forças e teve de se sentar durante alguns minutos nos primeiros degraus da escada.

De repente, a porta do atelier abriu-se; o olhar rapido que a velha deitou atravez dos seus oculos azues para o interior da casa do tragico, que sahia, não lhe mostrou nenhum cadaver como ella esperava, mas, fazendo-lhe vêr os funebres quadros e as caveiras, o medo redobrou-lhe. Ia para entrar em casa da porteira para lhe contar a sua descoberta, quando subitamente: *«Has-de morrer !»* disse por traz d'ella a voz terrivel, silvando pelos dentes cerrados do tragico, que continuava a procurar a sua intonação.

A velha, espantada, fugiu para a rua.

O tragico, que seguia sem lhe prestar atenção, resmungou de novo o seu *«has-de morrer.»*

— Meu Deus, meu Deus, pensou a velha, é evidentemente a mim que elle quer assassinar.

E perdendo completamente a cabeça subiu para um omnibus de Batignolles-Clichy-Odeon, para fugir ao seu perseguidor. Havia justamente dois logares em frente um do outro no interior; a velha installou-se, suspirando emfim; — mas em frente d'ella, o tragico sentou-se por sua vez, com as feições contrahidas, os olhos flamejantes, mordendo de um modo terrivel o cabo do guarda chuva e movendo os labios para dizer as palavras fatidicas que só ella entendia: *Has-de morrer ! Has-de morrer ! Has-de morrer !*

O omnibus rodava, o tragico murmurava e a velha tremelicava.

Todo entregue ao seu estudo, o outro olhava para ella sem a ver e fazia-a passar do medo ao espanto e do espanto á loucura; ella ouvia a terrivel ameaça no rodar do carro e no tilintar dos vidros; o tragico tomava aos seus olhos as proporções de um demonio; viu-o crescer, crescer, nascerem-lhe chifres na testa e os olhos injectarem-se-lhe sangue... Quiz levantar-se para fugir, mas as pernas recusaram-se a caminhar; abriu a bocca para dar um grito; não sahio senão um suspiro... Foi o ultimo.

A velha de figura de fuinha inclinou a cabeça para o peito, os oculos azues escorregaram-lhe para a ponta do nariz, e ficou assim, parecendo dormir.

E nos boulevards, o tragico, continuando a procurar a sua intonação, desceu do omnibus para ir tomar o habitual absintho, sem suspeitar que acabava de colher o mais bello triumpho que um tragico possa ambicionar.



A PRAIA DE PEDROÇOS—(Aquarella de Roque Gameiro)

# OS PARLAMENTOS DO MUNDO

IV

## ITALIA

O REINO de Italia está submittido ao regimen constitucional, e a nova Constituição é o *Statuto*, prometido por Carlos Alberto, rei da Sardenha, aos seus subditos, em 8 de fevereiro de 1848, o qual se promulgou em 4 de março seguinte. Compõe-se de oitenta e quatro artigos.

N'elle se dispõe que o poder legislativo se exerça collectivamente pelo rei e pelas duas camaras. O monarcha apenas tem o poder executivo; commanda o exercito e

rante tres annos tenham pago 3:000 liras de impostos directos, proprietarios ou industriaes.

Os principes da casa real entram no senado aos vinte e um annos e têm voto aos vinte e cinco.

O senado póde constituir-se em alto tribunal de justiça para julgar os crimes de alta traição, os que attentam contra a segurança do Estado e os ministros accusados pela camara dos deputados. Excepto em caso de flagrante delicto, nenhum senador póde ser preso sem or-



PALACIO DO PARLAMENTO ITALIANO

a armada, declara a guerra, faz tratados de paz, de aliança, de commercio, etc.

As duas camaras têm direitos eguaes; mas toda a lei para impôr contribuições deve ser primeiro apresentada á camara dos deputados. Estes ultimos e os senadores são os unicos juizes para a verificação dos poderes dos seus respectivos collegas.

Os senadores, cujo numero é illimitado, são nomeados pelo rei; o seu cargo é perpetuo, devem ter quarenta annos feitos e pertencer a qualquer das vinte e uma categorias especificadas n'um artigo do *Statuto*: bispos, deputados depois de tres legislaturas, ministros, embaixadores e plenipotenciarios depois de tres annos de exercicio do seu cargo, a alta magistratura, generaes e almirantes, conselheiros de Estado e membros da academia e do conselho superior de instrucção publica. Tambem se concede o direito aos que por serviços ou meritos eminentes hajam illustrado a patria, e aos subditos que du-

dem especial do corpo a que pertence, unico juiz dos individuos que o compõem.

O rei nomeia o presidente e os vice-presidentes do senado. As despezas que este faz annualmente andam por 500:000 liras.

Para poder aspirar ao cargo de deputado é preciso ser subdito do rei, ter trint'annos feitos e gozar de todos os direitos civis e politicos. Os deputados elegem-se por cinco annos e nomeiam o presidente e vice-presidentes da camara. Sem o consentimento d'estes nenhum deputado póde ser preso.

A lei actual fixa o numero dos deputados em 508, e em 1:350 o dos collegios eleitoraes, distribuidos pelas 69 provincias do reino. Os collegios de 5 deputados não podem ser menos de 33 nem mais de 38, e nos pontos onde tem de se eleger 5, cada eleitor não póde inscrever na sua lista mais de quatro nomes, pois deve deixar-se logar para as minorias.

O orçamento da camara dos deputados é de umas 850:000 libras annuaes,

Os senadores e deputados não recebem retribuição nem são indemnizados de maneira alguma; o Estado paga-lhes apenas as viagens em caminhos de ferro ou nos navios subsidiados pelo thesouro publico.

Estas viagens custam umas 800:000 libras annuaes.

O Parlamento italiano realisa as suas sessões n'um grandioso monumento situado na praça do Puento Citorio. E' o antigo palacio Ludovisi, edificado em 1650 por Beruini. Sob o pontificado de Innocencio XII converteu-se em Palacio de Justiça.

## HISTORIAS PARA CRIANÇAS

### A AVÓ, A NETA E O MALFEITOR

(VERSÃO ALGARVIA)

QUE noite, que noite aquella!

Chovia que Deus a dava, e na pequenina aldeia reinava um triste e morno silencio, apenas interrompido pelas bategas d'agua, cahindo sobre os telhados e pedras da calçada.

N'uma pequena e bonita casa a uns cem passos da aldeia, avó e neta, muito conchegadas á lareira, fazem serão. A avó fia, na sua roca, brancas estrigas de linho; a neta, que, a instancias da avó, largou um trabalho de bordado, lê, attentamente, as proezas do antigo Portugal. Que linda que é a avósinha!

O seu rosto, emmoldurado por formosos cabellos brancos, ainda mais brancos que as estrigas de linho que ella fia, respira a mais doce paz e tranquillidade; os seus olhos, posto que já cançados pelo peso dos annos, têm uma tal suavidade, que a gente até chega a pensar que devem ser assim os olhos dos velhinhos que estão no ceu; e a alvura da sua mimosa cutis, ainda é maior que a dos seus cabellos brancos de neve. Que formosa avósinha!

E a neta?

Devia ser assim a avósinha quando, ha cincoenta annos, contava os seus dezeseis. Cabellos de ouro, olhos rasgados, uma bocca que parece mesmo um sacrario aberto; até a avósinha se sente remoeçar quando é beijada no rosto pela neta querida. E então a voz? Sente se a gente encantada quando a ouve! Que musica tão suave! Deve ser assim o gorgeio das aves com que os anjos brincam no paraíso.

A agua continuava a despenhar-se dos beirões; avó e neta, como que alheias ao que vae lá fóra, teem a sua attenção concentrada nas proezas praticadas pelos nossos soldados nos campos da Mauritania.

De repente, no quarto proximo, ouviu-se um pequeno rumor. Ambas voltaram a cabeça e ficaram attentas. Novo rumor se fez sentir, cahindo, depois, tudo no maior silencio.

—Minha neta, parece-me que o *Minucias* anda a fazer das suas. Vê lá o que é. Elle é tão guloso!

A neta levantou se, foi ao quarto, mas voltou logo enfiada e cheia de terror.

—Avósinha! A janella está aberta, e um homem acaba de se esconder debaixo da cama.

E ainda a neta não tinha acabado de dar a terrivel noticia, quando um homemzarrão, alto como uma torre, de longa barba hirsuta, appareceu entre portas.

—Boas noites, senhor, disse a avósinha. Como deve estar molhado! Assente-se aqui proximo ao fogo, emquanto a minha neta lhe faz alguma coisa de ceia.

«Coitado! Está mesmo uma sôpa!

O visitante pareceu indeciso, mas, depois de ter lançado um olhar duro por toda a cosinha, disse:

—Pois venha de lá a ceia, e que não falte uma boa pinga!

E assentou-se n'um banco proximo ao fogo.

Pouco depois, o homem assentava-se a uma pequena mesa, e, puxando d'uma enorme navalha, cortava um pedaço de pão começando a devorar tudo quanto a neta lhe apresentava.

—Vossemecês, que andam por essas terras, devem passar grandes trabalhos, não é verdade? Perguntou a avó.

—Lá isso é verdade! Mas, ás vezes, ainda mais trabalhos passam aquelles e aquellas que não sahem de casa! disse o homem dando uma gargalhada feroz, que gelou o sangue da pobre neta. Entretanto, a avó respondeu com a maior tranquillidade:

—Os trabalhos são uma lei fatal, e não ha nada que não soffra.

«O homem, a mulher, os grandes animaes ferozes, o humilde bichinho de terra, a planta, a flôr, as aves, o mar, as florestas, todos teem o seu dia d'amarguras.

—*Hom'essa!* Você está tonta? Então as plantas tambem soffrem?

«Talvez se sintam desmaiar quando veem uma navalha aberta! disse o homem alvarmente.

—Se soffrem! ainda mais do que as criaturas humanas, porque nós podemos bradar, gritar, pedir que nos accudam, ao passo que as plantas, não tendo voz, teem de concentrar em si mesmas todas as suas dôres. Veja que trabalhos não passou este linho antes de chegar á minha roca! Que torturas, que soffrimentos, que dôres elle não tem supportado sem poder dizer: *Accudam-me que me matam!*

E a avósinha repetiu: *Accudam-me que me matam!* em voz tão forte, que até parecia impossivel ella possuir uma voz d'aquellas!

—E, quando a semente cahe das mãos do lavrador, sobre as pedras duras dos campos, se o linho tivesse voz diria: *Aqui d'el-rei que me matam!* disse ainda a avósinha.

—E quando a pata do pesado boi pousa sobre a pobre semente, se ella podesse diria: *Aqui d'el-rei que me matam!*

—O' velha! Você faz uma barulhada que é capaz de acordar toda a aldeia!

—Ah senhor! Já ninguem estranha isto. Chamam-me até a *doida do linho*, por eu ter a mania de fazer estas reflexões.

«E quando a flôr da mimosa planta sente que a mão da distrahida donzella a separa da haste, que era toda a sua vida, se ella podesse diria: *Acudam-me que me matam!*

«E quando o segador as corta brutalmente e o gramador faz cair o pesado braço da gramadeira sobre as hastas reunidas, se ellas tivessem voz bradariam: *Accudam-nos que nos matam!*

De repente, porém, a fragil porta da casa da avó cae feita em pedaços.

Meia duzia d'homens armados invadem a casa bradando:

—O que é isso, visinha? O que é isso, tia Victoria?

—Não é nada, visinhos. Era eu que contava uma historia a este senhor.

—Mas quem é este marau?

—Não sei. Estava deitado debaixo da minha cama.

—Esperem lá, esperem lá! Mas este typo é o *Braço Forte*, que já me roubou na estrada de Ourique e que tem mais mortes do que cabellos, disse um almocreve.

—Sou, sim, e vamos a ver se espatifo mais um!

E correu armado da navalha para a porta. Uma pancada, porém, dada com alma, deixou-o atordoado, sendo logo preso e muito bem preso.

Sabe, avósinha! Não a julgava tão manhosa! O tal conto do linho foi uma bonita invenção. Muito bem, muito bem!

—Olha, minha neta. Com os maus todas as manhas são licitas desde que não prejudiquem a nossa honra. A virtude tem obrigação de lutar contra a maldade. A virtude é uma força que póde resistir contra todos.

J. D'ATHAYDE.

# A ALEGRIA DA VIDA

A Domingos Guimarães

O horror da morte!... A morte... lugubre vexame.  
O horror da morte!... A morte, em si, não vale nada,  
Mas o que vem depois... A podridão infame,  
O nauseabundo cheiro... A cal... A terra... A enxada!...

A morte, em si, não vale um pranto, a morte é bôa,  
Morrer é descansar, e a vida é tão ingrata  
Que muitos cançam logo .. — Alma penada, vôa!  
Cançado coração, á terra, sem bravata!

Cançado, vaes dormir a Eternidade a fio!  
Mas essa corrupção pestilenta, esses vermes  
Que irão gosar a salvo o nosso corpo frio!  
Pensal-os a roer... Nós mudos, nós inermes!

(Inédito)

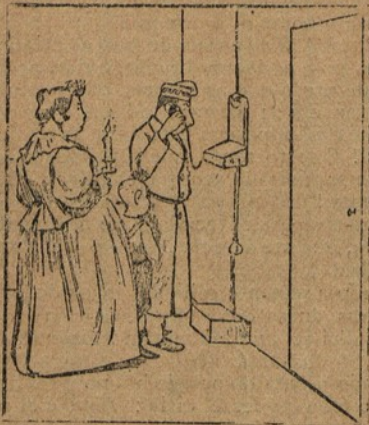
O descanso da morte!... E quem nos assegura  
Que vamos repousar, que não soffremos mais?  
Tudo o que diz respeito á morte é coisa escura,  
E a Sciencia não dissipa a duvida aos mortaes...

Desde a *Primeira Luz* affirmam altas vozes  
A socegada paz, a paz que a morte encerra...  
— Abre essas covas!... Vê! que rictus tão atrozes!  
Abre essas covas!... Vê! o morto morde a terra!

Maldizei sem cessar as horas dos amores  
Ensanguentadas mães, que a desgraçada sorte  
Dos filhos d'esse amor, dos filhos d'essas dores,  
E' supportar a vida e o grande horror da morte!

MARTINHO DE BREDERODE.

# SURPREZA D'ANNOS



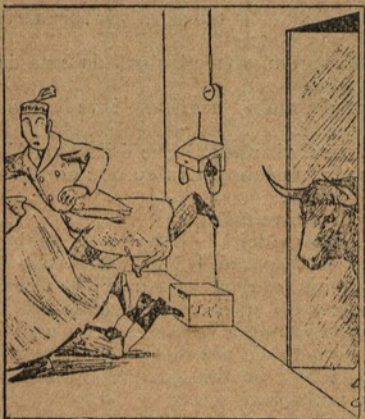
Faz annos o Braz Honorio!  
E esse dia tão feliz  
E' um soberbo regaloerio,  
Para elle, esposa e petiz.

Ao telephone eil-o agora  
Todo taful e jarreta.  
Já vem pela rua fóra  
Um presente de chupeta.



Manda-lh'o o Lucas, amigo  
E camarada da infancia.  
Diz-lhe a mulher, a Venancia:  
— E' surpresa! eu que t'o digo!...

A' porta a creada vôa.  
— Está lá fóra o Gregorio!  
— Manda entrar, diz a patroa,  
— Manda entrar, repete o Honorio.



E alegres como uns cucos,  
Sem nada que os apoquente,  
Correm á porta, os malucos,  
A receber o presente.

Mas em vez de uma offerta  
Que mais tarde se agradeça,  
Pela porta entreaberta  
Um toiro mette a cabeça.



O sus.o não foi pequeno,  
Mas maior ainda seria  
Se atraz do toiro não surge  
O Gregorio Vacca Fria.

Agora, sem que estremeça  
Diz a Venancia, em protesto:  
— Já que mandou a cabeça,  
Mandasse tambem... o resto!

SYLVIO.

# O FADO

**O** *Fado* é a cantiga que define um povo. Melancólica e apaixonada, como o temperamento da raça que o deu á luz, ella tem na sua toada somnolenta alguma coisa de magoado em que transluz toda uma epopeia roxa de saudade. Da antiga tradição aventureira e sonhadora que nos tem vindo pelos seculos fóra até estacar na miseria inérte d'hoj'em dia, é ella o grito mais fundo e mais bem lançado que da alma de uma na-

d'olhos vendados se caminha; se amanhã não houver pão, Deus o dará; ao longe é a bruma e para ella se vae, inconscientemente, não antevedendo perigos, desdenhando obstaculos, abandonando conselhos da consciencia; d'ahi, a valentia do portuguez, a sua tenacidade, a sua ingenuidade e o seu bom fundo. Quem mal não pensa mal não cuida. *O Fado* foi, pois, a cantiga mais consentaneamente inventada para companheira d'este simples *deixar correr*



cionalidade tem sahido—grito que só se dá a sós com o coração, grito intimo de tortura e descalabro de ambições. A' ventura pelos mundos de Christo, sacola ao hombro e bordão de peregrino a quem nada preoccupa, —peregrino da illusão — o portuguez leva sempre nos labios a doce cantiga do *Fado*, como balsamo para todas as magoas e incentivo á sua sensibilidade. Raça de poetas e viajeiros, não se dá comnosco a fria realidade;

que reside em nós todos. Luctas da alma, saudades de tempos idos e coisas desaparecidas, queixas d'amante desprezado, soluço amargo de uma dôr occulta, tudo isso ella traduz com um sentimento pungente e doloroso. A mesma ironia é coada por lagrimas; abranda nas inflexões do lamento e em vez de irritar, sensibilisa; amollece os intuitos; quer ferir e affaga, quer apunhalar e dá a vida.



# PAGA O JUSTO PELO PECCADOR



## COISAS ALÉGRES

### O CANTADOR DE SETUBAL

(Veja-se o numero anterior)

O leitor vae saber dos serviços publicos do cantador, narrados por elle proprio.

Quando eu tinha vinte annos  
Fui da guarda nacional,  
Experimentei por meu mal  
Mil falsidades e enganos.  
Soffri mil perdas e dannos  
Que nem d'elles lembrar-me quero,  
E quando algum descanço espero  
Acabada esta milicia,  
Fui para cabo de policia  
E foi o pago que me deram !

Sete annos por desgraça  
Andei servindo de trôlha,  
Porque a maldita lei da rôlha,  
Na bocca me poz mordança.  
Andei servindo de graça  
De beleguim e de espião,  
Sem ganhar soldo nem pão  
Fardando-me á minha custa,  
E por final de tudo, a justa  
Fui parar n'um batalhão.

Oito annos com verdade  
Andei por desgraça minha,  
Servindo em segunda linha  
Estragando a mocidade.  
Ja cançado na idade  
Chegando aos quarenta e trez,  
Sirvo de novo entremez  
Em tudo quanto aqui pinto,  
Pois sendo do batalhão extincto  
Vou para a policia outra vez !

Agora velho e cançado  
Até falto de vista estou,  
E d'esta sorte ainda sou  
Para a policia nomeado !  
N'este lastimoso estado  
Ninguem tem de mim clemencia,  
E se alguma excelencia  
Por quem é não me valer,  
Servirei até morrer  
Armado de paciencia.

N'esta minha freguezia  
Escapa sempre pela malha,  
Muito corpo de palha  
Que para nada tem valia.  
Só eu cheio de agonía,

De familia rodeado,  
Por ser pobre mal fadado  
Ninguem me serve d'empenho,  
E como padrinho não tenho  
Morro sem ser baptizado.

Um terçado ferrugento,  
Uma sebenta japona,  
Um bonét velho de lona  
E' todo o meu fardamento.  
N'este estado tão nojento  
Meus males ando sentindo ;  
Tropeçando e cahindo  
Ainda por meus peccados,  
Vejo andar uns afilhados  
Da minha desgraça rindo !

Se acazo um homem adoece  
De qualquer constipação,  
E por esta mesma razão  
A's ordens não aparece,  
O regedor se enfurece ;  
E para mostrar o seu poder  
Manda-me logo prender ;  
E cahindo n'esta esparrella  
Nem ao menos o Palmella (\*)  
Acho para me defender.

\*

Repetimos a segunda decima do numero ultimo, por ter sahido inintelligivel. O sr. Antonio Eusebio, analfabeto como é, difficilmente poderia fazer versos correctos ; mas fal-os comprehensiveis. Pedimos tambem para notar ao leitor, que os dois epigramas ao pelourinho, por não vi-rem separados por asterisco, nem por isso teem entre si mais relação do que o assumpto. Da improvisação d'um ao outro, mediou algum tempo.

Deus te salve pelourinho,  
Pedra das nossas fianças  
Recordação de lembranças,  
D'este povo... coitadinho !  
Quem quiz ser padrinho  
D esta columna de presos,  
Que olhando a tantos despresos  
De ti fez e não fez pouco  
O tumulo do Man'el Côco  
Com quatro faróes acesos ? !

EVENES.

(\*) Era o redactor do jornal de Setubal.

# SECÇÃO RECREATIVA

## MOLHAR UM PAPEL BRANCO EM TINTA SEM O ENNEGRECER

É preciso, antes de tudo, um tinteiro grande e de bocca larga.

Depois de se ter enrolado o papel em fórma de cylindro, mergulha-se no tinteiro, e retira-se em seguida coberto de tinta.

Ponha-se em um prato o boccado assim manchado, que demonstra que o tinteiro estava cheio de tinta preta.

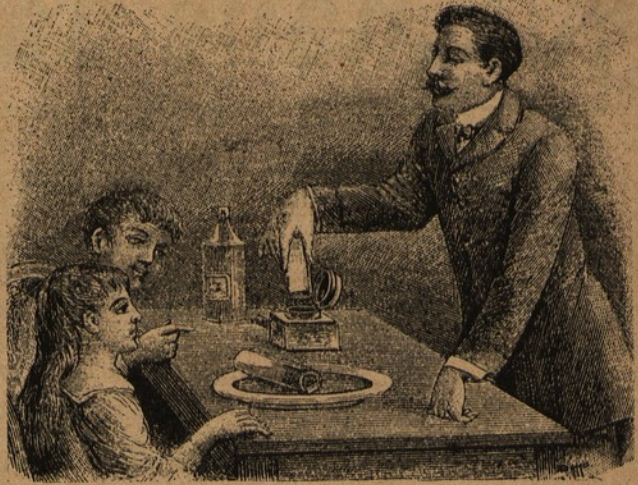
Para substituir a tinta trazida pelo papel e encher o tinteiro pegue-se novamente no frasco de tinta, que está sobre a meza e deite-se o conteúdo do tinteiro.

Faça-se agora mergulhar na tinta uma folha semelhante á precedente, retire-se depois da experiencia, e vêr-se-ha que está tão branca como d'antes.

Percebe-se que ha um mysterio que vamos desvendar.

O tinteiro contém muito liquido mas o frasco não. E' um velho frasco de tinta, muito secco interiormente, no qual se introduz, ás escondidas, pez loiro finamente pulverisado.

Fingindo-se deitar a tinta no tinteiro, salpica-se de pez loiro a superficie da tinta; desde então pôde introduzir-se ahí, sem receio, a folha de papel á qual o pez loiro fórma uma camada protectora não molhada pela tinta.



Retirando-se o papel, dá-se-lhe uma sacudidella que faça cahir o pó no tinteiro; e se se operar com habilitude ninguem saberá do estratagemas que se empregou.

## BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	1\$300 réis.	2\$600 réis
Africa Portuguesa.....	800 "	1\$600 "	3\$200 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$200 réis	2\$400 réis	4\$800 réis

## LISBOA EM CAMISA

POR

## GERVASIO LOBATO

Um volume, 2.<sup>a</sup> edição, illustrado por CELSO HERMINIO

PREÇO 600 RÉIS, BROCHADO

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA

BREWER E MOIGNO

# A Chave da Sciencia

Ou a Explicação dos Principaes Phenomenos da Natureza

OBRA AMPLIADA NA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

POR

HENRIQUE DE PARVILLE

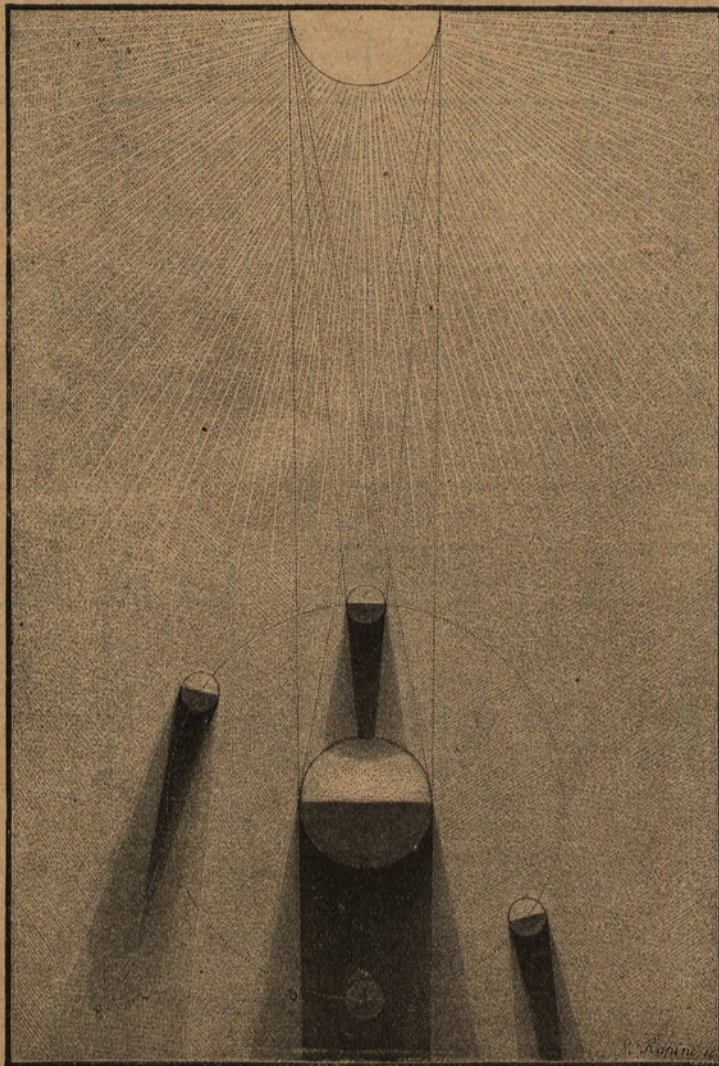
TRADUZIDA EM PORTUGUEZ

POR

JOSÉ QUINTINO TRAVASSOS LOPES

Embellizada com mais de 400 gravuras

Completamente refundida pelo traductor  
e por elle enriquecida com um grande numero de novos exemplos, perguntas,  
definições e problemas.

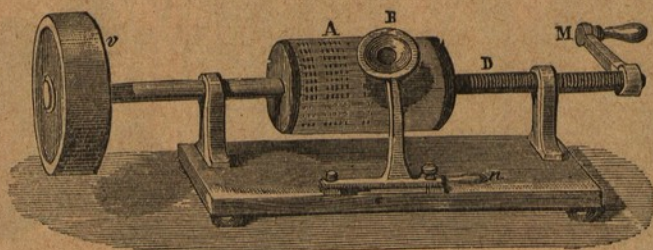


Biographies dos benemeritos da sciencia,  
interessantes experiencias de physica recreativa, novos inventos, descobertas  
e applicações das sciencias, artes e industrias, etc., etc.

THEORIA DOS ECLIPSES — Gravura extrahida da *Chave da Sciencia*

A sciencia mais interessante, disse o auctor d'esta obra no seu prefacio, é a que explica os phenomenos que diariamente presenciamos. E é verdade. — Porque sobe um balão ao ar? porque pára? porque desce? — Porque é necessario voltar a frente na direcção que a carruagem vae seguindo, e inclinar o corpo um pouco para traz, se quizermos descer com a carruagem em movimento? — Se as nuvens são devidas á evaporação da agua do mar, por que é que a agua da chuva não é salgada? — Por que se emprega o sal para conservar a carne?

A estas e a mil outras perguntas, que as creanças fazem diariamente, quantas vezes se responde mandando-as calar, ou tratando de ridicula a sua tão natural curiosidade?! E como esse mau expediente e essa critica situação lembram aquelle pae, que declarou ter sido preciso que o filho chegasse á idade de lhe fazer perguntas, para se convencer de que realmente ignorava muitas coisas que suppunha saber! Pois a razão de taes phenomenos não pôde nem deve ser conhecida sómente d'aquelles que se instruíram nos diversos ramos do saber humano. A vulgarisação despreziosa da sciencia, no que ella tem de simples e de interessante, é o mais valioso serviço que se pôde prestar á instrucção d'um povo, para o esclarecer e lhe combater os prejuizos.



O HONOGRAPHO DE EDISON, gravura extrahida da *Chave da Sciencia*

Esta edição apresenta um desenvolvimento verdadeiramente superior ao da edição franceza, desenvolvimento que se pôde dividir em tres partes: — noticia das principaes descobertas, invenções e applicações que chegaram ao nosso conhecimento, depois da publicação da ultima edição franceza; — uma secção que permite saber, com clareza, algumas particularidades mais ou menos relacionadas com o phenomeno, destinada áquelles que queiram possuir uns conhecimentos geraes e elementares da sciencia de que se trata; — uma secção de exemplos, applicações e experiencias interessantissimas e tão numerosas, que a primeira parte da obra contém mais de 110 exemplos e applicações, e mais de 80 experiencias.

---

UM BELLO VOLUME EM FORMATO GRANDE

**ENRIQUECIDO COM 119 GRAVURAS EXPLICATIVAS**

Brochado 1:500 rs. Encadernado 2:000 rs.

---

Livraria de Antonio Maria PEREIRA — Editor

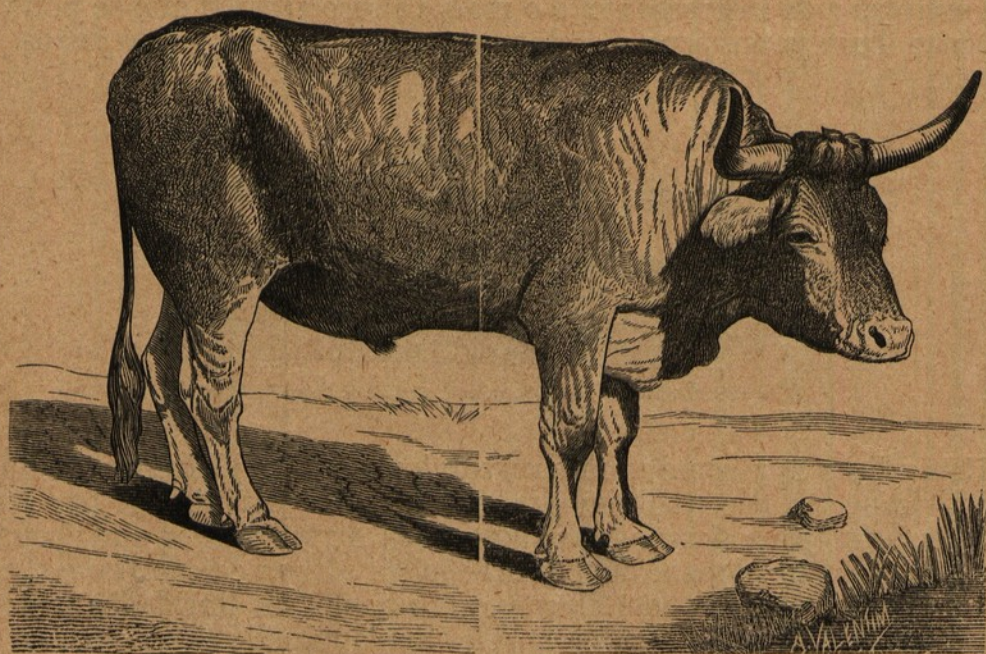
50, 52 E 54, RUA AUGUSTA, 50, 52 E 54

LISBOA

PAULO DE MORAES

# MANUAL PRATICO DE AGRICULTURA

DEDICADO AOS AGRICULTORES DO REINO, ILHAS E COLONIAS



RAÇA MINHOTA OU GALLEGA, gravura extrahida do *Manual de Agricultura*

Acabamos de publicar esta obra, a primeira que existe no seu genero em lingua portugueza, e que, apesar do seu modesto titulo, se póde classificar como uma verdadeira **encyclopedia d'agricultura pratica**. Eis aqui indicados, o mais summariamente possivel, os assumptos que n'ella são tratados, com o desenvolvimento necessario para se dizer tudo o que se precisa saber, sem palavriados superfluos nem espalhafatos de erudição, que para nada servem em obras essencialmente praticas como esta :

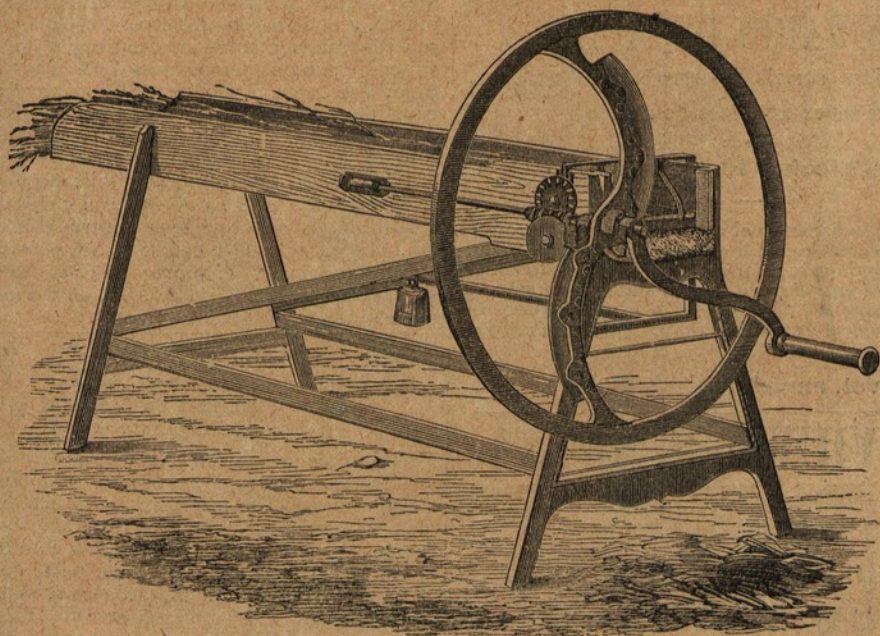
## Primeira parte

I — Principios geraes de botanica, indispensaveis a quem se dedica á lavoura — Agentes naturaes da vegetação — Exposição, climas — Terrenos — Meios de fertilisar o solo — Mechanica agricola — Correctivos e estimulantes — Esterco e outros adubos — Irrigação e drenagem = II — **Culturas arvenses** — Cereaes cultivados em Portugal — Cereaes de paizes quentes — Plantas leguminosas comestiveis, cultivadas em Portugal — Tuberculos e raizes alimenticias, cultivadas em Portugal — Plantas alimentares farinaceas de raiz e de espique dos paizes quentes — Prados e pastagens de Portugal — Plantas forraginosas dos paizes quentes = III — **Horticultura** — Preceitos geraes — Descrição das culturas hortícolas praticadas em Portugal — Plantas hortícolas dos paizes quentes = IV — **Viticultura, vinificação e distillação** — Cultura da vinha — Parasitas animaes e vegetaes da vinha — Accidentes da vegetação — Vinificação e fabrico do vinho — Fabricação da cidra — Alcooes, aguardentes e sua fabricação — Estabelecimento d'uma distillação agricola = V — **Plantações de paizes quentes** — A planta de café — A planta de chá — A canna saccharina — Outras plantas intertropicaes que dão assucar = VI — **Arvores fructiferas** — Multiplicação, enxertia, educação, plantação, poda e conservação das arvores fructiferas — Arvores fructiferas de Portugal — **Arvores fructiferas dos paizes intertropicaes** = VII — **Arvores silvestres** — Arvores silvestres cultivadas em Portugal em diversos paizes — Principios sobre a plantação, criação e aproveitamento das arvores em arbustos

mencionados no capitulo antecedente — Productos florestaes: peso de 1 stere ou metro cubico de diferentes madeiras: carvão; solos e climas das arvores: sementeiras e emprego das madeiras — Arvores florestaes da Africa Portugueza e de outras regiões intertropicaes da America e da Asia; algumas arvores do Brazil que dão boa madeira, classificadas por familias = VIII — Plantas industriaes e economicas — Especiarias — Plantas pharmaceuticas — IX — Doenças das plantas.

## Segunda parte: Animaes domesticos

I — Animaes domesticos, sua classificação = II — Alimentação animal, composição, classificação, regras; equivalentes dos diferentes alimentos em relação ao feno; calculo das rações = IV — Preparação e distribuição dos alimentos — Condimentos e bebidas. — Influencia do volume, da fórma e do estado dos alimentos. — Rações alimentares dos animaes domesticos. — Percentagem que os animaes agricolas tiram em média dos diversos principios nutritivos dos alimentos. = V — Economia dos animaes: hygiene e desinfectação dos estabulos; alimentação; pastoreação; limpeza e resguardo. Multiplicação, raças, melhoramento e cruzamento, escolha do reproductor, caracteres d'um animal bem constituido = VI — Bovideos — Generalidades, bois domesticos e seus parasitas; raças bovinas portuguezas; criação dos bovinos; alimentação e regimen conforme o fim a que é destinado; engorda do gado bovino; qualidades de carne; vaccas leiteiras = VII — Ovidios — carneiros e seus parasitas; raças portuguezas; criação e alimentação; ração; bebidas; reprodução; engorda; hygiene; pastores e cães; regimen do gado lanigero entre nós; castração; urdenha; producto do gado lanigero; idade do carneiro; baceira. Cabra commum e seus parasitas; duração da cabra; estabulação e productos = VII — Fabri-



CORTA-PALHA — Gravura extrahida do *Manual de Agricultura*

cação da manteiga e do queijo = IX — Suinos — Raças de porcos em Portugal, qualidades, regimen, castração, engorda, etc. Creação e ceva de porcos no Alemtejo = X — Equideos — Cavallo. Muars. Jumentos = XI — Aves domesticas — Gallo. Perú. Ganço. Pato. Pintadas. Pombos = XII — Insectos directamente uteis = XIII — Animaes apropriados á agricultura dos paizes quentes — Generalidades: Cavallo; cavallo da Asia; raças de Malasia. Muar. Jumento. Dromedario. Elephante. Raças de bois de trabalho, de açogue, e leiteiras dos paizes quentes — Zebú, suas diferentes raças. Raças da India. Buffalo. Yack. Cabra. Carneiro. Porco.

## Terceira parte: Combinações agricolas. Contabilidade. Hygiene rural.

XIV — Combinações agricolas — Captaes agricolas. Compra ou arrendamento de uma propriedade agricola. Plano cultural, etc. etc. = XV — Afolhamentos — Alternação das especies e das familias; theoria dos afolhamentos; principios a seguir; rotação quadriennial; quantidade de adubos necessarios para restituir ao solo aravel os elementos subtrahidos durante a rotação de 4 annos. = XVI — Contabilidade agricola = XVII — Hygiene do agricultor = XVIII — Costumes agricolas.

A obra é dividida em 2 volumes em formato grande com perto de 1:500 paginas e de 500 gravuras explicativas. Preço, solidamente encadernada em chagrin e percalina, 7\$500 réis. Em brochura, 6\$000 réis. Pelo correio para qualquer ponto de Portugal ou ilhas; mais 500 réis. Para a Africa, mais 800 rs. Para o Brazil, mais 2\$000 réis.

PEDIDOS À

*Livraria de Antonio Maria Pereira — Editor*

50 A 54, RUA AUGUSTA, 50 A 54 — LISBOA

## O RISO AMARELLO

NOVO LIVRO DE  
SILVA PINTO

1 volume no mesmo formato e no mesmo typo dos livros do mesmo auctor *N'este valle de lagrimas, Philosophia de João Braz e A Queimar Cartuchos.*

Brochado 500 réis, encadernado 700 réis

## DICCIONARIO DE MOEDAS

pesos, medidas e mais informações commerciaes  
de todos os paizes do mundo

por  
José Nicolau Raposo Botelho

Este livro, indispensavel a todos os que exercem a profissão do commercio em qualquer ponto do mundo, apresenta a indicação de todas as moedas, pesos e medidas de Portugal, de todas as colonias portuguezas, e de todos os paizes do globo. Além d'isso, contém todas as indicações e materias proprias d'um dicionario de geographia commercial.

1 vol. encadernado, 800 rs.

## A VIUVA SIMÕES

ESPLENDIDO ROMANCE DE COSTUMES FLUMINENSES  
Pela illustre escriptora brasileira

D. Julia Lopes de Almeida

1 VOLUME BROCHADO 500 RÉIS

## A obra internacional

por  
MAGALHÃES LIMA

Novo livro d'este insigne publicista, e onde se acha condensado todo o socialismo moderno.

PREÇO 400 RÉIS BROCHADO

JOÃO CHAGAS

## DE BOND

Acaba de apparecer este delicioso livro do grande jornalista. N'elle se descreve imparcialmente a vida no Brazil e especialmente no Rio de Janeiro, e se estuda a actual civilisação brasileira. — 1 vol. 500 réis.

## OBRAS

DE

## Marcellino Mesquita

I — *Dôr suprema*, tragedia burgueza (2.ª edição), 1 vol. 400 rs.

II — *Na azenha*, esplendido livro de contos, 1 vol. 500 rs.

III — *O velho thema*, drama em 5 actos, 1 vol. br. 400 rs.

IV — *O Regente*, tragedia historica em 12 quadros, 2.ª edição, 1 vol. br., 400 rs.

«Em Marcellino Mesquita está um poeta que pretende occultar-se, e que não perde occasião de se disfarçar, pertinazmente, da melhor maneira possivel. Mas quando a paixão rompe as cadeias do sentimento, a onda harmoniosa transborda, a prosa torna-se n'um canto, e corre com murmurios suaves de rio ou com gemidos tempestuosos de mar! N'este seu livro, *Na Azenha*, facilmente se comprova a asserção. Tirando se os pedaços onde domina, primordialmente, o *descriptivo*, descriptivo magnifico, d'uma simplicidade de purissima arte, sobria e minuciosa, que fno conto inaugural, ja publicado no *Branco e Negro*, e na *Desforra do Maioral* culminantemente se afirma, na maior parte dos outros contos a paixão do poeta prevalece e canta: *O Segredo de Clotilde*, *A Declaração*, *A Caminho do Ceu*, *No Paraiso*, e sobretudo aquelle *Beijo de Mãe*, de tão extraordinaria e funda intensidade dramatica...»

## TRAGEDIAS DA VIDA

Notavel romance de JOÃO SALGADO

CONSUL DE PORTUGAL NA BAHIA

E' um magnifico romance, no genero dos romances-folhetim, cheio de admiraveis situações, cortado de episodios d'alto interesse dramatico, e que prendem o leitor, captivando-lhe a attenção n'um interesse progressivo, que só termina com o desenlace do livro. A acção passa-se em parte na grandiosa serra da Arrabida, e a grandeza do scenario mais favorece ainda a grandeza de muitos lances terriveis que o auctor alli faz representar com uma tal intensidade de colorido na descripção, que chega a dar-nos a impressão da realidade. Em resumo, é no seu genero um romance de primeira ordem, e que vem firmar a reputação do auctor, já tão brilhantemente accentuada com a publicação do seu outro romance *Os Silverios*.

1 grosso vol. de 450 pag., broch. 500 rs. Enc. 700 rs.

## LITTERATURA BRAZILEIRA

por

VALENTIM MAGALHÃES

*Exposição, critica e excerptos documentaes dos melhores prosadores e poetas brasileiros. 1 volume adornado de muitos retratos, e formando, além do bello trabalho critico do auctor, um delicioso album de poesias e prosas; br. 600 réis, com uma linda encadernação, 800 réis.*

# Branco e Negro



MENSAGEIRA DO AMOR — (Estatua em marmore de M. Caroni)

PREÇO 50 RÉIS

N.º 80



Só anda a pé  
quem quer!!

Réis 1\$000

SEMANAES

Réis 1\$000



Só anda a pé  
quem quer!!

Réis 1\$000

SEMANAES

Réis 1\$000

# Columbia e Hartford

Bicyclettes americanas da celebre fabrica dos Srs. POPE & C.<sup>a</sup> — AMERICA. Unica fabrica no Mundo que applica o aço nickel na FABRICAÇÃO das bicyclettes.

O MAIOR SORTIMENTO DE ACCESSORIOS

PARA TODOS OS SYSTEMAS DE BICYCLETES

**PNEUMATICOS HARTFORD**

Usados por todos os cyclistas de preferencia a todos os conhecidos até hoje

**CASA COLUMBIA**

21, RUA IVENS, 25

LISBOA

## VERDADEIRO CHRISTOFLE

E

ALFENIDE DE 1.<sup>a</sup> QUALIDADE

Completo sortimento de louça d'alluminium de 1.<sup>a</sup> qualidade

### FILTROS MALLIÉ

Porcelana de amianto, *Theories Pasteur*. Prix Montyon.  
Academia das Sciencias, 1893. Paris.

N. B.—Estes filtros não teem ligações de cautchouc.

### AGUA DE COLLALLI—MONTALCINO ITALIA

Recommenda-se esta agua a todas as pessoas que soffram de rhins e bexiga.

ANTIGA CASA JOSÉ ALEXANDRE

8 a 12, RUA GARRETT, 8 a 12 — LISBOA

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 80

LISBOA, 12 DE OUTUBRO DE 1897

2.º ANNO

## A ELECTRICIDADE



NOTAVEL QUADRO DE KANDLER

# VIAGENS NO PAIZ

(XXVII)

## O ALGARVE



OLHAO.—Vista do N. tirada da torre da igreja.

É uma das mais pittorescas regiões do paiz a provincia do Algarve, agora visitada por Suas Magestades. A vegetação é de uma luxúria farta, correm aguas por entre os seus bosques de perfumada alfarrobeira e o azul do céu é mais intenso e mais metallico que n'outra qualquer parte. Sahindo da aridez escaldada do Alemtejo torrido, a transformação faz se subitamente, e é um encanto ir ver deslizando a paisagem florescente do Algarve, com os murmurios das suas aguas correntes e a magestade das suas plantações uberrimas.

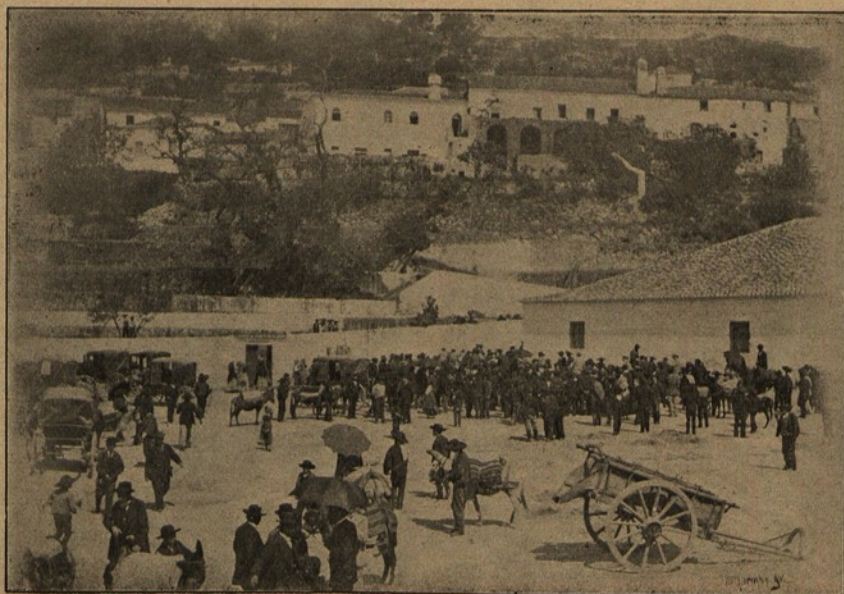
Como faixa estreitissima de terra, apertada entre o

mar e a serra, o Algarve divide-se por isso naturalmente só em duas zonas: a da serra e a do mar.

A produção mais caracteristica é a alfarrobeira, que só existe n'aquella provincia e que brota expontanea, bem como a palmeira rasteira, ambas originarias da Africa. Tem além d'isso a figueira, a laranjeira, a vinha, a oliveira, o trigo de inverno e da primavera, e o milho.

O Algarve é um paiz essencialmente maritimo e a industria da pesca é uma das suas fontes de riqueza.

Antigamente, as costas do Algarve eram infestadas pelos piratas argelinos, que por mais de uma vez allí de-



PRAÇA DE MONCHIQUE



MESSINES — Vista geral de S. Bartholomeu tirada da estação

ram terríveis assaltos. Nos seus mares se travaram grandes batalhas navaes de esquadras estrangeiras. Hoje, ainda o contrabando alli é frequente e ha uma esquadilha especial encarregada de auxiliar o serviço fiscal na costa.

O Algarve, extendendo-se por toda a beira-mar, tem um aspecto formosissimo. As suas paizagens lembram as paizagens do Oriente, quentes e vibrantes, deliciosamente perfumadas.

Os naturaes d'aquella região teem, mais do que quaesquer outros portuguezes, vestigios profundos do dominio arabe. O typo caracteristico do algarvio é profunda-

mente arabico; o modo como pronunciam a lingua tem uma certa indolencia, e parece uma vaga melopela cantada; distinguem-se pela viveza da imaginação e pela finura do espirito. Audaciosos navegadores e excellentes marinheiros, eram escolhidos especialmente, como os melhores remadores do reino, para tripulantes da galeota real; por isso se denominavam *os algarves*.

Estas rapidas notas, lançadas ao correr da penna, não dão sequer uma pallida ideia do que é aquella encantadora porção de terra meridional. N'um proximo artigo mais desenvolvido e mais completo, daremos curiosas impressões sobre o Algarve.

## SONHO FLORIDO

### I

Ha muito que eu vivia abandonado,  
sem um riso d'amor, sem um carinho.  
Mas hoje vejo o céu todo estrellado,  
mas hoje vejo em flor todo o caminho !

Deus ouviu-me chorar, lá, nas alturas,  
onde chega a oração dos que tem crença,  
e disse-me : « Alma que andas ás escuras  
dou-te este amor, envolto em luz immensa. »

E logo vi jorrar luz e harmonia  
por todo o mundo esteril e deserto ;  
e um anjo mysterioso que descia,  
envolto em astros, do alto céu aberto !

### II

Meus companheiros, que me viram triste  
a procurar do amor a terra Santa,  
agora me perguntam : « — O que viste ?  
por que esta aurora nos teus olhos canta ?

Andavas, como nós, por este mundo  
de pés descalços, roto, ensanguentado...  
andavas, como nós, no mar sem fundo,  
sem um pharol do porto desejado...

e agora andas de galas revestido,  
cantando hymnos d'amor e de ventura :  
— que mão fez que sahisse re florido  
o Sonho que lançaste á sepultura ? — »

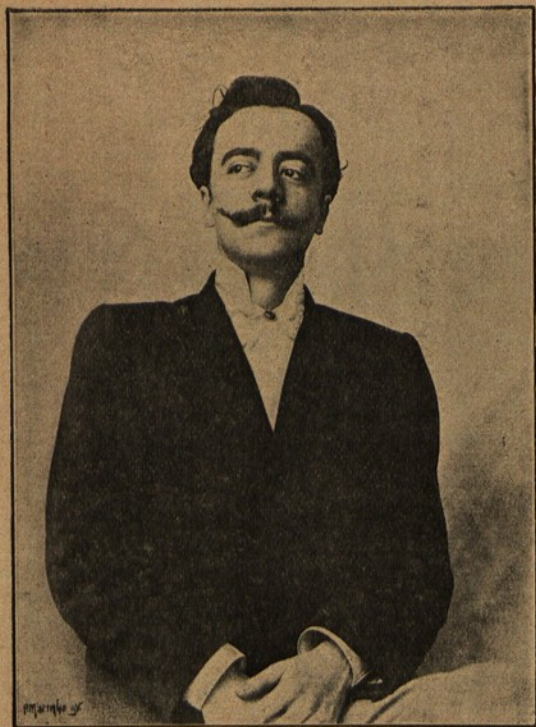
### III

Meus tristes companheiros, Deus conhece  
os que têm alma para crer e amar,  
e nunca deixa d'escutar a Prece  
dos que ajoelham junto ao seu altar !

Vinde, como eu, pedir-lhe que desfaça  
a nuvem que anda em vosso coração,  
que novamente aos vossos olhos passa  
das illusões a etherea procissão !

Ireis, como eu, caminho da ventura,  
— creanças loucas a cantar e a rir —  
vendo no chão, que fôra sepultura,  
novos Sonhos e crenças a florir !

# CELSO HERMINIO



escuras, e, para cumulo, vendo desabar de um céu de chumbo uma chuva torrencial. Mas o aguaceiro passou, o céu mostrou-se de um azul intenso e o sol cahiu do alto, inundando tudo n'uma luz carinhosa. De mais, noticias posteriores davam o Rio devastado pela febre amarella. Ainda assim, não desanimámos. Fomos interrogando um a um, com uma paciencia de beneditinos, todos os que tinham vivido na terra farta do oiro e chegámos á conclusão de que precisavamos de ter casa no arrabalde, distante da cidade, e uma vida regrada e sedentaria para termos *mais probabilidades* de escapar ao fantasma amarello.

E fomo-nos ficando. A vida desligou-nos do compromisso que tinhamos tomado um para com o outro e separou-nos, dando a cada um destino differente dos nossos sonhos d'então. Nunca, porém, deixei de seguir o Celso passo a passo na sua carreira de artista, com a intima satisfação de o vêr progredir e alcançar, emfim, uma certa popularidade que arrastou comsigo, inevitavel, a encommenda de trabalhos. Mas a lucta terrivel pela vida não o fez perder nenhuma das qualidades que havia innatas n'elle, como a satisfação de se vêr festejado lhe não alterou o character immaculado e as suas maneiras de camarada amigo. O Celso continuou a ser tão modesto como sempre, de uma modestia tão excessiva até, que muitas vezes o prejudicou.

Desde que se fundou o *Branco e Negro* o Celso trouxe-nos sempre o seu valioso concurso aligeirando em paginas desopilantes o assumpto serio e mostrando o seu enorme talento de caricaturista, que, depois do grande Raphael Bordallo, foi o primeiro que conseguiu chamar a attenção publica.

Agora, o Celso deixou-nos por esse Brazil que tinha já preocupado a sua imaginação ha cinco annos. Vae illustrar as paginas de um jornal, supplementos semanaes, tudo o que á sua actividade e á sua verve faiscante o dr. Fernando Mendes peça. Vae a est'hora caminho d'esse Sonho que tivemos e ao fim do qual deve haver para elle a rutila fulguração da gloria e a justa satisfação das suas ambições de artista.

O *Branco e Negro*, apezar de se vêr privado da sua collaboração, nem por isso deixa de lhe desejar as maiores felicidades em terras d'além-mar.

José SARMENTO.

**H**A bons cinco annos, tivemos nós a idéa de despegar d'aqui e, com a nossa mocidade e a nossa ingenuidade — elle com o seu lapis esperto e a sua graça, eu com a minha boa vontade — irmos procurar a esse Brazil encantado e feiticeiro o que a nossa terra nos não dava — o dinheiro. Abancados á meza de um café, com uma cerveja deante de nós e um mau cigarro na bocca, traçámos planos de vida, dispozemos do publico como se esse publico não pensasse senão em nós, no que haviamos de fazer para o entreter, e assentámos na publicação de um jornal de caricaturas e n'um livro que, ao chegar, atirassemos com liberalidade para as mãos de um editor. Esse livro far-se-hia durante a viagem, — um *Diario de bordo* — elle traçando com o lapis no seu *carnet* de desenhista o esboço do que fosse vendo e annotando, eu enchendo-o de uma prosa leve e de facil e, correntia leitura. Em tudo isto assentámos n'esse dia de um mau humor endiabrado, em que viamos tudo por lunetas

## NA AMORA

(Ao padre Manuel de Lemos)

Brilha risonho o sol na casaria  
da povoação fronteira.  
Frisa as aguas serenas da bahia  
a viração fagueira.

Acastellam-se os prediões da cidade,  
recórtando o horisonte.  
Cortam vélas o rio. A vinha, a amenidade  
inundam veiga e monte.

E, enquanto as aves vôam, a trinar,  
— branda manhã que encanta! —  
Eleva o sacerdote sobre o altar  
a hostia augusta e santa!...

# O VELHINHO E O GALLEGO

1

3



Velho gaiteiro e trocista,  
P'ra partidas um portento,  
Approxima-se fadista,  
Qual gallo de rubra crista,  
Do pobre gallego Bento.

O Bento fuma um bréjeiro,  
Sem pensar em embaraços...  
A's costas, o taboleiro,  
Poisa, assente n'um madeiro,  
Preso por baixo dos braços.

2



Dito e feito! o bom lapuz  
Lá vae por ares e ventos  
N'um salto que não seduz  
E que lhe dá — catrapuz! —  
Mais susto que movimentos.

Nenhuma maxima é vã  
E é bem certo o dictado!  
O velho da Lourinhã  
Quiz, pois, ir buscar a lâ  
Mas sahiu bem tosquiado.

4



O velho já fórma plano  
D'aquelle poiso dar cabo  
Do gallego muito ufano,  
De se vêr, grande magano.  
Descansado qual nababo.

Olhai-lhe bem p'r'ó focinho  
Vêde aquelle riso máu!  
O galhofeiro velhinho  
Baixa o corpo de mansinho  
E senta o rabo no pau.



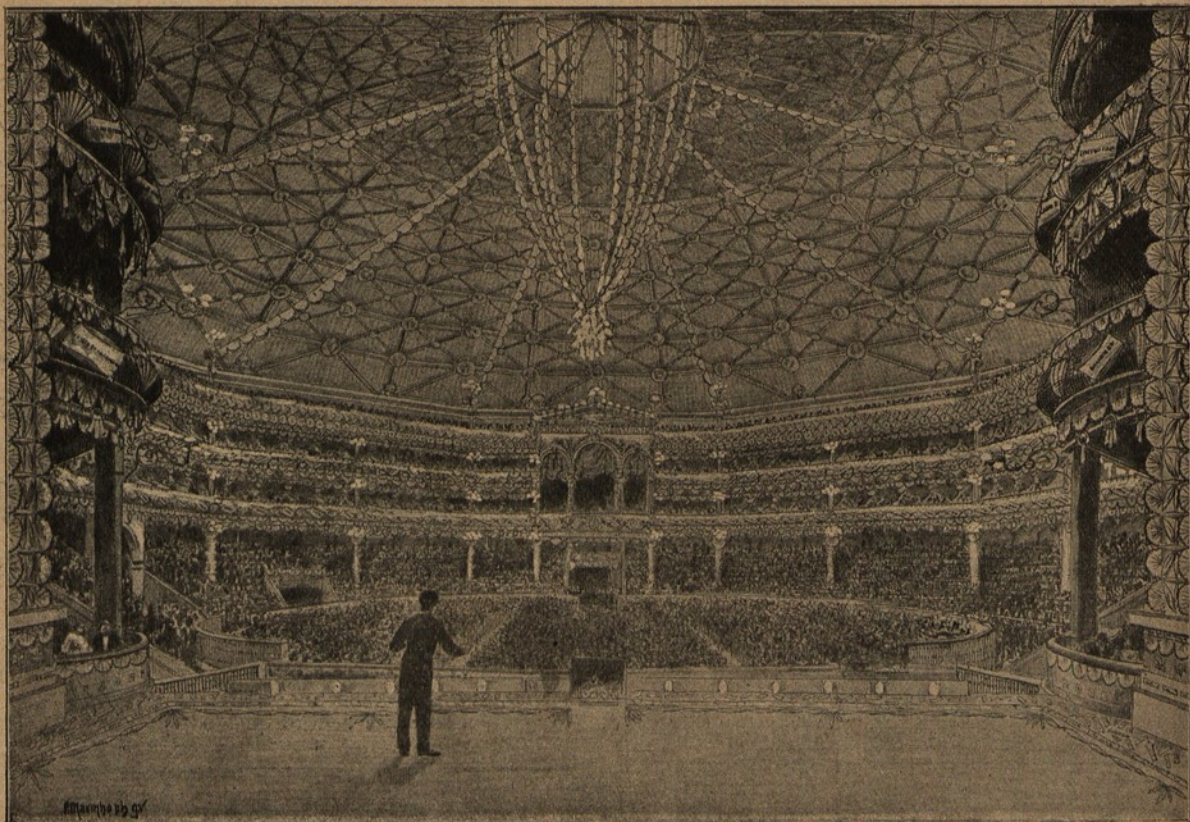
Depois de mil voltas dar  
Como se fosse um tufão,  
Como um jogo malabar,  
Como uma pélla no ar,  
O Bento vem dar ao chão.

Agora, que os dois ahi estão,  
Depois d'essa diabrura,  
Sentados no meio do chão,  
Digam com convicção:  
«Qual dos dois fez mais figura?»

SYLVIO.

# Associação da Imprensa Portuguesa

## A FESTA DE CARIDADE NO COLYSEU DOS RECREIOS



ASPECTO DA SALA — (De uma aguarella de Roque Gameiro)

Foi o assumpto palpitante da semana a festa de caridade promovida pela nova Associação da Imprensa Portuguesa na vasta sala do Colyseu dos Recreios. Partindo de uma ideia altamente sympathica e levada a cabo sem uma unica nota discordante, tendo se toda a gente apostado em aplanar as difficuldades com que havia a lutar, ella marcou uma data gloriosa no livro d'ouro da Caridade. Como o fim era generoso e altruista, o povo de Lisboa não regateou o seu dinheiro para melhorar a sorte dos que, de um dia para o outro, se podem ver privados do braço que lhes ganhava o pão. O nosso temperamento de meridionaes, a quem uma ideia enthusiasma quando é justa, está sempre disposto a secundar os esforços dos outros para o bom resultado de uma boa obra. E que obra tão bella não é esta! Soccorrer as viuas e orphãos de jornalistas que morram na miseria — isto é, de todos os jornalistas — porque em Portugal não ha um jornalista que se possa gabar de morrer rico, deixando a familia na abastança. O trabalho é rude e a paga escassa, porque o nosso meio não é para grandes emprezas. No mourejar constante da lucta pela vida, o jornalista vê, ao fim de tantas angustias e de tanta força gasta, que o caminho percorrido lhe serviu apenas para o extenuar e que, em recompensa, lhe mostra a mais atroz miseria.

O futuro é sempre um ponto terrivelmente negro na vida de todo aquelle que trabalha nos jornaes. Não ha uma posição garantida e firme, nada com que se possa contar; tudo é incerto e illusorio, cáe-se de um dia para o outro, obscuramente; e ahí fica, ás vezes, uma familia inteira sem pão, chorando sobre cinzas apagadas.

Foi para alliviar até certo ponto esse infortunio que se fundou a Associação da Imprensa Portuguesa, que está destinada a desempenhar na vida do jornalismo da nossa terra um papel preponderante e de efficazes resultados praticos. E a festa de quarta-feira no Colyseu dos Recreios não foi mais do que o inicio — inicio verdadeiramente promettedor — de outras que, avolumando o cofre das viuas e orphãos de jornalistas, constituam de futuro uma séria garantia contra a miseria que a todos nos espera.

Arrancámos ao numero unico *Lux-charitas*, que foi vendido na noite do spectaculo, o seguinte sentido soneto de *Esculapio* :

Triste é morrer no leito da miseria  
Sem mão amiga que nos vele o pranto,  
Sem um olhar caritativo e santo  
Que o sangue gele na final arteria.

A rir se passa a vida. A morte é séria,  
Que os que ficam por cá padecem tanto  
Ou mais ainda que o que vae, no entanto,  
Gozar do justo a conhecida leria.

Não tem, no padecer, o abandonado  
Mais do que um lenitivo que o consola  
Da negra magoa de um injusto fado.

Vive n'um abandono que o desola  
E morre satisfeito e confiado  
No coração dos mais, bemdita esmola!

# Estudos Phsyionomicos

O ACTOR

# Taborda



EU SOU ASSIM

O *Branco e Negro* continúa hoje a serie dos seus *Estudos phsyionomicos* iniciados com o actor Valle em um dos seus numeros anteriores.

Taborda, a figura mais saliente, n'estes ultimos trint'annos, da arte dramatica portugueza, teve a amabilidade de se deixar photographar para o nosso jornal. N'essa galeria de typos, curiosissimo documento psychologico, poderão os nossos leitores vêr nas suas expressões mais flagrantes o grande actor que tem feito, n'uma serie ininterrupta de triumphos, as delicias das nossas plateias.

Amoldando-se a todas as *nuances* do genero comico, dando, com uma veia inimitavel, a expressão exacta de cada um dos personagens que representa, Taborda, hoje uma reliquia do theatro nacional, foi e é ainda agora, quando se apresenta em publico, o actor de maior nome e que maior concorrencia chama. Não é artista que, visto uma vez, satisfaça o nosso espirito. Só quem tenha assistido ao desfilar da sua immensa galeria de grotescos é que poderá avaliar a grande somma de talento innato, a espontanea

naturalidade do seu feito artistico. De pequenos papeis tira Taborda o melhor partido; espreme o personagem, arranca ás phrases um sentido muito differente do que se poderia esperar, sublinha as com uma tal intenção comica que não é facil ficar o espectador carrancudo, por mais negra que tenha a alma. Isto não quer dizer que Taborda seja uma especie de arlequim de feira, fazendo rir com mômices e saltos; o riso que brota com a maior espontaneidade não é o mesmo riso alvar com que se acolhem os histriões. E', por assim dizer, o *riso espirital*, o riso que percebe quanta arte é preciso empregar para chegar a tirar um effeito de uma phrase, ás vezes bem insipida. Taborda nasceu com essa predisposição para o genero comico; a sua cara é já a expressão de *alguma coisa*.

Fazemos acompanhar algumas das *expressões phsyionomicas* de trechos da peça ou monologo respectivos, para melhor comprehensão do leitor.

A Taborda, pela sua gentileza em ter accedido ao nosso pedido, o *Branco e Negro* protesta a sua mais viva gratidão.

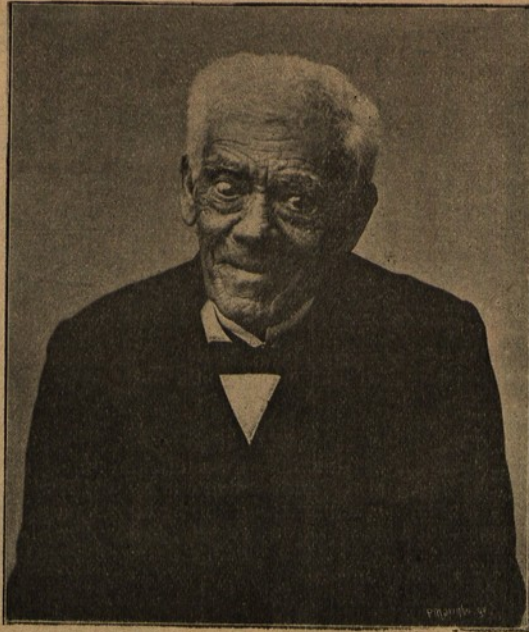


## TABORDA NO «SENHOR JOSÉ DO CAPOTE»

**O SENHOR JOSÉ DO CAPOTE.**—(*Terminada a introdução, o sr. José espreguiça-se, abre a bocca, ageita o capote, pega na bengala, ergue-se, e vem á bocca da scena*). Boas noites... muito boas noites nos dê Deus, meus senhores e senhoras... (*para a platéa e camarotes*). Que olhos me deitam!... (*para a platéa*). Percebo; já sabem que estive hontem em São Carlos... São Carlos... O profano enrodilhado com o sagrado! Se anda tudo assim!... Um bilhete, um bilhete bemdito! que co'a fortuna! a fortuna permittiu que não vendesse... porque eu exerço esse commercio lucrativo... ás portas dos *theatros*... foi a origem d'uma noite passada entre as delicias da musica! Que musica! Que oipra! O *Torrador!* mas que *Torrador!*... (*para a platéa*). Se está por ahí alguém que ainda o não visse por este novo *maritimo*... não sabe o que perdeu! O meu genro, que é *crapinteiro do theatro*... eu também *crapintejei* nos meus tempos... é officio de familia... chama-lhe o *primo basso*... porém, aqui para nós elle nem é meu primo nem é baço... luz que nem um espelho!... tem mais pedras em cima de si, que a calçada do Marquez d'Abrantes! Digo e repito: Se os senhores ainda não viram o *Torrador*, então perco o meu tempo! (*Canta*).

Oh! que peça tão perfeita!  
Que sublime inspiração!  
Bis, bis, bis, disse eu tres vezes  
Bravo, bravo, que funcção!  
(*N'este ultimo verso applaude*).

O *Torrador* foi baptisado em Hispanha; carambal natural do Aragoão... A poesia é de *Camarão*... um pouco irritante... a musica *Verde*... *verdete*, verde mar, verde gaio, verde negro, etc. *Symphonia* (*a orchestra toca qualquer cousa analoga*). Pan, pan, pan, brum, brum, (*imitando grande orchestra*). Glou... glou... glou... (*imitando um clarinete*). Isto é um clarinete... e não percebo, porque os *madraços* de alguns musicos desampararam este desgraçado na melhor situação, pois ouço que actualmente a empresa paga a todos. Corre-se o panno... faz muito frio na platéa, e muito calor nos camarotes... tudo está á lerta, e á lerta berra uma sucia de... Um visinho meu disse que eram *cruzados*, pois olhem o que elles vestem não vale dous patacos! Não se pesca nem palavra, mas o *baixo* (que é alto), conta coisas incriveis (dizem) d'uma bruxa, que morreu grilhada... e d'uma filha da dita que ju-



Que olhos me deitam!...

rou *vendetta*, e que furtou um menino, que foi engeitar á Santa Casa! Que a peça era immoral, percebi eu logo. E' noute... ou para melhor dizer, já era; mas em scena torna a ser noute... o inverno está a pino, no emtanto o *soprano afogado* (é como lhe chamam) senhora rechonchuda, de boas carnes, sentindo calor, vem respirar ao jardim, com os braços e o cachaço nós... completamente nós... acompanhada por uma *lambisgoia*... *Constipa-se*... pudera! estava-o prevenindo... mas isso não a impede de *zargantear*, que nem um rouxinol... Chega o *maritimo*... Hão dar me licença que lhes mostre como chega... (*larga o capote e embrulha-se n'uma grande toalha branca que traz dentro do chapéu*). Isto é um *lançolinho*, que me deu uma alma caridosa... supponham todavia que é uma capa... (*imitando-o*). Que pizar! O seu traço tem tantas côres, que faz mal aos olhos... Houve quem dis-

sesse ao vel-o que vinha do banho... *petá!* Que bello homem! (*continuando a imitar*) entra... não diz nada... volta... também não diz nada... examina... torna a examinar... *nada!*... Eu não sei se elle *nada*, todavia eu *nadei* em consolação quando ouvi: (*Canta*)

Achamo-nos no terceiro acto, e na feira do Campo Grande... pelo menos não vi outra cousa senão barracas... os entendedores chamam-lhe *tendas* mas não vendem coisa alguma que cheire a mercearia! Il *conte* (é o *maritimo*) traz um par de plumas, que fariam inveja ao estado de S. Jorge... Eu sem ser cavallo, arregalei o olho!... O que aqui se passa, omitto-o por vergonha, comtudo sempre direi que se projecta um consorcio entre *la dona e il dono*, que estão em casa... sala rica, mas pouco mobilada... uma cadeira para dois... e uma banca para os mesmos... mais nada... eu pelo menos não vi mais nada... devolhes explicar a situação n'este momento, que é um pouco complicada... *Manrique* é filho d'uma cigana... mas não é filho d'ella... e ella sendo mãe d'elle... não é mãe! *Pae* já veem que também não pôde ser! Esta cigana vae ser queimada... n'esta peça é uma fritada de ciganas que mette nojo! O rapaz quer casar... dão-lhe assim a noticia de repente... *embatuca*; e que ha de fazer? Correr a salvar a mãe! Oh! virtuoso mancebo!

(CANTA)

Madre infelice, corroga salvarti! etc.

[Corro] a salvar-ti, corro a salvar-ti! Está uma hora n'isto, e não ha quem o despegue do pé da tina do ponto!

## TABORDA NO «TIO MATHEUS»



E graça para servir a Deus

## TABORDA EM «OS MEDICOS»

OS MEDICOS — Acto II. Cena II.  
LOURENÇO (só)

LOURENÇO (*Taborda*). Um urso! Esta senhora Marianna vae tomando commigo certas liberdades offensivas da minha dignidade de patrão... e de *patrão mór*, porque o chefe da casa sou eu!... Ora esta! um urso! (*mirando se ao espelho*). Deixal a fallar. O caso é que me está muito bem! pareço até mais rapaz! e aquece que é um regalo!... Tenho a cabeça tão quentinha!... Que consolação para as noites de inverno!... (*desce*) Muito bem, vamos agora a assentar o dinheiro que recebi dos inquilinos... (*senta-se á mesa, abre a gaveta e tira de dentro um livro de assentamentos*). Ainda faltam quatro... (*reparando para as costas da mão esquerda na occasião de abrir o livro*). Onde demonio sujei eu a mão? Tinta não pôde ser, porque ainda não buli no tinteiro... (*depois de limpar com o lenço*). E não se tira! talvez com agua... (*humedece o lenço na bacia de mãos que está no lavatorio, e esfrega a mão*). Ora esta! está na mesma! vamos a vêr se com sabonete... (*esfrega a mão com sabonete, e enxuga-a depois á toalha*). Qual! (*meio comprometido*). Está cada vez mais preta! Que demonio será isto? uma nodoa d'estas não é natural!... isto é coisa que eu tenho dentro da pelle. Se assim não fosse teria desaparecido quando a esfreguei com agua e sabão. Nunca vi uma coisa assim! Valha-me Deus! (*chamando afflicto*). Marianna ó Marianna?...

Scena III

O mesmo e MARIANNA

MARIANNA. O que é, meu senhor?

LOURENÇO. Anda cá, filha; chega aqui, vem vêr o que é isto? (*mostrando-lhe as costas da mão*).

MARIANNA. Isto, o que?

LOURENÇO. Esta coisa negra...

MARIANNA. Isso foi coisa que rossou a mão por alguma porta que estava pintada de preto.

LOURENÇO. Qual! já a lavei com agua e não sahiu.

MARIANNA. É porque não esfregou bem. Quer o senhor vêr como eu lhe tiro isso n'um momento, quer? (*pega n'uma ponta do avental e esfrega com força a mão de Lourenço*). Ora verá.

LOURENÇO. Sahe... Sahe?

MARIANNA. Não, senhor! Quanto mais esfrego... mais negra se faz!

LOURENÇO (*subito, dando um grito*). Ai! Jesus!

MARIANNA. O que é!

LOURENÇO. Já sei... já sei... As nodoadas cutaneas... a epidemia carbunculosa de que fala o jornal de medicina que eu li em casa do



Marianna, ó Marianna? . .

socegue; vou pôr o capote e não me demoro.

Scena IV

Os mesmos, LAVADEIRA, depois AGUADEIRO

LAVADEIRA (*entrando*). O menina Marianna, pôde-me dar a roupa?

MARIANNA. Agora não posso, sr.<sup>a</sup> Justina. Vou chamar o cirurgião, porque o senhor está muito mal.

LAVADEIRA. Sim?... ora essa.

AGUADEIRO (*entrando*). Vossemecê ha de querer alguma coisa, menina? mandou-me que viesse á noite por via de um recadinho...

MARIANNA. Falle alli com o senhor, que eu agora não lhe posso dar attenção (*sahe*).

Scena V

Os mesmos menos MARIANNA

LAVADEIRA. (*que se aproximou de Lourenço*). Então vossemecê está doente, sr. Lourenço?

AGUADEIRO (*admirado*). O patrão está enfermo?

LOURENÇO. E' verdade, Justina, é verdade.

AGUADEIRO (*chegando-se*). Então o que é que vossemecê tem?

LOURENÇO. Uma nodoa.

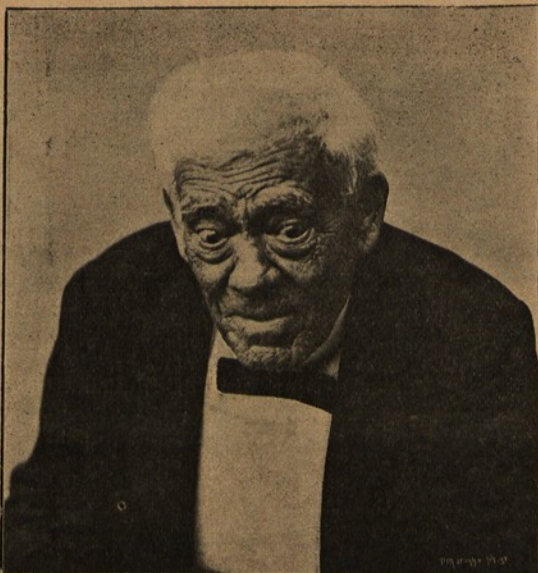
AMBOS. Uma nodoa!

LOURENÇO. Mas não é na consciencia, porque essa, graças a Deus Nosso Senhor para sempre!... está limpa de toda a macula! É uma nodoa na mão... (*mostrando a mão*).

LAVADEIRA (*reparando*). Ih!

AGUADEIRO (*idem*). Ui!

LOURENÇO. Vossês sabem o que será isto?



E alguém hontem me disse em segredo, Com saudade e com ar compassivo, Que se a morte o não rouba tão cedo, Inda hoje de certo era vivo!

TABORDA NO «MEDICO A' FORÇA»



Tambem mysterio!

O medico á força. — Acto I. — Scena VII

LUCAS

Não faz ideia da pena  
que tivemos de ir-le ó pello!

SGANARELLO (*Taborda*)

E eu de tomar tal capello  
suppõem que a tive pequena?  
Mas, agora que amañaram  
digam me por que motivo  
hei-de eu ser facultativo,  
sem n-o ser?

LUCAS

Se nã bastaram  
as quatro rezões que demos,  
temos mais de igual vegor,  
e ellas ahi vão.

(meneando o pau no ar para amos-  
tra)

SGANARELLO

Com mil demos!  
Basta; bem sei; sou dou-  
tor,  
sou medico, boticario,  
cirurgião, enfermeiro,  
gato pingado, coveiro,  
quanto queiram; e herva-  
nario.

(A' parte)

São doidos! elles? ou eu?  
Serei eu naturalmente.  
Mas se eu era tão sciente,  
como é que tal me esque-  
ceu?

Tambem mysterio!

O medico á força. — Acto II. — Scena VI

SGANARELLO (levantando-se de subito)

o latim?! Não sabe

JANUARIO

Eu não senhor;  
nunca intentei ser doutor.  
Mas vamos á historia; acabe.

SGANARELLO

(com o maior enthusiasmo)

*Cabriciés, dominé, orum;  
domus tecum ablativó  
sund rachãnte pinheirórum  
humóres infinitivó.  
Hora, a hora; vis tu que-  
res  
rançorum doengan gatis;  
mulieres as mulheres,  
fervet olium carrapatis.  
Laudo laudas introjones,  
merídiés omnibus dabit;  
curativó cum demónes  
Aristótelés sarabit.*

JANUARIO

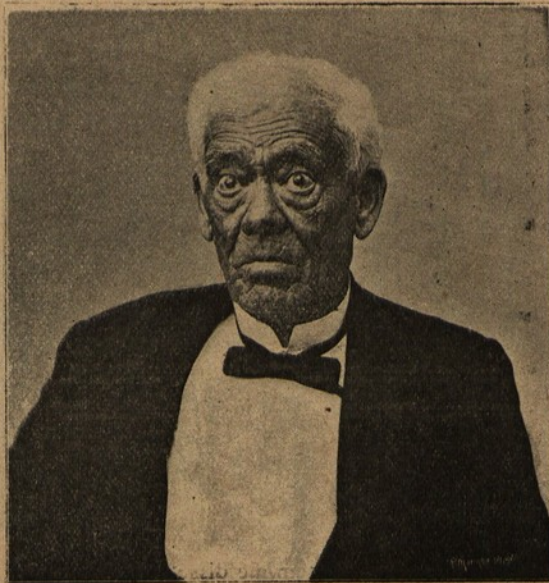
Ai! não ter eu estudado!

JOAQUINA

Aquillo é que é ter mimo-  
ria!

LUCAS

Não entendi (mau pecca-  
do!)  
nem nada d'aquella histo-  
ria;  
mas lá que é famosa, isso é.



Fervet olium carrapatis

TABORDA NOS «EFFECTOS DO VINHO NOVO»



E visto já termos  
Agora do novo...

Ávante meu povo,  
E' dar-lhe p'ra frente!

**EFFECTOS DO VINHO NOVO...** — Noé que foi o descobridor d'esta mina, se não teve medalhas, nem de ouro, nem de prata — medalhas como eu tenho visto... teve o privilegio da invenção; teve a recompensa dos serviços que prestou á humanidade. Começou a cair muitos millímetros ou millimetros de chuva d'agua molhada que entrou a alagar montes e valles, ein?... assim como agora podia ter *assucedido* com tantos millímetros ou millimetros d'agua que tem caído, com a differença, que no outro diluvio appareceu uma arca e n'este desappareceu uma barca!... Pois a tal arca de salvação foi a recompensa para Noé. Entrou para dentro com todos os animaes que eram precisos para compôr uma nação e fez-se presidente d'aquella republica, estabelecendo com o suffragio universal um verdadeiro equilibrio politico. Outro em seu logar tinha-se logo feito imperador: mas é que elle não abusou. Todos tinham igual direito de votar. Havia de ser bonito aquillo. A aguia votava com o porco, o leão com o carneiro, o urso era attendido e o camello fazia discursos — a cousa já vem de traz!...

Eu tambem nos votos  
Sem ser animal  
Se direito equal  
Me fôr pertencente  
Não voto nas listas  
Que alguem me passar  
Pois quero votar  
Na pinga sómente!  
E visto já termos  
Agora do novo, etc.

TABORDA NOS «CORCUNDAS»



Ha muito tempo estou convencido...

Uma azeitona agora fazia a minha desgraça!... Era o mesmo que oleo de vitriolo sem ter agua para o des-temperar!... (*Não achando que beber, cheira a garrafa.*) Bom; já cheirei e agora estou com fumaças de tomar duas. (*Tira uma ponta de cigarro detraz da orelha.*) É bregeiro, mas é valente — já entrou seis vezes em fogo — vá para a terceira secção. (*Mette-o para uma algibeira e tira d'outra um cigarro inteiro.*) Olá!... Nós ainda havemos de ter cigarros com mortalhas de folha de Flandres... como vem abafado! (*Regeitando duas mortalhas de tres que o cigarro tem.*) Tres saias e nenhuma de balão!... alto vareta!... cá está um arco de pipa... está bem; como é de pipa então vá!...

Eu já uma vez me atirei a um charuto de vintem; mas em vez de fumar toquei clarinete! Tive de pôr os dedos em posição para tapar onze buracos que o maldito tinha. Pois não se livrou da teima e começou a arder todo pelo interior, de modo que quando eu julgava que estava principiando a fumar, já tinha a ponta da lingua a arder!... (*Como recordando-se, tira uma segunda garrafa mas de quartilho.*)

P'ra certa intenção  
Inda esta morgada  
Estava guardada  
De sobrecellente.  
Lá vae á saude  
De quem mais estimo:  
Das flores o mimo  
Que vejo presente.  
E visto já termos, etc.

## TABORDA NO «INGLEZ E FRANCEZ»

INGLEZ E FRANCEZ — Scena XI

VISCONDE. (*entrando precipitadamente pelo fundo, para de subito ao deparar com John abraçando e beijando a viscondessa*). Não tem que ver!... Aqui está a tradução fiel da carta.

JOHN (*com fleugma para a viscondessa*). Who is this gentleman?

VISCONDESSA. (*baixo a John*). Quem é? (*á parte*) Feliz acaso para completar a minha desforra! (*alto para John*) I dont know...

VISCONDE. (*á parte*). E' tenor? Que diabo estarão elles dizendo (*alto para John*). Quem é o senhor? (*com insolencia*). O que faz aqui?

JOHN (*com fleugma*). Mi fazer que vocemecê nó importar!

VISCONDE. Essa não é má.

JOHN. Oh! yes! nó ser má, ser boa! very much boal yes!...

VISCONDE (*furioso*). Mas com que direito ousou o sr. entrar n'esta casa?

JOHN. Mi ser godfather d'esta senhor. Mi ter direita entrar aqui, toda vez e hora quizer!

VISCONDE. O que?!

JOHN (*com fleugma*). Yes!

VISCONDE. E' inaudito!... (*para a viscondessa*). E a senhora?... a senhora não sente subir-lhe ás faces a vergonha?..

JOHN (*como acima*). Oh! nó! senhora nó ter vergonha!

VISCONDE. Basta, senhor!

JOHN. Vocemecê fazer mucha gritaria!... (*encaminhando-se para a meza onde está uma campainha*). Mi chamar criada e pôr vocemecê in meio de rua!

VISCONDE. Põe mena rua?... Não faltava mais nada!... Oh! isto é demais!...

JOHN. Nó! nó ser demais, nó!...

VISCONDE. Mas eu já lhe disse que exijo uma explicação...

JOHN. Mi nó querer dar explicação!

VISCONDE. Eu, porém, exijo terminantemente...

JOHN. Nó!...

VISCONDE. O sr. é um patife!

JOHN. Nó!...

VISCONDE. E' um infame!

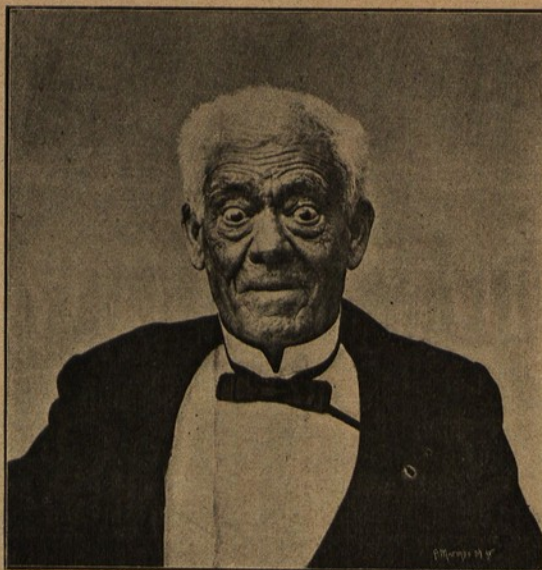
JOHN (*levantando mais a voz*). Nó!...

VISCONDE. E' um villão!

JOHN (*levantando cada vez mais a voz*). Nó! nó! nó! (*fica de punhos cerrados e com o gesto do socco inglez olhando fixamente para o visconde*).

VISCONDE (*fôra de si*). Co-varde!... Sáia, senhor! sáia!... quando não... (*ameaça-o com o gesto, como que para lhe dar uma bofetada*).

JOHN. Ah! vocemecê querer bater mi?! vocemecê



Nós todos tres estar grandes patifas...

VISCONDESSA. E seu amigo, apesar de só agora o conhecer.

JOHN. Oh! mi ter mucha embirração a maridas!

VISCONDE. O que ha pouco se passou foi um qui-pro-quo...

JOHN. Nó, pri-có-có, nó!... Vocemecê chamar mi patifa, infame, villação!

VISCONDESSA. Mas, meu querido padrinho...

JOHN. Nó! Mi querer uma satisfação!

VISCONDE. Mas, meu caro sr. Anderson, eu dou-lhe quantas satisfações quizer...

JOHN. Nó! mi querer matar vocemecê!

VISCONDE. Pois senhores, não ha meio de o fazer desistir de seu damnado intento!

JOHN. Nó! yes, nó!

VISCONDESSA, (*para o visconde, risonha*). Hade haver.. procura... procura, e se não achares...

JOHN. Vocemecê chamar mi patifa! infame! villação;

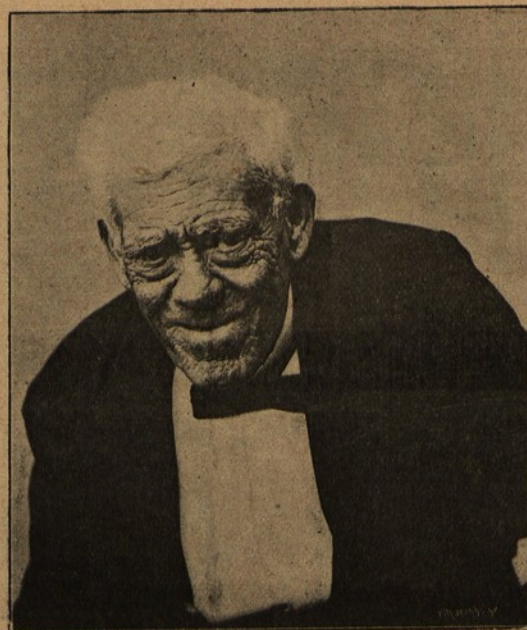
VISCONDE (*como que encontrando uma idéa*). Ah!... achei!... (*para a viscondessa*) Dize-lhe tu que isto de infame, patife, villão, é como se se dissesse: sou com a mais profunda veneração e respeito de v. ex.<sup>a</sup> e tal, etc.

VISCONDESSA (*para John*). Meu marido diz que isto de infame, patife e villão, é o mesmo que se se dissesse: sou com a mais profunda estima e consideração seu amigo venerador, etc.

JOHN. O que? infame, villação ser a mesma coisa que amigo e...?

VISCONDE (*interrompendo*). Decerto!

JOHN. Oh! yes! então estarmos nós todos tres grandes patifas e villações, yes! (*apertando-lhe as mãos*) Very well!



O Velhote ainda cá está

# ILLUSÕES PERDIDAS



GERMANA!

— André!

Tinham se reconhecido subitamente, sem hesitar, apesar de longos annos decorridos depois da triste hora do ultimo adeus; um mesmo grito lhes sahiu do peito e acharam-se bruscamente em frente um do outro, um pouco embaraçados, sentindo bater os corações e surgir em volta os queridos phantasmas d'outro tempo, desaparecidos para sempre.

No estreito e branco atalho em que se tinham encontrado, jaziam já as primeiras folhas do outomno, e só a luz doirada do sol allí penetrava por entre os ramos das arvores.

O aspecto do logar era o mesmo que no passado; nada tinha mudado em torno d'elles; e a canção que os corações repetiam era ainda a mesma; porque — ironia da sorte — depois de dez annos de separação, encontravam-se no mesmo sitio em que se tinham deixado.

Quantas coisas se tinham passado desde então!

Olharam um para o outro com uma tristeza indizível; e, immediatamente, extenderam-se as mãos e apertaram-as docemente.

Mas, de repente, ella córou e murmurou:

— Oh! sr. André!

— Germana! replicou elle com doçura.

Ella abanou a cabeça e os seus olhos tentaram sorrir.

— Ah! respondeu. O tempo voou velozmente, e os annos envelheceram-nos!

— Germana!

E repetiu esta palavra como se ella lhe acordasse um echo no coração, como se aquillo fosse o bastante para fazer reviver o passado, a melhor pagina da sua mocidade, irreparavelmente perdida.

Lembrava-se do dia da sua primeira entrevista, quando corria a ella cheio de mocidade e de amor, e ambos commovidos não achavam nada para dizer. E o primeiro beijo que trocaram fez-lhes chegar as lagrimas aos olhos!

Lembrava-se dos longos passeios, de mãos dadas, emquanto as cigarras cantavam e elles juravam amar-se eternamente.

Na casca de uma arvore, um dia, elle gravou com a ponta de um canivete os seus dois nomes, tão profundamente, que ainda hoje se poderiam lêr.

Mas o segredo do seu querido amor foi descoberto. Germana era pobre e a familia d'elle queria casal-o bem. Começaram a dissuadir-o d'aquella paixoneta, que a principio tinham acolhido com sorrisos.

Sempre a eterna historia e de uma tão pungente simplicidade!

Elle devia pensar em crear uma nova posição; e espicacado por uns e por outros, exaltado por sonhos de gloria, não tendo a coragem de arrostar com tudo, sacrificava covardemente aquella pobre victima do amor, que, na hora em que elle lhe annunciou a sua partida, não encontrou uma palavra de censura para lhe dirigir.

E tinham-se separado.

Os annos tinham decorrido. Elle tinha-se deixado guiar, caminhando direito ao fim que se tinha proposto, julgando morta para sempre a lembrança d'aquelle tempo feliz, deixando o seu amor e a sua carne nos espinhos do caminho, deixando cair a cada passo as suas illusões e sentindo-se já envehecer quando apenas despontava o primeiro cabello branco.

E agora, apesar de rico, glorioso, invejado por todos, André não era feliz. Nutria um grande desejo de voltar aos sitios onde vivêra contente, e allí estava.

## II

Os seus olhos não se despregavam de Germana.

Encontrava no seu olhar limpido a pureza dos seus sentimentos. Achava-a um pouco pallida, mais magra e triste, com os cabellos menos artisticamente penteados do que d'antes.

— Acha-me mudada, não é verdade? perguntou ella, quando novamente rompeu um silencio que a embaraçava.

— Não, respondeu elle, porque conservo a tua imagem no meu coração e vejo-te sempre tal como te conheci e amei.

Germana córou.

— Ah! exclamou ella, tentando sorrir, esse tempo já vae longe... Já somos uns velhos!

E como André a ia interromper, ella continuou sem lhe dar tempo:

— Quando se falava de si na minha presença, escutava,



e quando estava só, recordava-me de tudo o que me tinha dito. Sei que os seus sonhos de felicidade se realizaram. Hoje é feliz!

— Feliz! murmurou André. Feliz! Ah! minha pobre Germana!

— Depois, soube do seu casamento. Dizia-se que aquella com quem tinha casado era rica, bella, muito bella mesmo; e fiz votos porque ella lhe dêsse a felicidade de que era merecedor.

— E não me quizeste mal? perguntou elle pegando-lhe na mão.

— Porque havia de lhe querer mal? respondeu Germana com toda a simplicidade. Não nos tínhamos já se parado?

Mas André tinha-se aproximado d'ella e docemente, quasi ao ouvido, murmurou:

— Então, não me accusaste? O teu coração não reprovou a minha acção? Mas lembravas-te! E' impossível que esquecesses tudo! Feliz! disseste tu... Não o sou, porque a felicidade não foi coada através de lagrimas e obstaculos... Ah! Germana, se soubesses!...

Mas deteve-se. Ella abanava tristemente a cabeça. E, de repente, o encanto cessou.

Porque tentavam agora illudir-se? Não estavam irremediavelmente separados? O caminho percorrido não se podia fazer outra vez e a felicidade que ficava para traz já não voltaria mais.

### III

N'aquelle momento, o sol subia no céu, illuminando tudo e doirando as folhas das arvores.

Tristemente, agora, olharam um para o outro, não ouvando mais interromper-se, não podendo dizer mais uma palavra.

Foi ella que lhe estendeu a mão. André pegou-lhe e apertou-a docemente.

— Ah! se soubesses!... repetiu elle, como falando comsigo.

Ella não respondeu; e elle tomando uma brusca decisão:

— Adeus, Germana! disse.

— Adeus, André!



E separaram-se. Sem voltar a cabeça, elle ficou parado no mesmo sitio. A sua mocidade estava d'ahi por diante morta; as suas illusões tinham morrido todas.

Era o irremediavel. Era a vida!

(Trad.)

BOB.

## SPORT — MONT'ESTORIL

COM uma concorrência extraordinaria realizaram-se no domingo passado n'este aprazivel local as corridas promovidas pelo Club Mont'Estoril, assistindo n'uma tribuna, ricamente adornada, Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia e Sua Alteza o Infante D. Affonso.

A 1 hora da tarde teve começo o festival, sendo a 1.ª corrida, de bicycletas — 6 voltas — e corredores os socios do Club, srs. Arthur Vaz, Egidio Bastos, Borges da Costa, Corrêa de Sá, E. Liebermeister, Wenceslau Bastos, e Ricardo Silva. Ganhou o sr. Arthur Vaz o primeiro premio — um bonito tinteiro — e o segundo, uma bengala, o sr. Egidio Bastos.

Na 2.ª corrida, tambem de bicycletas — 6 voltas — tomaram parte os corredores, não socios do Club, srs. Antonio Marques, Alberto Dupuis, F. Barcellos, A. Casqueiro, Valentim Pinto e Joaquim Fuschini.

Ganhou o primeiro premio — uma linda caixa de crystal e metal branco — o sr. Antonio Marques, e o segundo — um pisa papeis — o sr. Alberto Dupuis.

A 3.ª corrida — pedestre — uma volta — foi disputada pelos srs. E. Hickie, Carlos Baerley, Arthur Santos, Sousa de Almeida, H. Dupuis e W. Ford. Ganhou o premio o sr. E. Hickie.

Na 4.ª corrida, 10 voltas em tandens, — só para socios do Club — tomaram parte as equipes Ricardo Silva e Wenceslau Bastos, — que ganharam o primeiro premio, — medalhas de vermeil, Borges da Costa e Corrêa de Sá, Arthur Vaz e Egidio Bastos, tendo estes ultimos desistido por desarranjo na machina.

Na 5.ª corrida, bicycletas, — 20 voltas —, por corredores não socios do Club, ganhou o primeiro premio o sr. Antonio Marques e o segundo o sr. Valentim Pinto, tendo corrido mais os srs. A. Casqueiro, Joaquim Fuschini, F. Barcellos e Alberto Dupuis.

Na 6.ª corrida — pedestre — 4 voltas, foram corredores os srs. H. Dupuis, Adam Soares, Arthur Santos, Carlos Baerley, Nicholas, e Sousa d'Almeida. Ganhou o premio o sr. H. Dupuis.

7.ª corrida — 20 voltas — bicycletas. Correram os socios do Club srs. Arthur Vaz, Wenceslau Bastos, E. Liebermeister, Corrêa de Sá, Borges da Costa, Egidio Bastos e Ricardo Silva. Foram vencedores os srs. Arthur Vaz, primeiro premio, e Wenceslau Bastos, o segundo.

8.ª corrida, burros, montados pelos srs. Antonio Avelar, Antonio Teixeira, Augusto Pedrosa, Carlos Amezalak, Ferreira Roquete, Corrêa de Sá, Corrêa da Silva Sampaio, Raul Seruya, e R. Bastos. Foi esta a parte mais comica do festival, pelas peripecias succedidas com os jericos e que produziram grande hilariedade entre os assistentes. Ganhou o premio o sr. F. Roquete.

A noite no Club teve logar a distribuição de premios, feita por uma comissão de senhoras, seguindo-se depois uma brilhante soirée dançante.

— As corridas terminaram pouco depois das 4 horas da tarde na maior animação.

### OLIVAEIS

Realizam-se hoje as corridas velocipedicas promovidas por uma comissão de entusiastas pelo sport velocipedico.

Estão inscriptos muitos dos melhores corredores, que disputarão decerto com valentia os premios, que constam de medalhas e objectos de arte.

Diremos do resultado d'estas corridas, que estão despartando grande entusiasmo.

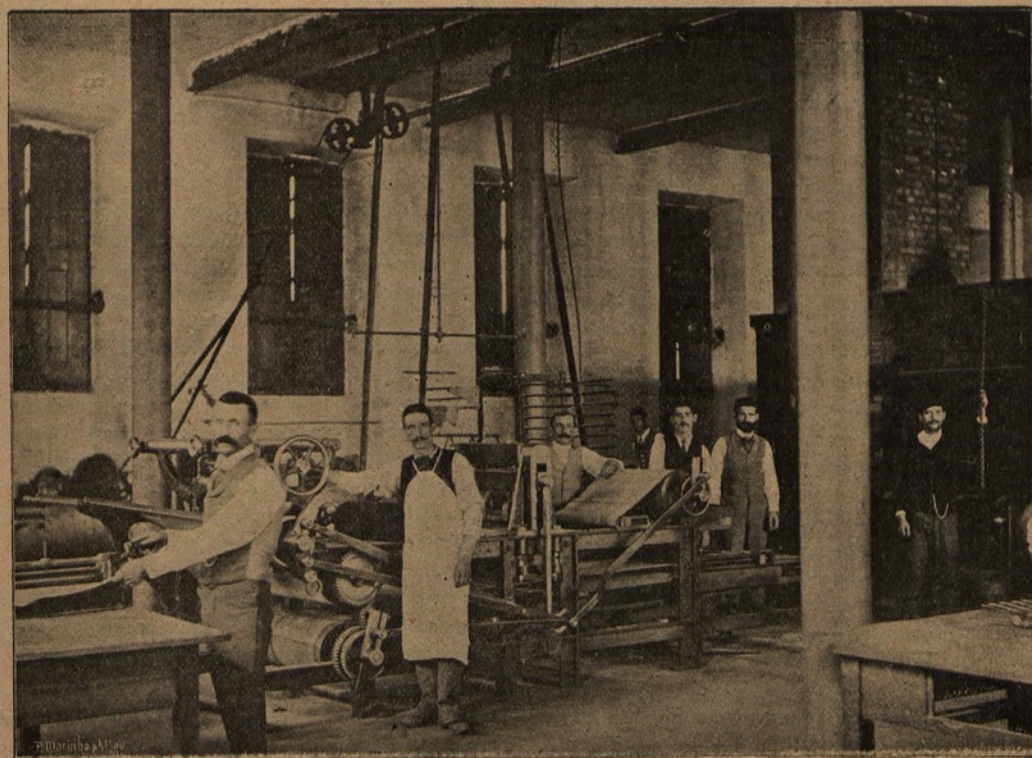
Rodrigues Ferreira, o distincto cyclista, se circumstancias espciaes o não impedirem, disputará um dos premios na celebre machina Opel, modelo de 1897.

# FABRICA DIANA

Sociedade Cooperativa dos Manipuladores de Bolachas e Biscoitos, inaugurada no dia 3 de outubro de 1897



MEMBROS DA DIRECÇÃO E CONSELHO FISCAL E MESTRE DA FABRICA



CASA DAS MACHINAS E FORNO



# INCONVENIENTES DO CHAPEU ALTO



— O cavalheiro faz-me favor do seu lume...  
— Ora essa... mas cuidado não se queime...

— Oh! mil perdões, para não queimar as luvas, deixei cair a sua ponta...  
— E' verdade, e para falar, deixou cair o seu charuto.

— Um desastrado! desculpe... mas não se incomode...  
— Oh! cavalheiro! por quem é...

E agora como hão-de os dois fumar?  
Empreza tão difficil como a de pôr o charuto atrás da orelha!

## COISAS ALÉGRES

EM maio do anno passado, regressando do Porto, com um meu filho, criança de 10 annos, e um nosso amigo, ao chegar o comboio á estação de Gaya, tivemos de dar lugar, no compartimento em que viajavamos, a dois rapazes de genio alegre e boa educação, logo nos relacionámos, e para matar o tempo jogámos a Suéca até á estação da Pampilhosa.

Alli, eu, meu filho e um dos nossos companheiros de viagem ficámos, para seguirmos ao outro dia no comboio da Beira.

Depois da ceia, fomos procurar alojamentos no elegante chalet que o Bergamim alli mandou edificar e onde, depois de uma massada de 4 horas de comboio, se encontram umas camas confortaveis.

Por um acaso de má sorte para mim, tive de pernoitar no segundo andar do chalet, com o meu desconhecido amigo de viagem, em uma sala com duas camas. Elle dormiria em uma das camas e eu com o meu filho n'outra.

Já em trajes menores continuavamos a palestra, quando o meu companheiro de quarto se sae com esta:

— Pois é verdade, o anno passado esta casa ia sendo assaltada por uma quadrilha de ladrões!

— Ora essa?! Não me consta semelhante coisa; tenho aqui pernoitado differentes vezes e nunca houve a menor desconfiança!

— Foi certo. E se não fosse a policia de Coimbra, isto era roubado essa noite.

Não liguei mais importancia á historia e tratámos de nos deitar; mas o meu companheiro de quarto tinha ficado com a vela accesa, e eu com luz não podia conciliar o somno. Penso em apagar a vela, mas ao approximar-me da cama do parceiro vejo em cima da banquinha um revolver. Volto para traz e enfio-me entre os lençoes, receiando que, indo apagar a vela, o companheiro acordasse e... me dêsse um tiro, suppondo que eram os taes ladrões em que me tinha falado.

Assim passei a noite sem dormir, entre a cruz e a caldeirinha, entre levar um tiro ou apagar a luz.

Já dia, e horas do comboio, seguimos todos no mesmo compartimento para a Beira Alta, mas como tinha passado a noite em claro, o somno venceu-me e ia dormir, quando o meu patusco companheiro me pergunta:

— Então o amigo tem somno ás 7 horas da manhã?

— Pudéra! Em toda a noite não preguei olho.

— Não dormiu? Foi talvez por causa da historia dos ladrões que lhe contei hontem? Aquillo foi invento meu para o senhor não dormir e guardar-me *quatro contos de réis que levo commigo*.

!!! Tive tentações de o deitar pela janella fóra.

Covilhã — Agosto de 1897.

QUIDAM.

\*  
\* \*

Havia ahi n'uma aldeia do norte um bacharel formado em direito e n'uma outra faculdade universitaria, que se bem me recorde era a extincta de canones.

O nosso bacharel, homem de outros tempos, era uma excellente pessoa principalmente.

Vivia dos seus rendimentos, e como habitava em uma aldeola, o seu principal entretenimento era a agricultura, e por este motivo entabolava ás vezes conversação com os seus visinhos lavradores, homens praticos, e alguns bastante industriados no amanho das suas terras.

A's vezes a conversação tomava o character de uma verdadeira discussão, e de parte a parte os argumentos succediam-se qual d'elles o mais convincente.

Mas succedeu que uma vez o nosso bacharel não tendo que responder ao seu antagonista, quiz impor-se-lhe com o peso dos seus diplomas universitarios, e diz-lhe:

— Olhe que eu sou formado em duas faculdades.

Ao que o seu adversario respondeu logo:

— Tambem eu já tive um bezerro que mamou em duas vaccas, e não deixou por isso de ser boi.

Authentico.

PROVINCIANO.

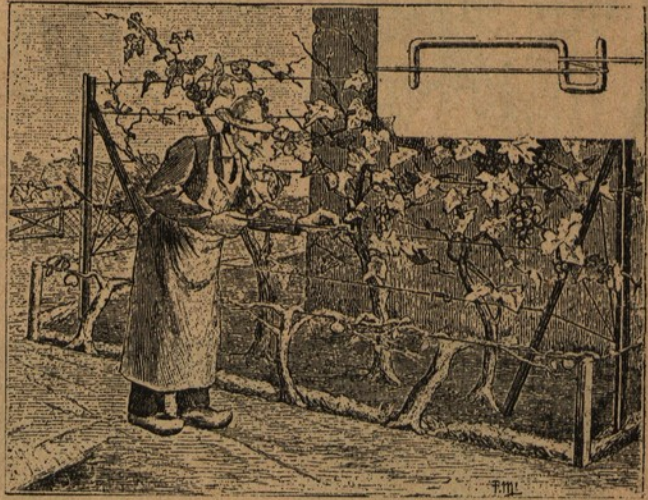
# SECÇÃO UTIL

## COMO SE ESTICAM ARAMES

**O**s jardineiros amadores ou de profissão hão-de agradecer-nos o indicarmos-lhes a maneira de, com um arame grosso, se construir um esticador que lhes apresentamos.

Basta cortar o arame em boccados de 6 ou 7 centímetros de comprido; depois com auxilio d'um alicate dobre-se uma das extremidades em *U* e a outra simplesmente em angulo recto; as pontas dobradas ficam no mesmo plano. Faz-se um entalhe com uma lima no ramo pequeno do angulo recto que se vê á esquerda. Eis o esticador construido.

Modo de o empregar: colloque-se a parte do *U* atravessada no arame a esticar, ficando o arame preso entre as duas pernas do *U*; depois levanta-se o lado posterior recurvado do ramo comprido e volta-se o esticador, operando com este ramo, como uma alavanca; o que permite luctar contra o peso do arame e dar-lhe a tensão desejada. Quando o arame está sufficientemente esticado, faça-se parar o aparelho introduzindo o mesmo arame no entalhe de que falámos acima; a extremidade



posterior do ramo não póde subir nem descer e o esticador permanecerá fixo; o ramo fica parallelo ao arame que acaba de ser esticado.

# BRANCO E NEGRO

## SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	12300 réis	25600 réis
África Portuguesa.....	800 "	16600 "	33200 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	15200 réis	28400 réis	48800 réis

# LISBOA EM CAMISA

POR

## GERVASIO LOBATO

Um volume, 2.<sup>a</sup> edição, illustrado por **CELSO HERMINIO**

**PREÇO 600 RÉIS, BROCHADO**

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA

**R**APHAEL

Notavel romance de

LAMARTINE



Gravura extrahida do romance *Raphael*

TRADUZIDO EM PORTUGUEZ POR

**D. Maria Amalia Vaz de Carvalho**

1 volume em formato grande,  
edição de grande luxo, adornado de primorosas gravuras, ricamente encadernado  
com capa especial a cores e ouro, folhas douradas etc.

PREÇO 3:200 RÉIS, ENCADERNADO

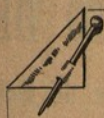
Pelo correio  
para Portugal e ilhas 3:400 RÉIS

**A. M. Pereira — Editor**

52, Rua Augusta, 54 — Lisboa

A melhor publicação que no seu genero se tem feito em Portugal

ILLUSTRADA



# REVISTA ILLUSTRADA

REVISTA



NO CARAMUJO — Gravura extrahida da *Revista Illustrada*

*Tres volumes (1.º, 2.º e 3.º annos) com centenares de gravuras esplendidas, formosissimos chromos, phototypias, e artigos sobre todos os assumptos, dos mais celebres e festejados escriptores portuguezes da actualidade.*

ENCADERNAÇÕES ARTISTICAS, FOLHAS DOURADAS

Preço dos 3 volumes (collecção completa) 11:600 réis. A saber: o 1.º volume 3:600 réis; o 2.º 4:400; o 3.º 3:600. O 1.º não se vende sem os outros dois. O 2.º e o 3.º vendem-se separadamente.

REVISTA

ILLUSTRADA

A. M. PEREIRA, Editor — Rua Augusta, 50, 52 e 54 — Lisboa

# ANNUNCIO

## DIRECCÃO DAS OBRAS PUBLICAS DO DISTRICTO DE LISBOA

Estrada districtal n.º 144—Lanço do Rio Sizandro, á Ponte de Rol

*Faz-se publico que no dia 14 de outubro, ás 12 horas da manhã, na secretaria da Administração do Concelho de Torres Vedras, se procederá á arrematação de oito tarefas constantes do mappa seguinte, sob a presidencia do respectivo engenheiro, chefe de secção.*

Designação das tarefas	Base da licitação	Deposito de garantia	Praso para a conclusão dos trabalhos
<b>Tarefa n.º 1</b> Terraplanagens entre perfis 199 e 201.....	499\$300	25\$000	Tres mezes
<b>Tarefa n.º 2</b> Terraplanagens entre perfis 201 e 209 .....	499\$300	25\$000	Tres mezes
<b>Tarefa n.º 3</b> Terraplanagens entre perfis 209 e 218 e construção de 2 aqueductos .....	476\$400	23\$800	Tres mezes
<b>Tarefa n.º 4</b> Construcção de 5 aqueductos .....	499\$800	25\$000	Dois mezes
<b>Tarefa n.º 5</b> Pavimento entre perfis 285 e 292.....	497\$000	24\$800	Tres mezes
<b>Tarefa n.º 6</b> Pavimento entre perfis 292 e 300.....	496\$700	24\$800	Tres mezes
<b>Tarefa n.º 7</b> Pavimento entre perfis 300 e 310.....	496\$100	24\$800	Tres mezes
<b>Tarefa n.º 8</b> Pavimento entre perfis 310 e 317.....	497\$000	24\$900	Tres mezes

*As medições, desenhos, orçamentos, perfis, typos e condições especiaes d'estas arrematações estarão patentes na secretaria da Direcção, rua de S. José, n.º 207, todos os dias não santificados desde as 11 horas da manhã até ás 4 da tarde.*

O ENGENHEIRO DIRECTOR

*Antunes Navarro.*

## VELOCIPEDIA PRATICA

por D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exercito e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pódem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que podem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.

UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria Pereira, editor—52 a 54, rua Augusta, 52 a 54

# NOVA COLLECCÃO PEREIRA

A 50 réis cada volume, brochado

Apparecendo nos dias 10 e 25 de cada mez

Romances dos melhores auctores, em volumes de 160 a 200 paginas

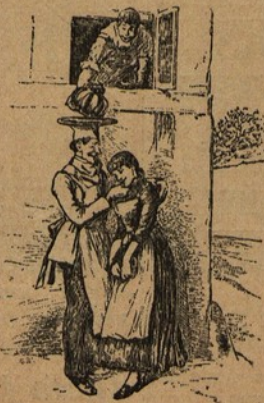
## Eis os titulos dos volumes publicados:

- N.º 1 — *Port-Tarascon* (ultimas aventuras do illustre Tartarin) 1 vol. de 176 paginas.  
N.º 2 — *D. Carlos*, de Saint-Réal, traducção de Luiz Cardoso, 1 vol. de 144 paginas.  
N.º 3 — *Madame Chrysanthème*, de Pierre Loti, trad. de José Sarmiento, 1 vol. de mais de 200 pag.  
N.º 4 — *Sapho*, de A. Daudet, trad. de Beldemonio, 1 vol. de 200 pag.  
N.º 5 — *Negro e côr de rosa*, de Jorge Ohnet, trad. de Eça Leal, 1 vol. de 160 paginas.  
N.º 6 — *O Senador Ignacio*, de Th. Cahu (*Théo-Crith*), trad. de Maria Velleda, 1 vol. de 230 paginas.  
N.º 7 — *Jettatura*, de Theophilo Gauthier, traducção de Luiz Cardoso, 1 vol. de 170 paginas.  
N.º 8 — *Casa com escriptos*, de Carlos Dickens, trad. de José Sarmiento, 1 v. de mais de 160 pag.  
N.º 9 — *O Canteiro de Saint-Point*, de Lamartine. trad. de Annibal Azevedo, 1 vol. de 180 pag.  
N.º 10 — *Rosa e Ninette*, de A. Daudet, trad. de Henrique Marques.  
N.º 11 — *Primeiro amor*, de Ivan Tourgueneff, traducção de José Sarmiento, 1 vol. de 160 paginas.  
N.º 12 — *Peccado mortal*, de André Theuriet, traducção de Fortunio, 1 vol. de 170 pag.  
N.º 13 — *O Judeu*, de Henry Murger, trad. de Herculano Sarmiento, 1 vol. de 160 pag.  
N.º 14 — *O tanoeiro de Nuremberg*, de Hoffmann, traducção de H. Marques, 1 volume de 170 paginas.  
N.º 15 — *Dinheiro maldito (Polikouchka)*, costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi, trad. de Luiz Cardoso.  
N.º 16 — *Vida phantastica*, por Méry, traducção de Eça Leal, 1 volume de 170 pag.  
N.º 17 — *O padre Daniel*, de André Theuriet, traducção de Fortunio, 1 vol. de 160 pag.  
N.º 18 — *Um coração simples*, de Gustave Flaubert, traducção de H. Marques, 1 vol. de 170 pag.

## UMA TRANSFORMAÇÃO



— Sim, querida, tenho na minha cabeça pensamentos e coisas tão doces!  
— Deverás?... Com tanto que sejam firmes e não fujam.



— Isso nunca! Será mais facil fazer parar o sol.  
— Não me fio nas suas palavras, porque o poder das alturas é infinito.



— Adeus nata dos meus merengues, meu torrão d'assucar!  
— Adeus, discipulo de S. Chrispim!

**JOSÉ HENRIQUES TOTTA**  
 SUCCESSOR DE  
**FORTUNATO CHAMIÇO**  
**CASA BANCARIA**  
 E  
 AGENCIA DA COMPANHIA  
 DE  
**SEGUROS GARANTIA DO PORTO**  
 75, 1.º — Rua do Ouro — 75, 1.º  
 LISBOA

**O RISO AMARELLO**  
 NOVO LIVRO DE  
**SILVA PINTO**

1 volume no mesmo formato e no mesmo typo dos livros do mesmo autor *N'este valle de lagrimas, Philosophia de João Braz e A Queimar Cartuchos.*

Brochado 500 réis, encadernado 700 réis  
 Livraria de A. M. Pereira — R. Augusta, 52 a 54

**DICCIONARIO DE MOEDAS**  
 pesos, medidas e mais informações commerciaes  
 de todos os paizes do mundo

por  
**José Nicolau Raposo Botelho**

Este livro, indispensavel a todos os que exercem a profissão do commercio em qualquer ponto do mundo, apresenta a indicação de todas as moedas, pesos e medidas de Portugal, de todas as colonias portuguezas, e de todos os paizes do globo. Além d'isso, contém todas as indicações e materias proprias d'um dictionario de geographia commercial.

1 vol. encadernado, 800 rs.  
 Livraria do editor ANTONIO MARIA PEREIRA  
 50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

**A VIUVA SIMÕES**  
 ESPLENDIDO ROMANCE DE COSTUMES FLUMINENSES  
 Pela illustre escriptora brasileira

D. Julia Lopes de Almeida  
 1 vol. br. 500 rs. — Livraria de A. M. PEREIRA

**A OBRA INTERNACIONAL**  
 POR  
**MAGALHÃES LIMA**

Novo livro d'este insigne publicista, e onde se acha condensado todo o socialismo moderno.  
 PREÇO 400 RÉIS BROCHADO

**CASA DOS BORDADOS**  
 DE  
**SILVA RODA & C.ª**  
 161, RUA AUGUSTA, 165  
**LOJA DE FAZENDAS BRANCAS E CAMISARIA**  
 E  
**ATELIER DE ROUPAS BRANÇAS**  
 (No primeiro andar)

Completo sortimento em camisas para homem, senhoras e creanças, matinees, penteadores, saias bordadas, enxaovas para noitas, collegias e recém-nascidos.  
 Encarrega-se de qualquer encomenda de roupas brancas e executam-se com a maxima brevidade.

**OBRAS**

DE  
**Marcellino Mesquita**

I — *Dôr suprema*, tragedia burgueza (2.ª edição), 1 vol. 400 rs.

II — *Na azenha*, esplendido livro de contos, 1 vol. 500 rs.

III — *O velho thema*, drama em 5 actos, 1 vol. br. 400 rs.

IV — *O Regente*, tragedia historica em 12 quadros, 2.ª edição, 1 vol. br. 400 rs.

«Em Marcellino Mesquita está um poeta que pretende occultar-se, e que não perde occasião de se disfarçar, pertinazmente, da melhor maneira possível. Mas quando a paixão rompe as cadeias do sentimento, a onda harmoniosa transborda, a prosa torna-se n'um canto, e corre com murmurios suaves de rio ou com gemidos tempestuosos de mar! N'este seu livro, *Na Azenha*, facilmente se comprova a asserção. Tirando-se os pedaços onde domina, primordialmente, o *descriptivo*, descriptivo magnifico, d'uma simplicidade de purissima arte, sobria e minuciosa, que no conto inaugural, já publicado no *Branco e Negro*, e na *Desforra do Maioral* culminantemente se afirma, na maior parte dos outros contos a paixão do poeta prevalece e canta; *O Segredo de Clotilde*, *A Declaração*, *A Caminho do Ceu*, *No Paraiso*, e sobretudo aquelle *Beijo de Mãe*, de tão extraordinaria e funda intensidade dramatica...»

Livraria de A. M. Pereira  
 50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

**LITTERATURA BRAZILEIRA**

POR  
**VALENTIM MAGALHÃES**

*Exposição, critica e excerptos documentaes dos melhores prosadores e poetas brazileiros. 1 volume adornado de muitos retratos, e formando, além do bello trabalho critico do auctor, um delicioso album de poesias e prosas; br. 600 réis, com uma linda encadernação, 800 réis.*

Livraria do editor — Antonio Maria Pereira  
 50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

# Branco e Negro



MELANCOLICA, quadro de Max Michael

PREÇO 50 RÉIS

N.º 81



# VERDADEIRO CHRISTOFLE

ALFENIDE DE 1.<sup>A</sup> QUALIDADE

Completo sortimento de louça d'alluminium de 1.<sup>a</sup> qualidade

## FILTROS MALLIÉ

Porcelana de amianto, *Theories Pasteur. Prix Montyon.*  
Academia das Sciencias, 1893. Paris.

N. B.—Estes filtros não teem ligações de cautchouc.

## AGUA DE COLLALI—MONTALCINO ITALIA

Recommenda-se esta agua a todas as pessoas que soffram  
de rhins e bexiga.


ANTIGA CASA JOSÉ ALEXANDRE

S a 12. RUA GARRETT, S a 12 — LISBOA

1:000 RÉIS SEMANAES

SO ANDA A PÉ quem quer

COLUMBIA E HARTFORD



## CASA COLUMBIA

21, Rua Ivens, 25

LISBOA

## Columbia e Hartford

Bicyclettes Americanas da celebre fabrica dos Srs.

## POPE & C.<sup>A</sup>—AMERICA

Unica fabrica no Mundo que applica o aço nickel na FABRICAÇÃO das bicyclettes

## Pneumaticos Hartford

Usados por todos os cyclistas

de preferencia a todos os conhecidos até hoje

O maior sortimento de  
accessorios para todos os  
systemas de bicyclettes.

# BRANCO E NEGRO

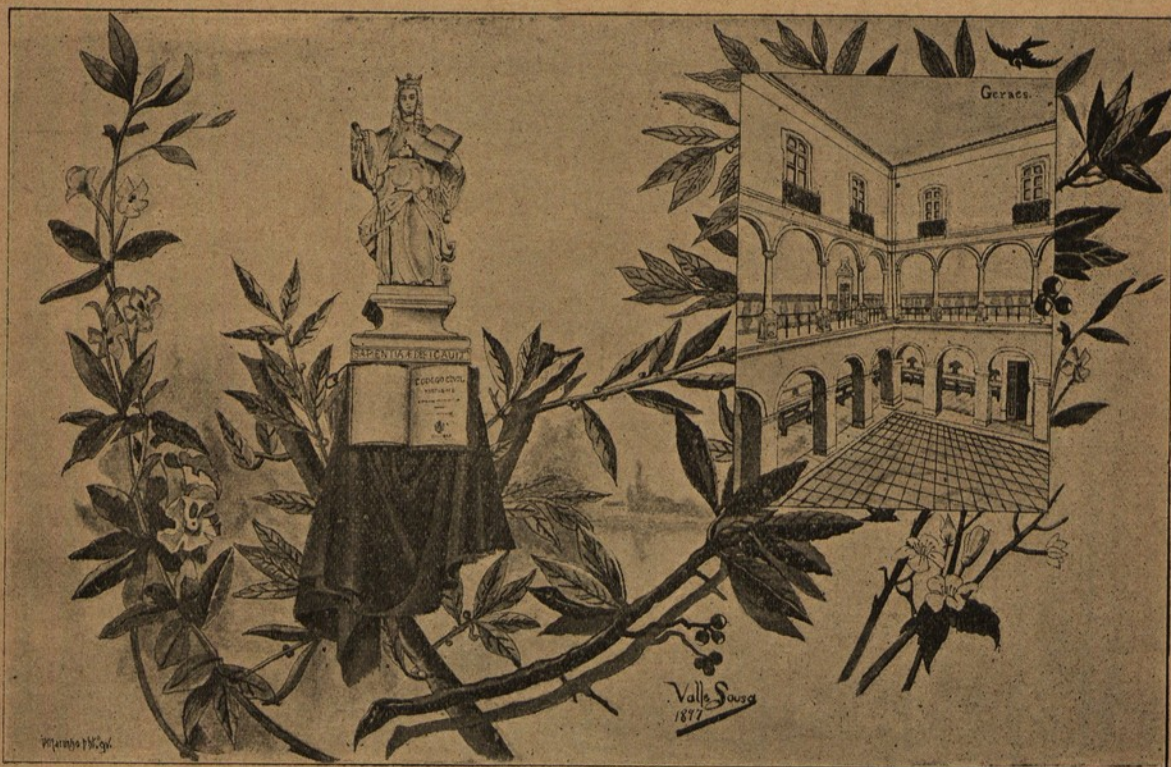
SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 81

LISBOA, 19 DE OUTUBRO DE 1897

2.º ANNO

## ABERTURA DA UNIVERSIDADE



Quanto póde de Athenas de sejar-se,  
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva,  
Aqui as capellas da tecidas d'ouro  
Do bacharo, e do sempre verde louro.

Camões — *Lusiadas*, C. 3.º, E. 97.

Alludindo a este predominio exercido pela patria de Sá de Miranda, eis como nos fala o famoso humanista Frei Heitor Pinto, nos seus *Dialogos* :

A nossa decantada terra de Coimbra, por tantos titulos famosa, despertou finalmente do lethargo que a envolveu durante alguns mezes, e apparece-nos hoje, cheia de vida e trasbordante de animação, sob o mais bello céu que se póde conceber.

A formosa princeza, que banha seus pés de prata nas aguas do Mondego e que ainda hoje levanta orgulhosa a sua frente, engrinaldada de louros, por sobre todas as outras cidades portuguezas, surge-nos agora ataviada das suas mais ricas galas, de todas as suas louçanias para receber em seus braços amorosos os alegres e descuidosos filhos de Minerva, que de todos os pontos do paiz veem libar o leite sagrado da Deusa.

Não obstante terem já decorrido alguns seculos, Coimbra occupa ainda hoje na sociedade portugueza o lugar proeminente que em outros tempos lhe deu a sua Universidade que

Ainda n'aquella idade inculta e féra  
A's forças toda dada, um espirito raro  
Pledoso templo ao brando Apollo erguera  
Santo Dinis na Fé, nas armas claro,  
Da patria pay, da sua lingua amigo  
D'aquellas Musas rusticas amparo. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Antonio Ferreira — *Poemas Lusitanos*.

«E assim como quem edifica em terra alheia, por mais que faça, sempre fica devendo o fôro ao senhorio de cuja mão tem a terra, assim por mais que os moradores de Lisboa, Evora, Santarem e de outras cidades e villas nobres d'este reino edifiquem, sempre ficam devendo o fôro a esta tão antiga como excellente cidade de Coimbra... E assim como do centro da esphera sahem as linhas para a circumferencia, assim d'aqui sahiram as armas com que se conquistou o reino, e d'aqui sahem as virtudes e as letras, assim divinas como humanas, com que elle é ornado e ennobrecido. E finalmente, é esta cidade como alma d'este reino, coroada e sempre leal, e uma formosa imagem em que todas devem pôr os olhos.»

Chegando o mez de outubro, em cujo dia 1 se abre a Universidade, nota-se nas ruas do velho burgo coimbrão, ha pouco sem viv'alma, um movimento desusado para todo aquelle que viu ahi a formosa cidade abandonada em tempo de férias; á mercê da brisa doudejante do Mondego, começam de fluctuar as capas negras dos estudantes, que dão ao local um aspecto pittoresco e buliçoso, fazendo-nos transportar a esses mysteriosos e severos tempos medievicos...

São devéras magnificentes assolemnidades com que se abre a Universidade, celebrando-se a missa do Es-

pirito Santo e o juramento dos professores, conforme a formula da bulla de Pio IV, de 1564.

No dia 16 de outubro, vespera da abertura das aulas, costuma realizar-se na sumptuosa *Sala dos Capellos*<sup>1</sup> a imponente festa da inauguração dos estudos academicos e da distribuição dos partidos, premios e honras de *accessit* aos estudantes mais distinctos, sob a presidencia do reitor; esta solemnidade já foi honrada com a presença de alguns dos nossos monarchas, como D. Pedro V e D. Luiz, que pelas suas proprias mãos distribuiram os premios aos laureados academicos.

N'este dia a *Sala dos Actos Grandes* assume um aspecto imponentissimo com os matizes vivos e dos capellos, o traje severo dos estudantes e as toilettes vivas e claras das damas cujos perfis doces e finos apparecem por entre os damascos das tribunas.

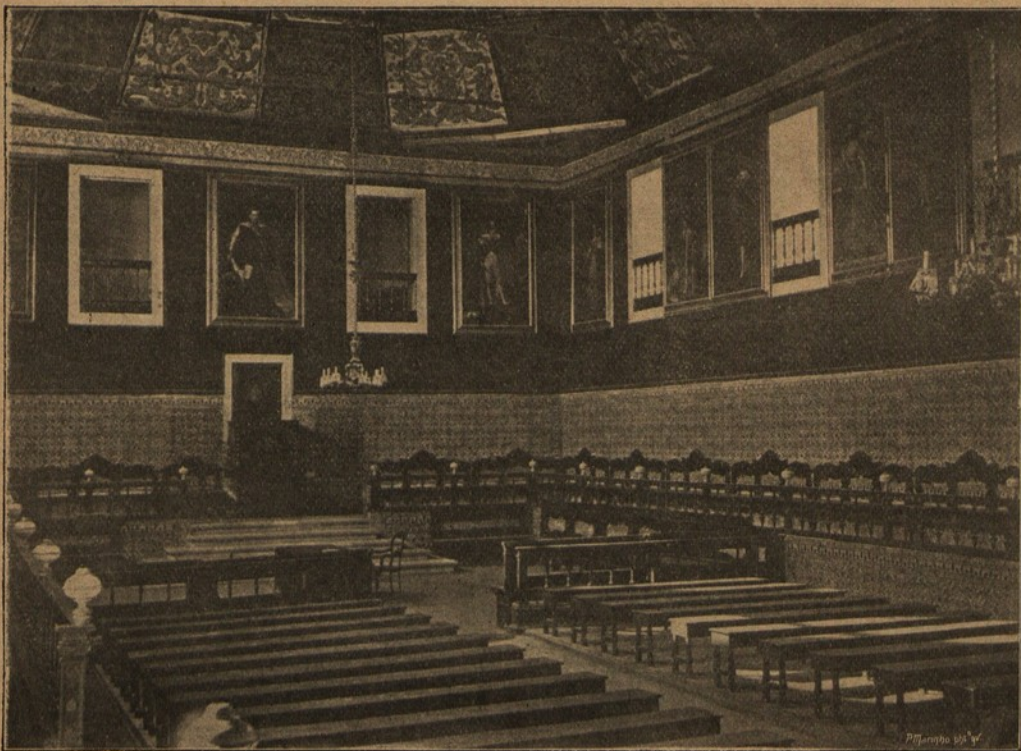
Por essa occasião é costume recitar um dos professo-

res abraços e todos pretendem contar á porfia os mil e um factos e peripecias que lá foram pelas suas terras.

E já que fallamos dos geraes não acabaremos esta rapida commemoração da abertura do primeiro estabelecimento scientifico de Portugal sem deixar aqui transcripto o que dos *geraes* disse o abalizado professor da Universidade sr. dr. J. Henriques, embora não seja o nosso intento sahir fóra do assumpto que nos propomos tractar, esperando dar um dia em um ou mais numeros do *Branco e Negro* alguns artigos sobre a Universidade de Coimbra.

«Na extremidade da mesma *via latina* está uma das entradas para os *geraes*, galeria em quadrado, para onde tem porta todas as salas onde as aulas tem logar.

E' um dos logares de mais movimento durante o tempo das aulas; e noutros academicos deixarão de recordar-se das impressões ahi sentidas.



SALA DOS ACTOS DA UNIVERSIDADE

res a *Oração de Sapiencia*, tendo sido a do anno passado pronunciada pelo talentoso lente de Direito e nosso antigo professor de Economia Política, sr. dr. Manuel Nunes Giraldes<sup>2</sup>.

No dia 17 costuma ser o primeiro dia d'aulas; o que se não verifica este anno por ser dia santificado, começando as aulas a 18.

E' indescriptivel a alegria que todos nós, estudantes, sentimos n'essa occasião em que voltamos a ver os nossos companheiros de que nos achavamos separados ha perto de quatro mezes. Na *Porta ferrea*, na *via latina* e nos *geraes* ha uma alegria ruidosa, trocam-se affectuo-

<sup>1</sup> Julga-se que esta sala tambem chamada *Sala grande ou dos Actos grandes*, foi construida no seculo XVI, sendo restaurada ahi por 1655 como se vê da data que leva a pintura do tecto, que é deveras interessante, cheia de figuras, aves e ramagens phantasiosas.

Esta sala tem as seguintes dimensões; 26<sup>m</sup> de comprimento, 12 de largura e 14 d'altura.

Abrem n'ella grande numero de tribunas, entre as quaes se veem as effigies dos reis de Portugal, muito do natural pintados de corpos inteiros, como primor a que pôde chegar a arte, diz emphaticamente o licenciado Bernardo de Brito Botelho, que falla assim d'esta sala:

«Seus Academicos se glorião da sua formosissima e espaçosa sala; que não tem inveja ás melhores de Hespanha, assim na grandeza, como na pintura, nem á celebre, e grande sala do Duque de Orleães em França.»

N'esta sala realisam-se, além da festa de que estamos tratando, as ceremonias dos graus, os exames de licenciados, as provas de concursos para professores da Universidade, etc.

<sup>2</sup> Esta bella peça oratoria pôde ler-se no Annuario da Universidade de Coimbra, 1896-97, onde tambem vem estampada a allocução proferida pelo venerando reitor da Universidade, senhor dr. Costa Simões.

A torre, de 30 e tantos metros, que aos quatro ventos da terra mostra como as horas correm e que é o marco que indica a todo o habitante de Coimbra e ao viajante que passar rapido, sobre a ponte de ferro, qual é a parte mais importante da cidade, quantas esperanças alimenta, quantas apoquentações annulla, quantas alegrias faz nascer!

Só quem nos *geraes* esperou o quarto depois da hora de entrada e só quem ouviu o — *deu a hora* — e viu levantar o lente, sabe o que ali se sente.

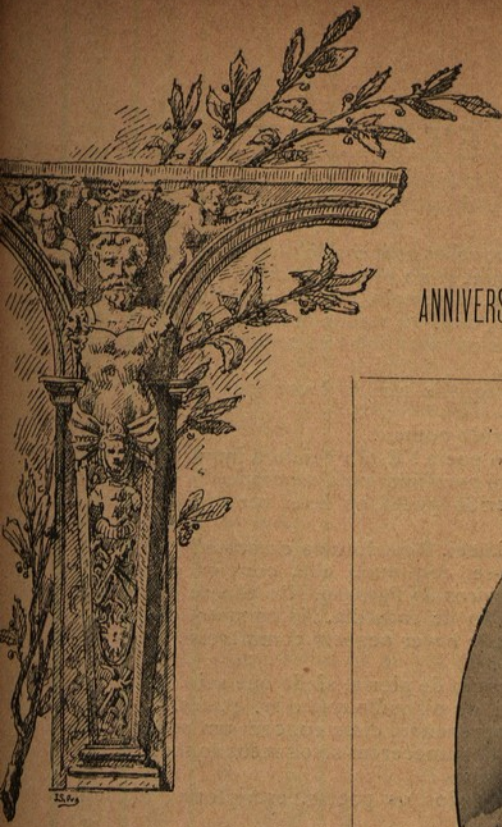
E nos intervallos das aulas, que bulicio, que animação, e por meio de tudo, que colicas!»

Terminando apresentamos hoje as despedidas aos nossos leitores pois d'esta data em diante, até ao fim do anno lectivo, os nossos trabalhos do terceiro anno juridico inibem-nos de collaborar n'este semanario, tão bellamente editado pelo nosso illustre amigo sr. Antonio Maria Pereira, que tão benevolo acolhimento tem dispensado aos nossos trabalhos<sup>1</sup>.

Coimbra, 15 de outubro de 1897.

ANTONIO JULIO VALLE E SOUSA.

<sup>1</sup> Embora este nosso collaborador d'esta data em diante, até findar por este anno os seus trabalhos na Universidade, não possa continuar a escrever cousa alguma no nosso semanario, o *Branco e Negro* conta ir publicando alguns artigos seus, inéditos, que já estão compostos, mas que em virtude da falta de espaço, ainda não puderam ser publicados. Entre elles figura um sobre o *Mosteiro de Cellas* nos aros de Coimbra e um estudo de investigação historica sobre *Julietta e Romeu*.



# 16 DE OUTUBRO

ANNIVERSARIO DE S. M. A RAINHA D. MARIA PIA



**O** dia d'hoje é dia de gala e de festa com melancolias somnambulas d'este outomno doce que atravessamos e perfumes de rosas-chá!

Annos atraz que, n'um ninho quente do sul, longe, onde o azul é avelludado como as flôres côr de rosa das azaleas, o chão se cobre dos marmores verdes de Syracusa e o ar branqueja das neves dos corucheus e do alvor immaculado das pombas, entre risos festivos e clamores de alegria, nasceu uma infanta, cujo perfil arrancado ás telas de Veronese, toucado de oiro e diademado por um sorriso limpido e casto foi como uma suprema Aurora de Esperança.

Elyseal como uma chymera mesmo, *frêle* como uma visão de poeta hypnotizado, perturbante como um aroma de lilaz, ella atravessou o concentrado e profundo espirito dos mares e veiu até nós, trazendo no sangue azul um pouco d'esse sonho que animava os principes do seu paiz e os fazia ter sómente coração para amar as estatuas e as flôres, labios para beber por amphoras lavradas de Benevenuto, o vinho dourado da Illusão, espirito para se quedar e se embevecer ante as paginas de Dante e as virgens aladas e fugitivas de Raphael.

Salvé Regina!

Flôr do Bem, Sonho Fulvo, Ave de Belleza, Coração de Estrella, Sacrario puro onde, como n'um Nilo abundante,

vieram commungar almas brancas de creanças e de marinheiros, corações afflictos de viúvas e alentar-se e encontrar protecção espiritos superiores de intellectuaes e de artistas, sobre ti, como sobre a figura magra d'uma santa arrancada d'algun missal illuminurado da Renascença, desceu e poisou o resplendor sagrado de todas as benções, a alleluia fervorosa de todas as preces de gratidão e de amor.

Salvé Regina!

Adoram-te e erguem-te hymnos os sem pão e os sem fato, os pobresinhos e os desherdados que tu abrigaste, Rainha e Senhora Nossa, com o manto immenso da tua Bondade de Mãe; bemdizem-te e beijam-te as mãos os rudes e simples barqueiros, os pescadores e os marujos a quem tu deste pão, casa, alegria e rêdes para a faina dos mares e consolações para as lancinantes agonias da Vida; veneram-te e respeitam-te n'um culto intimo, n'uma sa-gração espiritual e alta, todos os que teem ainda no frouxelado ninho do coração bondades adormecidas e quentes e vividos enthusiasmos a abrir.

Por isso nós te saudamos, Rainha e Senhora, calorosamente, effusivamente no dia de hoje, dia de galas e festa penetrado das doçuras somnambulas do outomno e do perfume castissimo das rosas-chá.

DOMINGOS GUIMARÃES.

# DESILLUSÕES DE UM POETA LYRICO

**A**NDAVA ha muito tempo á cata de um editor para o meu livro de poesias ; mas todos, com mais ou menos palavras, mas sempre no mesmo tom, respondiam-me :

— Não publico versos.

Se lhes perguntava a razão, replicavam-me com res-



Meu querido poeta, os seus versos não valem um caracol

postas capciosas ; e como todos pareciam estar combinados, eu andava cada vez mais desanimado e estabelecia a mim mesmo o seguinte dilemma :

«Se elles não publicam versos é porque não ha leitores para elles ; portanto a humanidade enganou-se coroando o Dante, o Tasso e tantos outros.

Mas para o caso em que fossem os editores os illudido, insisti, com a teimosia e a desfaçatez que dão os vinte annos e um primeiro livro de versos, até que dei com um editor que me recebeu amavelmente e me disse :

— Deixe-me ficar o original e volte d'aqui a quatro dias. Vamos a vêr o que se poderá fazer.



As minhas poesias !

Deixei-lhe aquelles pedaços do meu coração — os meus versos — e voltei lá no prazo marcado.

Recebeu-me no templo, porque uma livraria é o templo das letras, mais ou menos profano, conforme se esborrega menos ou mais pelas vertentes do realismo e da pornographia.

O bonzo d'aquelle templo levou-me para um canto e disse-me :

— Meu querido poeta...

Seu querido poeta ! Estão vendo a importancia d'esta phrase, que foi para mim uma esperanza !

— Meu querido poeta, os seus versos não valem um caracol.

— Ah ! exclamei, fazendo uma carantonha horrivel.

— Parecem-se, continuou elle, com os de todos os seus companheiros do Parnaso. Não espere que elles lhe angariem o pão de cada dia. No emtanto, em tudo, até nos versos, pôde haver negocio commercial.

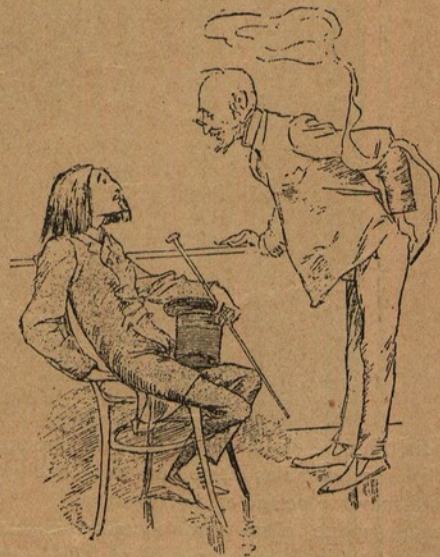
— Negocio ?

— Sim, negocio de gloria, ainda que seja falsa, ou de posição social, ou d'aquillo que o sr. queira.

— Não comprehendo, disse eu, com um profundo desalento vendo desvanecerem-se os meus sonhos de poeta.

— Tem relações ?

— Conheço todos os poetas, escriptores, musicos e dançarinas.



Trata-se, incauto mancebo, de encontrar um personagens eminente

— Não é isso, refiro-me a relações importantes ; por exemplo, uma pessoa a quem o sr. possa dedicar as suas poesias.

— As minhas poesias !

— E' sempre conveniente uma dedicatoria ! pelo menos ha possibilidade de collocar alguns exemplares, sob os auspicios da pessoa designada. Vamos, rebusque na sua memoria.

— Theodoro de Banville teve a bondade de me animar, e espero...

— Ora ! são todos o mesmo ! interrompeu-me o editor. E' impossivel fazer-lhes comprehender uma idéa pratica ! Depois, suavizando o tom, continuou :

— Trata-se, incauto mancebo, de encontrar um personagem eminente.

— Mas...

— Deixemo-nos de phrases superfluas, meu amigo, porque tenho muito que fazer. Se encontrar essa pessoa, pôde ser que me decida a publicar os seus versos. Adeus ! e até á vista... se nos virmos outra vez ! Ahi tem o seu original.

E devolvendo-me o meu livro manuscripto, virou me

às costas, deixando-me, como vulgarmente se diz, com cara d'asno.

Desde então, senti intermittencias de confiança e de desalento. A's vezes julgava effectivamente que os meus versos não valiam *um caracol*; outras, pelo contrario, sentia um grande orgulho de poeta.

Mas no fundo, aquelle homem tinha razão: bons ou maus, para serem avaliados, os meus versos precisavam de sahir a lume, e para isto era preciso procurar um personagem, homem ou mulher, a quem os dedicasse.

Alguns dias depois, passei melancolicamente pensando sempre nos meus malfadados versos.

Olhando distraído para a vitrine de um editor de musica, fixei os olhos n'uma peça musical: *O soneto d'Arvers*, por Jorge Bizet.

Aquillo foi um raio de luz.

Tinha encontrado o personagem importante, que era uma marquezinha de contrabando, mas rica, pretenciosa, sentimental e poetica.

Escrevi-lhe; respondeu-me com uma carta extensissima.

Corri a casa do editor e disse-lhe:

— Então publica ou não os meus versos?

— Não me atrevo.

— Não importa, publico os eu por minha conta!



Quanto custará a edição?

— Ah! isso é outra coisa.

— Quanto custará a edição?

— Quantos exemplares?

— Quatro mil.

— E papel?

— Do melhor.

— Capas?

— Das melhores.

— Com gravuras?

— Sim, uma, mar azul...

— O mar costuma ser verde.

— Eu quero o meu azul, porque o livro se intitulará:

*Rimas azues.*

— O verde assentaria melhor!

— Mas é inconveniente.

— Bem, não se apoquente por isso. Far-se-ha o mar azul. Que mais?

— Um cysne sulcando o mar.

— Que quer significar com isso?

— Apezar de não ser da sua conta, vou-lhe explicar. O cysne sou eu, o poeta...

— Ah!

— E o mar, é o da paixão...

— Já percebo, já percebo. Queria calcular o preço do desenho e da gravura.

— Quanto custa tudo?

— Quanto? Quatro mil francos. Pagos por duas vezes, com dinheiro na mão.

— Safa!

— Talvez outro lhe faça isso por menos, mas será um mamarracho indigno de um cysne do Parnaso que sulca um mar azul.

Quatro mil francos era precisamente a quantia que a marquezinha me tinha enviado; ficava sem vintem; mas não vacillei, porque aquella casa editora tinha fama de impri-



Fiz n minha viagem

mir primorosamente. Primeiro que tudo o decoro poetico!

— Sejam os quatro mil francos. Quando está prompto?

— O mais depressa possível, apezar da minha officina estar cheia de trabalhos.

— Quatro mil exemplares?

— Sim. Tem alguma dedicatória?

— Tem, aqui está, disse eu desdobrando um papel. — Primeiro, o titulo do livro com o nome do auctor.

— Claro.

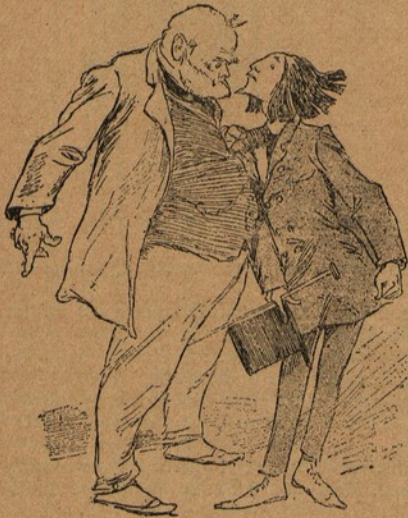
— Depois, esta phrase: *Aquella de quem não posso dizer o nome.* Mais abaixo, esta quadra de um soneto de Bizet:

*Sinto dentro de mim a eterna chamma  
De um amor que é sombra ou que é estrella  
Nunca, porém, saberá a minha bella  
Que existe um coração que soffre e ama.*



Quadro synoptico

— Perfeitamente.  
 — Mande já compôr para eu vêr as provas o mais depressa possível, porque quero demorar-me no campo alguns dias. O sr. não imagina quanto cansa fazer versos, apezar de não valerem um *caracol*, como os meus.  
 — Imagino. Só a procura das rimas! Gloria, satisfatória, palinodia.  
 — Palinodia, não rima.  
 — Peça perdão... eu sou um profano...  
 — Antes de pôr toda a edição á venda, mande-me tres ou quatro exemplares.  
 — Bem.  
 — Não temos mais que dizer.  
 — Ia a retirar-me, mas o editor deteve-me.  
 — Peça desculpa. Na nossa casa fecham-se as contas pelo anno novo e pelo S. João... Se nós liquidássemos...  
 — Quer o dinheiro adiantado?  
 — Se isso o não incommoda...  
 — Está bem, disse, puxando pela carteira e dando lhe duas notas de mil francos.  
 Reprimi um suspiro, mas que fazer? Primeiro que tudo a gloria.  
 Alguns dias depois corriji as provas dos meus versos. Que provas! Um chorrilho d'asneiras! Estava fatigado de emoções; recordei-me então de uma viuvinha, minha



O senhor é um malandrim!

amiga, que estava a passar uma temporada no Vésinet e me tinha convidado a ir ali passar alguns dias. Ella gostava muito de versos e estava inconsolavel. Resolvi consolal-a, se podesse, e passar ao seu lado o tempo que faltava até á publicação do meu livro. Parecia-me de effeito eclipsar-me como um meteoro, para apparecer de novo nimbado de deslumbrantes prismas lyricos.

Fiz a minha viagem, mas aquelle idyllio com a viuvinha durou pouco. No Vésinet recebi um bilhete do editor, que rezava assim:

«Já tem quatro exemplares prompts: o resto vae a todo o vapor.

Voltei a Paris, murmurando o verso de Musset:

*Ser poeta é ser rei da terra e céu.*

Levei os exemplares, enviei-os ao seu destino e esperi...

Não tive muito que esperar. O editor foi um prodigio de actividade.

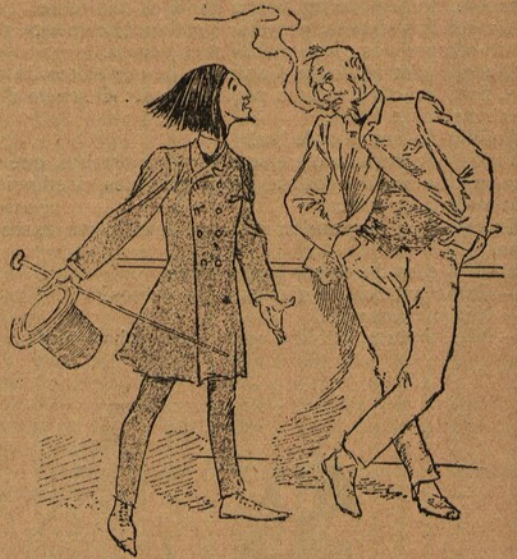
Um dia... *dies irae*, sahi ás dez da manhã, pensando em almoçar n'um restaurante, por um franco e cincoenta centimos. Fixei os olhos na vitrine de uma livraria e — ó momento ineffavel! ali estava o meu livro, flamante, todo garrido, irresistivel, com uma capa côr de canna de assucar, e o meu nome no alto; mais abaixo, estes dizeres em letras côr do céu:

#### RIMAS AZUES

E mais abaixo ainda, um cysne de deslumbrante alvura meio submerso n'um mar tempestuoso.

Imaginem a minha commoção.  
 Nunca mais pensei no almoço de franco e meio: era indigno de mim. Apezar de só possuir um luiz de meu, resolvi almoçar no Brébant, com ostras verdes de Marennes.

Emquanto saboreava aquelle almoço digno de Apollo e de Victor Hugo, tracei o meu plano.



Enterrado!

Havia muito tempo que sentia um grande affecto do coração por uma rapariga encantadora, loira como Margaridæ terna como Ophelia, orphã de um coronel morto no cêrco de Paris, e que vivia em companhia de uma tia, senhora antiquissima e consagrada pelo uso. Nunca tinha declarado á minha amada Hortencia a minha amorosa sympathia, pois receiava cahir nas rêdes do matrimonio; porque, francamente, um poeta de vinte annos, inedito, não deve pensar em semelhantes coisas. Ha muito tempo que não via a minha beldade encantadora. Tinha-lhe enviado um dos quatro primeiros exemplares do meu livro; e n'aquella manhã, um poder irresistivel levou-me a sua casa.

#### QUADRO SINOPTICO

##### A TIA

*Aperto de mão silencioso, olhar languido. Tira o meu livro de cima de uma meza e aponta para a dedicatoria, dizendo:*

«Filho, meu querido filho, pôde dizer o nome d'ella!»



Póde leval-os todos mediante a entrega de dois mil francos

*Entra como um furacão e diz:*

«Sim, meu amor; «pódes dizer o nome d'ella.»

*E atira-se-me ao pescoço. A tia desmaia.*

EU

... Safo-me.

Depois do amor, a gratidão. Ardia em desejos de demonstrar a minha á gentil marqueza, minha amiga e minha Mecenas. Tinha-me limitado a mandar-lhe os meus versos, mas hesitava em ir a sua casa, com medo de um encontro com o marido, homem violento, mal encarado e ciumento. Mas supuz que n'aquelle dia devia estar na Camara, onde havia uma sessão tempestuosa — por que elle era senador, — e decidi-me a visitar a sua generosa consorte.

Nunca de tal me tivesse lembrado! *Ella* estava na cama com um catarrho de bexiga; foi o marido que me recebeu, ó céus!

Cumprimentou me friamente, e disse-me com uma voz cavernosa:

— Ha reticencias que equivalem ás mais catheticas affirmações. A dedicatoria do seu livro é um atrevimento e uma impertinencia. O senhor é um malandrim!

O meu orgulho de poeta exposto nas vitrines exaltou-se; respondi-lhe com palavras azedas, esbofeteámos-nos, batemo-nos no dia seguinte e o vandalo deu-me uma espadeirada nas costas que me fez vêr as estrellas. A ferida produziu-me febre e a febre delirio, de modo que durante mez e meio não dei tento de mim.

Quando me restabeleci voei a casa do meu editor.

— E o meu livro?

— Enterrado.

— Como, enterrado?

— Sim, ahí está toda a edição, porque os livreiros desenvolveram-me os exemplares expostos. Não se vendeu nem um. Póde levar-los todos, mediante a entrega dos dois mil francos que faltam para o pagamento integral da edição.

E lá levei todos os exemplares. Estão em minha casa. Aviso aos amadores.

Quatro mil francos atirados á rua e uma espadeirada! Poetas lyricos, ponham aqui os seus olhos!

(Trad.)

BOB.

## SPORT

### CORRIDAS DE VELOCIPEDES

CONFORME annunciámos, realisaram-se no domingo passado nos Olivaeas as corridas de velocipedes organisadas por uma commissão de cavalheiros alli residentes, com o brilhante concurso de um gentilissimo grupo de illustres damas.

Logo pela manhã começou a affluir uma grande concorrencia para o logar das corridas, e proximo das 2 horas da tarde, quando ellas começaram, era tal a agglomeração de povo, que a policia viu-se embaraçada para desimpedir a estrada. Comtudo, o transito foi desimpedido e realisou-se a 1.ª corrida de bicycletas — Juniors fracos — sendo corredores os srs. Santos Junior, J. Lopes, Carlos Vianna, Julio Rei, Henrique Dupuy, Antonio Cardoso, Manuel C. Magalhães. Chegaram primeiro o sr. Santos Junior, segundo o sr. J. Lopes, terceiro o sr. Carlos Vianna. Premios, medalhas de vermeil, prata e cobre.

2.ª corrida. — Juniors fortes. — Premios: medalha de prata e uma fita. Distancia, como a primeira, 7 kilometros. Correram só os srs. Antonio Barros, Luiz Sande Junior e Carlos Faria. Chegou em primeiro logar o sr. Carlos Faria e em segundo o sr. Antonio Barros, que, trazendo grande avanço sobre os seus competidores, só poude ganhar o segundo premio por ter rebentado um dos pneumaticos.

3.ª Corrida — Tandens — 7 kilometros — Premio, medalhas de prata. Tomaram parte n'esta corrida as equipas Mergulhão e Mouton, Santos Junior e Julio Rei. Ganhou a primeira equippe.

4.ª Corrida. — Seniors, em bicycleta — 14 kilometros. — Estavam inscriptos 9 corredores mas só correram os srs. Alexandre Mouton, Ignomeu Rocha, João Ourem e Antonio Marques. Ganhou o primeiro premio, medalha de vermeil, o sr. João Ourem e o segundo, uma fita, o sr. Mouton.

5.ª Corrida — Juniors fracos — 14 kilometros. — Inscriptos 6 corredores, mas só compareceram os srs. Santos Junior, que ganhou o primeiro premio, Carlos Vianna, que ganhou o segundo, e A. Lopes, que obteve o terceiro.

6.ª Corrida — Negativa — 60 metros. — Dos 7 corredores que entraram n'esta corrida quasi todos, ou todos, cahi-

ram, não chegando tambem á meta o sr. Magalhães que, apesar d'isso, recebeu o premio.

Seguiu-se a corrida de fitas, dividida em duas partes, tendo conseguido brilhar mais o sr. Julio Rei, que tirou 5 fitas, o sr. Magalhães, que tirou 2, o sr. Francisco Smith tambem 2, e 1 fita cada um os srs. Carlos Vianna, Mario Candido, Motta Veiga e Santos Junior.

As fitas, offerecidas por uma commissão de senhoras, eram lindissimas e d'um grande valor artistico, sendo tambem primoroso e pouco vulgar n'esta epocha o ramo de rosas naturaes que a ex.ª viuva Motta Veiga offereceu ao nosso amigo Santos Junior, como distincção por ter obtido os primeiros premios.

As corridas estiveram sempre muito animadas, sendo por vezes grande o entusiasmo.

Cabe á commissão promotora a gloria de ter promovido umas corridas dignas de serem registadas.

### «CLUB COLUMBIA» — CAMPO GRANDE

Realisam-se hoje, 17, no esplendido parque do Campo Grande as corridas de velocipedes promovidas pelo *Columbia Club*, nas quaes só são admittidas as machinas *Columbia* e *Hartford*, podendo no emtanto tomar parte na corrida offerecida aos corredores portuguezes todos os que n'ella se quizerem inscrever, mas montados em qualquer d'aquellas machinas.

Pela inscrição, que vae já numerosa, pelos premios, que são tudo o que ha de melhor em medalhas de ouro, de vermeil e de prata, pela grande infinidade de fitas, algumas de primoroso gosto, estas corridas promettem ser muito concorridas e animadas.

O programma, que está já organizado, é attrahente, tanto pelo numero de corridas como pelo de corredores. Os primeiros vão em breve ser expostos na antiga casa José Alexandre, rua Garrett, 8 a 12. Durante as corridas duas ou tres bandas de musica far-se-hão ouvir no parque.

Os srs. J. B. de Carvalho, Augusto & Brandão, proprietarios da casa *Columbia* e directores do *Club Columbia*, não se têm poupado a fadigas nem a despezas para que as corridas sejam em tudo dignas de quem as promove.

## AS PHOTOGRAPHIAS DO ACTOR TABORDA

Por lapso deixou de sahir no numero passado o nome do nosso illustre collaborador artistico e litterario Arnaldo Fonseca, que tirou para o *Branco e Negro* todas as photographias do grande actor Taborda, que tão extraordinario e justificado exito alcançaram.



# O REI DE SIÃO



## EM BANGKOK

**N**o decorrer da minha vida errante, levou-me um dia o destino á capital do reino de Sião. Margens viçosas do Meinan; casaria boiante; rostos cõr de chocolate, onde avultam beiços entumecidos e vermelhos pelo uso do betel; já pouco me recordo de tudo aquillo. O seu leopardo e os seus abutres symbolisam hoje para mim, apagada a primeira impressão dos detalhes, a idéa que conservo de Bangkok.

Entramos, eu e alguns amigos, no vasto recinto onde se eleva a habitação real. Sua magestade Somdetch P'ra Paramindr Mahah Chulalongkorn está ausente dos seus reinos; mas um amavel príncipe, que nos serve de guia, mostra-nos as curiosidades mais de vêr-se.

São aqui os jardins arrelvados, onde por nossa intenção passeiam os famosos elephantes brancos, dirigidos por sagazes cornacas. Seguem-se os pagodes, geralmente encimados por cupulas pyramidaes, que terminam em altíssimas grimpas. Fixa-se a nossa attenção nas paredes revestidas de trabalhoso mosaico, nas incrustações de madreperola dos portaes, nas allegorias do culto, no

portentoso Buddha, feito de uma só esmeralda de tres palmos de altura, de valor inestimavel.

Ergue-se mais além o palacio real, n'uma elegantissima fachada, cujo unico senão está no mau gosto da sua architectura europea, sob um telhado, rendilhado em mil cornijas, de pura feição indigena. Profusão de flores e de arbustos viçosos. Grandes elephantes doirados, em pedestaes de marmore.

Lá dentro vemos a sala de recepções officiaes, os aposentos do menino herdeiro do throno, a piscina onde elle se exercita em natação, os seus gabinetes de estudo, com mappas parietaes de systema metrico e de classificação zoológica.

Cá fóra cruzam-se fidalgos, ministros, camareiros; ha um vae-vem continuo de serviçaes e soldados, que se acocoram e põem as mãos no chão, quando d'elles se avizinha o nobre príncipe que nos acompanha. Apontam-nos com respeito, espojados sobre um tableiro de relva, uns garotitos descalços, cõr de ambar; — são os filhos de sua magestade.

Vem descendo a noite, amena, transparente. Conversamos sobre varios assumptos, passeando vagarosamente ao longo das trilhas, cobertas de fina areia. Informam-nos de que sua magestade, partindo em excursão pela peninsula malaia, levára consigo as suas muitas esposas, incluindo a primeira em jerarchia, esposa e ao mesmo tempo sua irmã. Não merece espanto o caso. Mandã

a velha pragmatica, que os reis de Sião contráiam as suas grandes nupcias só com filhas de reis. Ora estes já ha annos desapareceram das vizinhanças, mercê da farta rapina exercida por duas nações da Europa: de modo que os monarchas siamezes só encontram na propria familia, coitados d'elles, o unico recurso para não abjurarem d'um nobre preceito, legado de geração em geração.

Uma curiosidade a observar é um soberbo leopardo, solto, livre, passeiando ao seu sabor, approximando-se de nós, fixando-nos por vezes com as suas pupillas nostalgicas. — «Manso como um gatinho» — é a phrase de sua alteza. No entanto o dulcissimo animal encara de quando em quando, carrancudo, os grupos de escravos quasi nus, que enxameam nos vestibulos. Provoca risos o seu mau humor. Uma mulher, por brincadeira, empurra para a frente um rapaz que lhe está proximo. O rapaz solta uma gargalhada. O leopardo, ao que parece, não gosta de gargalhadas; dá dois pulos, chammeja-lhe o olhar. O rapaz foge, a rir-se ainda; é o leopardo avança em ondulações, sem ruido, com patas de veludo; envolve-se com elle, abraça-o, rasga-lhe as carnes, deixa-o morto.

O acontecimento não desperta grande interesse aos circustantes ; é talvez frequente.

— O rapaz é que teve a culpa; se não fugisse... observa-me judiciosamente o principe, offerecendo-me um charuto.

Pois, certamente, o pobre escravo é que tivera a culpa... E eu felicitava-me intimamente por não ter sido o escolhido pela fera, que passára a dois palmos; e via n'aquelle leopardo domestico cevando-se em entranhas humanas, via sobretudo na curta phrase do principe, definir-se a civilisação siameza... embora sua alteza es-

coisa que foi um homem, que depois foi um cadaver, que é agora unicamente uma informe massa negra e corroida, jaz por terra, conservando apenas quasi intacta a cabeça. Isto foi pasto de banquetes anteriores. Resta pouco. Dois abutres, ultimos do festim, poisados gravemente sobre as costellas, alongam os pescoços, debicam nas orbitas restos de alimento; um desprezível rafeiro amarello esmordaça os pés do defunto.

Aqui vae a explicação d'este horror. No paiz siamez, a cremação é usada para todos, fazendo-se excepção para os condemnados. Quando das sordidas prisões sae



UMA RUA EM BANGKOK

tivesse fumando um perfumado animal, embora calçasse apurada luva, embora se expressasse em puro inglez de Londres, onde annos antes estivera aprimorando o espirito.

A noite adiantava-se. Os abutres, em ramadas distantes, piavam lugubrememente, chamavam-se, como que convidando-se para uma farta orgia de podridões.

Os abutres? Outra recordação, outra historia a contar, se m'o permittem.

Vira-os na vespera, não longe do palacio real, n'um amplo recinto chamado Wat-Saket.

Imaginem um campo murado, cheio de vegetação inculta. Elevam-se arcarias, apendres, pequenos nichos, de uma applicação desconhecida, esverdeados pelos musgos humidos. No solo, monticulos de cinzas recentes, producto da queima dos cadaveres, pois estamos no logar das cremações. Chega-se depois á clareira. Uma

o cadaver d'um preso, é levado ao Wat-Saket e atirado á terra; cabe aos cães e aos abutres o resto da cerimonia funebre. Por alli enxameavam aos bandos, sobre os troncos dos arvoredos, aquellos monstros alados; firmes, impassiveis, como soldados inglezes de sentinella; apenas, quando eu passei, me olharam de soslaio, quasi carinhosamente, assim como a segredarem-me, os lambareiros: — «tambem para cá virás.»

Positivo: os seus abutres e o seu leopardo são para a minha reminiscencia os traços dominantes da cidade de Bangkok, com permissão do illustre principe que tão graciosamente acolheu a minha visita.

*Dos Traços do Extremo Oriente.*

WENCESLAU DE MORAES.

# ○ NATURALISMO NO THEATRO ○

(EXCERPTOS D'UM ESTUDO)

O theatro é a escola dos costumes; não deve ser a escola de medicina.

Além d'isso, a exhibição da realidade pura é impossível no theatro.

Só uma vez é que fiz naturalismo sem querer; e, no entanto, ainda hoje me remorde a consciencia.

Tinha passado a noite em caminho de ferro, sentia-me cansado ao representar o Annibal da *Aventureira*. No fim do segundo acto, Annibal, a quem Fabricio faz beber demais, embriaga-se e adormece logo. Representei a embriaguez como de costume, nem mais nem menos; mas como tinha de me fingir adormecido, pareceu-me tão doce a coisa que imitava, e tinha tanto somno, que me deixei adormecer verdadeiramente em scena, deante do publico, e até me succedeu — *proh pudor!* — resonar alto. Isto não estava no papel, mas o publico que me ouvia suppoz que aquillo era apenas um effeito que eu queria tirar. Alguns riram, outros acharam a coisa de um gesto duvidoso, e não faltou quem dissesse que eu roncava sem verdade, sem graça, forçando a nota. Verdadeiramente, aquillo não era natural!

Ah! eu era indifferente ao applauso e á censura; creio que por mais que me assobiassem não teria acordado, e quando o panno baixou, os meus collegas tiveram um trabalhão para me chamarem á realidade. O caso é que aquella somneca me fez um grande bem, e acabei o meu papel acertadamente.

Esta falta podia acabar mal. Verdade é que, se tivesse de acordar antes de acabar o acto, não me teria deixado vencer pelo somno. O meu abandono proveu de que não tinha mais nada a fazer antes de cahir o panno. Em vez de fingir o somno, adormeci realmente, e, com vergonha o confesso, caí no naturalismo.

D'esta falta e de outras assim, tiram-se proveitosas lições. Houve espectadores que acharam mal fingido aquelle somno, parecendo-lhes inverosimil. Esta é a historia, tantas vezes repetida, do palhaço e do aldeão. O palhaço imita o grunhido do porco e applaudem-o; o aldeão, que apostou em como grunhiria tão bem como o outro e que debaixo da capa occulta um verdadeiro leitão, belisca ás escondidas o animal, este grunhe, e é pateado. Que quebrem! o leitão grunhiu indubitavelmente muito bem, mas grunhiu sem arte.

Aqui é que está o erro do naturalismo: pretender sempre fazer grunhir os leitões.

E dil-o-hei? D'este erro participam tambem os actores que pretendem que se não póde expressar bem aquillo que se não sente. A estes devemos accusal os de naturalismo, porque se choram para fazer chorar, a logica exigirá que se embriaguem para representar um ebrio, e para representar perfeitamente o assassino devem fazer-se suggerir por qualquer hipnotisador a idéa de dar punhaladas no seu companheiro.

Isto para se não arriscarem a parecer falsos, quando representam. E' preciso citar uma anedocta? Pois ahí vae uma, cujo heroe é o actor inglez Edwin Booth:

Representava uma noite *O rei diverte-se* (*The fool's revenge*). Este papel era um dos seus favoritos. Esmerrou-se n'esse dia ainda mais que de costume, e a força das situações, o pathetico da linguagem, influíram tanto n'elle, que se identificou completamente com o seu personagem: lagrimas verdadeiras correram dos seus olhos,

a emoção embargou-lhe a voz e ficou convencido de que nunca tinha representado melhor. Ao terminar o drama, viu chegar ao seu camarim a filha, que era o seu mais seguro critico e que assistira á representação; ella correu para elle e perguntou-lhe com inquietação se se tinha sentido incommodado e a que se devia o ter desempenhado tão mal o seu papel n'aquella noite!

O que é uma preciosa confirmação do famoso, e no meu entender, verdadeiro paradoxo de Diderot: que para commover não é necessario commover-se, e que todo o actor deve, em todas as circumstancias, permanecer senhor absoluto de si mesmo.

\*

Dissertar sobre a arte parece ás vezes que é falar de ninharias; mas deve ter-se em conta o poder de augmento da scena. Esta exagera tudo, modifica as leis do espaço e do tempo, encerra os logares em alguns metros quadrados e os minutos parecem horas.

O que na leitura parece um fio no theatro transforma-se n'uma corda.

Ha naturalidades differentes. Natural não significa uniforme. Dois individuos podem ser muito dissimi-

lhantes na manifestação dos seus sentimentos e serem da mesma fórma sinceros e naturaes.

Dois actores de equal merecimento pódem, segundo o seu temperamento, reproduzir aspectos differentes da natureza. A' primeira vista póde notar-se no modo de representar de artistas muito grandes — um não sei quê de excessivo, de exagerado, que parece, dado o ponto de vista da naturalidade, pôl-os em estado de inferioridades, se os comparamos com certos artistas secundarios. Mas isto não é mais do que apparencia. Elles dão ás suas creações a sua propria grandeza: nem mais nem menos.

São naturaes como a aguia em vez de o serem como a galinha. Mas quer se seja aguia ou galinha, nunca se está dentro das leis geraes da arte. A verdade, a proporção, a harmonia fez-se para toda a gente.

Eu sou pela natureza contra o naturalismo.

*O natural na arte!* Quantas coisas se poderiam dizer sobre este capitulo, que tem interpretações diversas, seguindo os tempos e os paizes.

Quando Garrick veiu a França admirou muito os nossos actores, mas não os achou bastante naturaes. Dirão que era porque elle representava a tragedia. Mas Talma



Coquelin na comedia *Mademoiselle de la Seiglière*



COQUELIN, filho

introduziu o natural na tragedia, e a isto deveu os seus exitos e a sua influencia.

A sua naturalidade seria igual á de Garrick? Não sei, porque o genio das duas raças é muito differente; a affeição pela dignidade é demasiado viva entre os nossos visinhos para que permaneçam sempre no meio termo, e em todo o caso, nós somos os que, vendo Irving não o achamos bastante natural.

A verdade é que a sua naturalidade não corresponde á nossa. Teriamos tambem que fazer reserva quanto á naturalidade dos allemães, excessivamente lacrimosa e que se parece, nas suas affectações philosophicas, com o que era a naturalidade de Diderot e da escola sensivel do fim do seculo passado.



COQUELIN, filho, no papel de Pierrot

E' sabido que estes ultimos eram innovadores. O seu estylo, que nos parece tão longe da verdade, introduziram-o elles no theatro em nome da natureza e em nome da natureza levantaram tambem o seu estandarte esses românticos, hoje passados de môda e declarados velhos pelas suas tragicas attitudes.

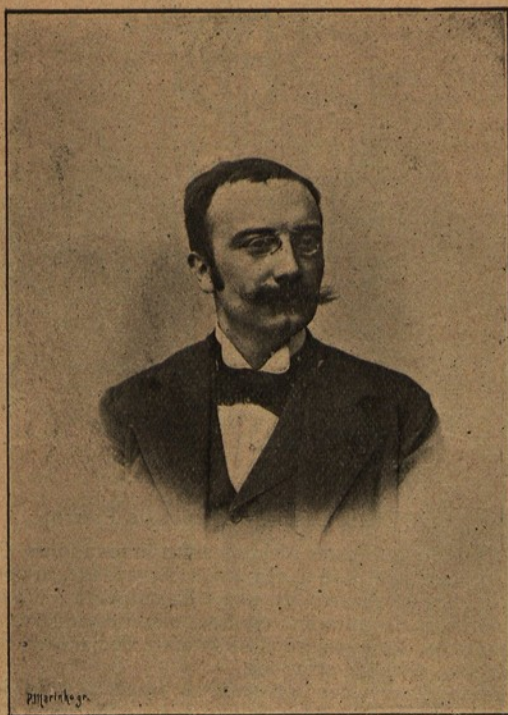
Pretenderam estes substituir a tragedia pelo drama verdadeiramente humano, misturado de lagrimas e risos e deram-nos *Antony*, a *Torre de Nesle*, *Lucrecia Borgia*; e com a mesma intenção, o barão Taylor, collaboreando com o delicioso Norlier, fez representar *Malmöth*, *O homem errante*, os *Vampiros*, *Vergonha e remorsos*, *Amor e frivolidade*, etc. Evidentemente, este humanismo não era o de Voltaire.

COQUELIN.



COQUELIN na *Aventureira*

# XAVIER DE CARVALHO



SE a est'hora não ha por certo em Portugal e no Brazil quem por medianamente lido não conheça o nome d'este excellente e sympathico rapaz — pois raros nomes d'escriptor terão nos dois paizes irmãos tão ampla repercussão e voga — poucos em tróca conhecerão a sua physionomia tão expressiva e aberta onde, por dois olhos doces e espertos, se debruça uma verdadeira alma de Poeta no enamorado sonho de *Novos Céos Livres*, de *Paraisos Perdidos* a reconquistar, pela Acção. E vendo hoje o seu retrato no *Branco e Negro*, constatarão a perfeita identidade entre o seu ser intellectual e o seu aspecto physico, a harmonia perfeita existente entre aquelle seu ar jovial e nervoso e a vivacidade agil e corredia da sua prosa.

Vae para quinze annos que, sem fortuna e o coração a trasbordar de sonhos, Xavier de Carvalho obedecendo a uma irresistivel vocação que o arrastava para o tumulto da vida litteraria, as suas febris batalhas e os seus embriagantes triumphos, abandonou os estudos e se lançou com arrebatado enthusiasmo no jornalismo. As gazetas, porém, cerraram-lhe as portas como por esse tempo as fecharam tambem a Eduardo Salamonde, o poderoso estylista que, emigrando, levou a terra extranha as suas grandes qualidades jornalisticas e o qual o Brazil hoje cumula das maximas honras, de fortuna e de gloria, com que é possível aureolar um homem.

Em Portugal ter estylo é, para a profissão jornalística, irremediavel desgraça; saber dizer e ter que dizer um pleonasm, uma excrescencia. Geralmente, exceptuando quatro ou cinco jornaes, os quadros de redacção são constituídos por creaturas subalternissimas, uma mediocridade irrisoria e lamentavel, pois não supporta seres de cultura intellectiva maior ou de mais vivaz intelligencia, a inferioridade invejosa dos directores das folhas, no justificado receio de, para logo, se verem supplantados e annullados.

Xavier escrevia então as chronicas de Lisboa para a *Folha Nova* do Porto. E Mariano Pina, uma das mais completas e mais admiraveis organizações de jornalista moderno que ainda alvoreceram em Portugal, e que por sua vez fôra tambem uma victima da superioridade, tendo em Paris a *Illustração* para lá o chamou dando-lhe um logar na redacção da magnifica revista. Foi uma alegria

doida para o Xavier. E uma bella manhã, cheio de entusiasticos sonhos de triumpho e gloria como só se sonham aos vinte annos, para lá abalou a caminho d'esse Paris estonteador e prestigioso onde todos nós vamos receber o sagrado baptismo de luz.

Xavier nasceu em Lisboa mas começou a revelar-se litterariamente no Porto e pertence portanto á geração poetica d'essa fatal e sinistra Provença do Norte. E' da camada litteraria de Antonio Nobre, Hamilton, Eduardo Coimbra, Joaquim Coimbra (Raul Didier), João Saraiva, Oliveira Macedo e Joaquim de Lemos.

Era a geração que começava virtualmente a reagir contra o impassivel e frio parnasianismo, essa Arte amorpha e livida onde não corria nenhum divino estrelecimento de Vida ou de Alma. Hamilton, esse poderoso talento poetico tão original e tão forte, Xavier e Joaquim Coimbra, todos de atavismos murguerianos, influenciados por Alfredo Carvalhaes, reagiam pelo impeto soberbo do seu verso, pela sua fôrma já tantas vezes em declarada rebellião contra a caduca *Arte Poetica*, pelo seu ardor passional e fremente; os outros, Eduardo Coimbra principalmente, pela candida simplicidade do seu lyrismo que melhor se abraçava aos rythmos de João de Deus do que ao guarda roupa parnasiano, sob cujo peso ornamental decerto morreria asphyxiado. E o movimento insurrecto, insciente ainda, deveria na camada litteraria seguinte, accentuando-se mais e orientando-se-lhe melhor no sentido de uma Arte de sinceridade e de simplicidade, dar de si como expressão culminante e suprema esse extraordinario *Só*, onde rompe, lyrico e tragico, em pavores de *au delà* e brandas elegias de amor, o poderoso genio poetico de Antonio Nobre.

Para esta reacção que, por não revestir o descabellado exagero, o úlulante impeto dos romanticos, de Hugo, que Heine chama, a despeito da sua epica grandeza, sobrehumana decerto, anão; de Byron que se rebellava contra o chato mercantilismo inglez; de Poë, sobretudo, o extranho genio que pelas suas creações espantosas protestava contra a civilisação panno crú e contra a democracia do milhão dos yankees, não deixou comtudo de influir grandemente na Reforma poetica porque vamos passando e de contribuir portanto tambem na Renascença que se prepara, trabalhou Xavier ainda em Portugal com os versos que espalhava por jornaes e revistas e principalmente para ella cooperou, efficaz e poderosamente, em Paris.

Quando o moço lusuadi chegou á capital franceza, encontrou alli um exercito de escriptores, almas com fomes d'alma, a bater-se vigorosamente ainda que tumultuariamente por uma litteratura soffrida, vivida, pessoal e humana. Em toda a linha ia accessa a revolta contra uma arte secca e mesquinha, falha de coração e de ideal, sonora e vasia, mera quinquilharia artistica de bazar. O humanismo russo, a piedade infinita da alma slava, o amor pelos fracos e pelos humildes revelado na *Guerre et Paix* de Tolstoï e em *Les pauvres gens*, a crispação hallucinatoria que ainda nas almas mais serenas e quietas produzia esse genial *Crime et chatiment* do epileptico Dostoievski, tinham poderosamente influido no abalar da arte macia e exterior e sem garras e nervos, dos parnasianos e d'aquelles dos naturalistas que eram só meros cultores da fôrma. Nos corações fazia-se um *renouveau* de fé idealista. E não eram lá, como foram depois aqui, moços imberbes os crusados d'esta nova expedição pela Arte Pura. Velhos mesmo já alguns, homens de cabellos e barbas de mendigo, muito brancas. Era Verlaine, o fauno-anjo, era Mallarmé e a secundal-os nas suas aspirações renovadoras, na sua nevada fé uma mocidade sedenta de Ideal e de Gloria: — René Ghil, o grego Moréas, Haraucourt, esse grande Lafargue, cujo genio hegeliano nunca será devidamente exaltado, o doce lyrico Regnier, Poictevin, Huysmann, Barrés, toda uma pleiade que em Hennequin e Morice encontrou dois subtis e admiraveis criticos.

Impropriamente se lhes chamou decadentes e symbolistas. As duas escolas tinham vindo para dizer o senti-

mento intimo das coisas, mas os grotescos e imperdoaveis excessos em que cahiram e sobretudo uma completa ausencia de ideias coordenadoras e fórtes tornaram inutil e vã toda essa agitação; apenas uns, os symbolistas, na impossibilidade de se elevarem, por um completo divorcio da evolução social, até ao symbolo humano e largo como já o fizera o genial Flaubert, limitaram-se a realizar cada um em si mesmo, na sua arte, uma Synthese que fosse como que um symbolo da Synthese final ordenada pela evolução da ideia esthetica. É isto, os resgata de muitas faltas, estas balbuciantes tentativas da Synthese geral para que hoje se congregam os esforços de todos os verdadeiramente grandes e progressivos.

D'esse movimento, a que Eugenio de Castro deveria algum tempo depois ir buscar a Paris os exageros, o vocabulario raro e o mysticismo de sacristia principalmente, foi Xavier o revelador e de certo modo o propagandista em Portugal nas chronicas que na *Provincia* do Porto escreveu, pelo que recebeu agradecimentos de Huysmann, René Ghil, Poictevin e Moreas.

Xavier está ha doze annos em Paris exercendo com a maior distincção o logar de correspondente dos importantes jornaes, o *Seculo* de Lisboa, *Paiz* do Rio e *Diario Popular* de S. Paulo. E' um jornalista como hoje se comprehende o jornalista em todo o paiz que não seja o nosso, quer dizer um espirito superiormente culto, moderno, versado em todos os assumptos que constituem a vida contemporanea, escrevendo com elegancia e com-

prehendendo que a oportunidade, a antecipação é na imprensa moderna o principal. As suas cartas de informação são interessantes sempre, e as chronicas publicadas em illustrações, e os seus artigos litterarios na *Critique*, *Aube*, *Revue du Brésil* e *Diplomatique* em que collabora, affirmam as suas bellas aptidões litterarias. Como poeta, Xavier é um pagão que a Vida apaixona, um sensual espiritual que canta a alegria das sensações e o dominio fulvo da Carne.

Em Paris fundou com o valoroso e heroico Cipriani a *Liga Internacional dos Povos* onde o seu ideal humanitario de socialista scientifico, rasgadamente libertario, tem amplo cabimento.

A roseta que Xavier ostenta no casaco é a de official de Instrucção Publica com que o ministerio Bourgeois, para recompensar os serviços prestados á França pelo illustre jornalista, o condecorou.

De resto, cheio de bondades o Xavier. E é mesmo na sua bondade que assenta o busto de marmore do seu character. Em Paris, onde nas colonias portugueza e brazileira, ha tantos homens ricos, sei eu que tem sido elle, que apenas vive do seu trabalho, quem durante mezes tem repartido o seu pão com patricios que ali tem passado horas de desgraça. E de alguns, sei eu tambem, que muito mal lh'o hão agradecido.

DOMINGOS GUIMARAES.

---

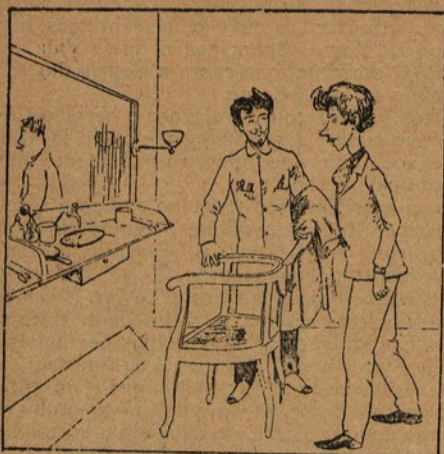
## TYPOS DE LISBOA

---



DOIS MOÇOS DE RECADOS (Segundo photographia de A. Bobone)

# UM MANÇEBO ESPERTO



1

Theodorico, um sendeiro  
De espantosa ganforina,  
Entra affeito n'um barbeiro  
P'ra deitar abaixo a crina.

Logo o mestre acorre prompto,  
Com summa delicadeza ;  
E virando-se p'r'o tonto :  
— A' franceza ou á ingleza ?



2

— Isso é bom para os *mariposas* !  
Volve de lá o pateta.  
— Sou homem todo de prosas,  
Não nasci para poeta !

O mestre põe-lhe a toalha  
Prepara thesoura e pente,  
E pensa que á navalha  
E' mais fresco e... mais decente.



3

Como quem tosquia brutos,  
Com promptidão e aceio,  
Em menos de dois minutos  
Vae o mestre em mais de meio.

Rapa que rapa, a thesoura  
Corre com velocidade.  
Nunca o bom do mestre Moura  
Andou com tal brevidade.



4

Acabou como estão vendo  
A tosquia do lapuz.  
Ficou tão feio e horrendo  
Que até o casco lhe luz.

— Quer assim ou mais cortado ?  
Diz-lhe o mestre, presumido.  
— Não gosto assim tão rapado,  
Deixe um pouco mais crescido !

# HISTORIAS PARA CRIANÇAS

## AS FADAS

(Ao Nini)

ERA uma vez uma viuva que tinha duas filhas: a primogenita parecia-se tanto com a mãe em genio e cara que quem a visse, via a mãe. Eram tão desagradáveis e tão orgulhosas que se não podia viver com ellas. A mais nova, que era o verdadeiro retrato do pae pela doçura e pela honradez, era uma das mais bonitas donzellas que até então se tinha visto. Como é natural o gostar-se do seu semelhante, a mãe era doída pela filha, mais velha e ao mesmo tempo odiava espantosamente a mais nova. Fazia-a comer na cosinha e trabalhar sem cessar.

Era preciso, entre outras coisas, que esta pobre menina fosse, duas vezes por dia, buscar agua a meia legua da habitação, e que trouxesse uma grande bilha cheia.

Um dia que foi á fonte viu chegar-se a ella uma pobre mulher que lhe pediu de beber.

— Sim, dou, minha boa senhora, disse a donzella, pegando ao mesmo tempo na bilha; deitou fóra alguma agua, poz a bilha n'uma das bordas da fonte e apresentou-lh'a, afim de que bebesse á vontade. A boa mulher depois de ter bebido disse:

— E' tão bonita, tão amoravel e tão bondosa que não posso deixar de lhe dar um dom (porque era uma Fada que tinha tomado a fórma d'uma mulher pobre d'aldeia para ver onde chegava a bondade da menina). Dou-te o dom, proseguiu a Fada, que a cada palavra que pronunciava te ha de sahir da bocca ou uma flor ou uma pedra preciosa. A mãe, quando a menina chegou a casa, zangou-se por ella ter vindo tarde.

— Peço perdão, minha mãe, disse a pobre creança, de ter vindo tão tarde.

Ao dizer estas palavras sahiram-lhe da bocca duas rosas e dois grandes diamantes.

— Que vejo! disse a mãe muito admirada. Parece que lhe sahem da bocca perolas e diamantes! D'onde te proveio isso, minha filha? (era a primeira vez que a tratava por filha.)

A pobre menina contou-lhe ingenuamente tudo o que tinha feito, não sem lançar uma infinidades de diamantes.

— E' motivo para invejar uma filha assim. Francisquinha anda cá ver o que sahe da bocca da tua irmã quando fala: não serás tão feliz que tenhas o mesmo dom? Não tens mais que ir buscar agua á fonte e, quando uma mulher pobre te pedir de beber, dá-lhe e muito bondosamente.

— Havia de ser bonito eu ir á fonte! respondeu a malcreada.

— Quero que vás e immediatamente, ordenou a mãe.

Ella foi mas sempre resmungando. Pegou no mais bonito jarro que havia em casa. Não havia muito que tinha chegado á fonte, quando viu sahir da floresta uma dama ricamente vestida, que acabou por lhe pedir de beber: era a mesma Fada que tinha apparecido á irmã, mas que se tinha vestido de princeza para ver até onde chegava a maldade da donzella.

— Naturalmente vim aqui, disse a orgulhosa menina, de proposito para lhe dar de beber! Trouxe mesmo um jarro de prata com a ideia expressa de dar de beber á senhora.

— E' tão má! disse a Fada sem se encolerisar. Então por ser tão pouco obediente, dou-lhe o dom de, todas as vezes que falar, sahir da sua bocca ou uma cobra ou um lagarto.

— Então, minha filha!

— Então minha mãe! — disse a donzella, sahindo-lhe da bocca duas viboras e dois lagartos.

— O' céus, gritou a mãe, que vejo! Foi tua irmã a causa d'isto; pagal-o-has. Correu immediatamente para lhe bater mas a pobre menina tinha fugido para a floresta proxima. O filho do rei, que voltava da caça, encontrou-a, e vendo-a tão formosa perguntou-lhe o que fazia alli sózinha e porque estava a chorar.

— Ah! senhor, foi minha mãe que me expulsou de casa.

O filho do rei, quando lhe viu sahir da bocca cinco ou seis perolas e outros tantos diamantes, pediu para que lhe dissesse d'onde lhe provinha esse dom. A menina, então, contou-lhe a sua aventura. O filho do rei enamorando-se, e considerando que um dom assim valia mais que tudo o que se pedisse em casamento a qualquer outra, conduziu-a ao palacio do rei, seu pae, onde a desposou.

A irmã aborrecia já tanto que a propria mãe a expulsou de casa, e a desgraçada, depois de ter corrido mundo, sem achar quem a quizesse, foi morrer ao canto d'um bosque.

(Trad. dos Contes des Fées, de Charles Perrault).

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

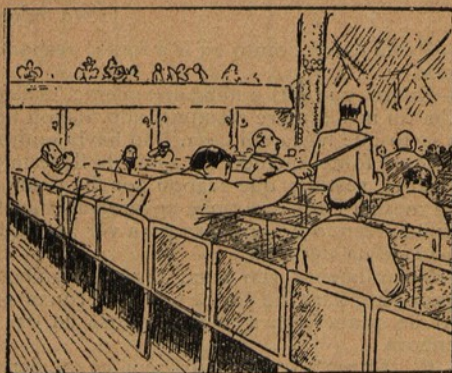
## NAS PRAIAS



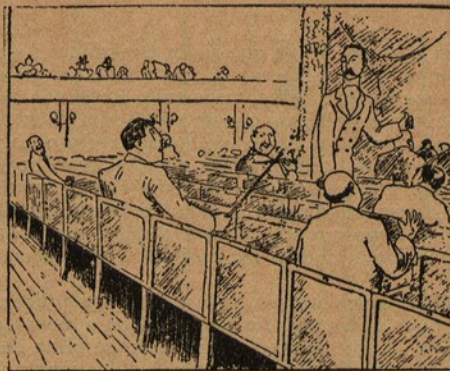
A' HORA DO BANHO



# PEIÓR A EMENDA...



No theatro. — O' cavalheiro faça favor de sentar-se porque eu assim não vejo nada.



O outro, levantando-se. — E commigo que fala?

## COISAS ALÉGRES

### O CANTADOR DE SETUBAL

(Veja-se o n.º 79)

COM a satira que segue, acaba-se o que possuímos, do Cantador de Setubal, para dar ao leitor. A mina é fértil, o nosso pecúlio é que ficou escasso. Quem tiver mais e o queira remeter, verá a oferta bem recebida e publicada, caso seja authenticica e não envolva intenção de ferir directamente alguém.

Ha 30 annos, pensámos em colligir e publicar, no *Jornal de Setubal*, todas as composições do celebre calafate, e acompanhar esse trabalho d'um estudo do versejador epigramatico, satirico e cantador. A tentativa gorou logo ao terceiro folhetim por motivos que não viriam a proposito n'este logar, mas que dariam mais uma pagina comprovativa da acção deprimente, até nos melhores espiritos, do viver estreito e acanhado das terras de provincia.

Pelo cognome popular de Cantador, verdadeiro nome de guerra com que o povo da sua terra condecorou o repentista, o leitor terá deprehendido, que dos descantes é que principalmente lhe veio a celebridade. Assim é; mas nada podemos offerecer, d'essa indole, pois que as mais ruidosas victorias do Cantador, foram conquistadas nos improvisos d'ocasião em descantes ao desafio.

Por aquelle tempo andava narrado de bocca em bocca o triumpho levado pelo calafate, em certa romária

entre o Tejo e o Sado, contra um afamado cantador improvisador, que de industria um cavalheiro da familia O'Neill (familia amiga e protectora do sr. Antonio) levára de Lisboa para o provocar a uma desgarrada.

O caso foi de sensação no arraial, e a ovação ao triumphador foi delirante.

Havia porém d'elle, tambem, cantigas satiricas, que composera e conservava mentalmente (pois que não sabia ler nem escrever, como já se disse), para as cantar á viola, quando entre amigos e apreciadores, lhe pediam para alegrar a boa companhia; taes como: *A cidade da miseria* (a proposito de ter sido conferido o titulo honorifico de cidade á villa querida de D. João II, quando ella começava a decahir da sua antiga importancia commercial); o dialogo entre *Os candieiros de gaz* e *os d'azeite* (a proposito de serem substituidos uns pelos outros), etc.

Que classificacão teria attingido nas lettras e entre os homens d'espirito do nosso tempo, este analfabeto, compatriota de Bocage, se oportunamente tivesse recebido a indispensavel cultura intellectual?

Como a satira por ser longa (treze decimas), não cabia hoje inteira no espaço destinado a esta secção, resolveu-se á ultima hora, dal-a completa no n.º immediato.

A's 2 horas de uma das noites de janeiro de 1864 deu-se na rua dos Capellistas um caso singular, que poderia ter mais funestas consequencias. Um joven caixeiro de uma casa de modas, mancebo esbelto, bem falante e de uma sensibilidade de coração digna de ser cantada em verso lyrico, elevou as suas aspirações até á mão da filha de um negociante, menina não menos sensível, que, apesar de ser herdeira de uma grande riqueza, não desdenhou nunca a respeitosa e apaixonada corte do caixeiro.

Que estes suaves enleios não agradaram ao negociante, adivinhou já a leitora, mas o que v. ex.ª de certo não prevê é a scena sanguinolenta a que este amor deu logar.

O negociante, vendo que não eram bem recebidos os seus conselhos pela inexperiente filha, e que, apesar das suas admoestações e prohibições, o caixeiro falava de noite á donzella, da rua para o segundo andar, projectou uma vingança terrível.

Costumava a filha esperar o namorado á janella; e

como o caixeiro tinha de esperar occasião em que podesse sahir do estabelecimento, e a menina adormecia ás vezes esperando-o, atava ella ao braço um cordão que deixava cahir para a rua, afim de que o mancebo annunciasse a sua chegada, despertando-a.

Estava á uma hora da noite o cordão cahido e a janella aberta. Chegou o namorado, viu no parapeito alvejar um braço branco, e chamou, julgando que ella não dormia. Ninguem respondeu. O mancebo puxou o cordão de leve, e nada de resposta; puxou mais forte, o mesmo resultado; redobrou de força, e da janella precipita-se um corpo pesado, que parte os vidros do primeiro andar, e, roçando pela cabeça do mancebo, lhe deita o chapéo no chão e lhe fere profundamente a cara ao pé do olho esquerdo. Era uma bilha cheia d'agua que o pae alli collocára, coberta com um lenço branco para a illusão ser completa.

Banhado em sangue e em agua, recolheu-se o infeliz a casa, mais apaixonado, talvez, do que nunca.

# SECÇÃO RECREATIVA

## PROBLEMAS DE DOMINO'S

COM os vinte e oito dominós escrever o nome d'um departamento francez, observando.

1.<sup>a</sup> Que cada letra deve comprehender o mesmo numero de dominós.

2.<sup>a</sup> Que os dominós serão collocados, em cada letra, conforme a regra do jogo.

3.<sup>a</sup> Que cada letra deve ter a mesma quantidade de pontos.

Habitantes do Eure alegrae-vos!

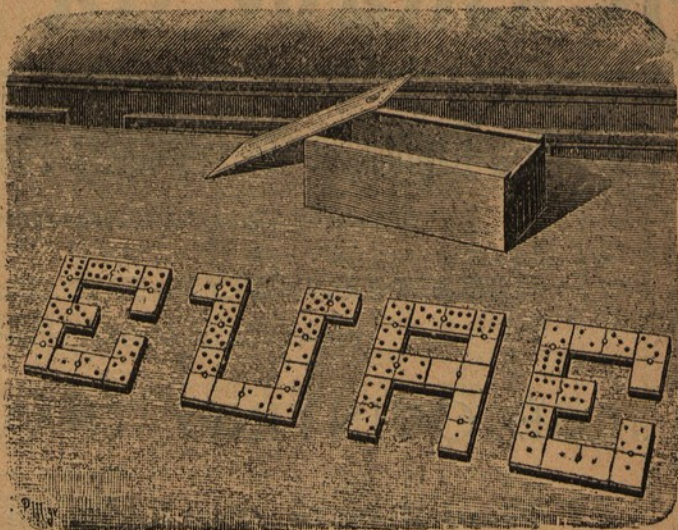
A palavra Eure, departamento francez é o unico que em França satisfaz as condições do problema.

1.<sup>a</sup> Cada uma das quatro letras é formada por sete dominós.

2.<sup>a</sup> A regra do jogo, no traçado das letras, é rigorosamente observado.

3.<sup>a</sup> e unica — Era a condição mais séria : a quantidade de pontos em cada uma das letras é igual a quarenta e dois, numero igual ao quarto de cento e sessenta e oito de que se compõem os vinte e oito dados do jogo do dominó.

Cumpre dizer que entre nós tambem se podem formar, seguindo as mesmas condições, as palavras : *ouro, roer,*



*roeu, etc.* Deixamos, á intelligencia do leitor, inventar mais palavras que correspondam ás vinte e oito pedras do dominó

# BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	1\$300 réis	2\$600 réis
Africa Portugueza.....	800 "	1\$600 "	3\$200 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$200 réis	2\$400 réis	4\$800 réis

# LISBOA EM CAMISA

POR

## GERVASIO LOBATO

Um volume, 2.<sup>a</sup> edição, illustrado por CELSO HERMINIO

PREÇO 600 RÉIS, BROCHADO

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA

BREWER E MOIGNO

# A Chave da Sciencia

Ou a Explicação dos Principaes Phenomenos da Natureza

OBRA AMPLIADA NA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

POR

HENRIQUE DE PARVILLE

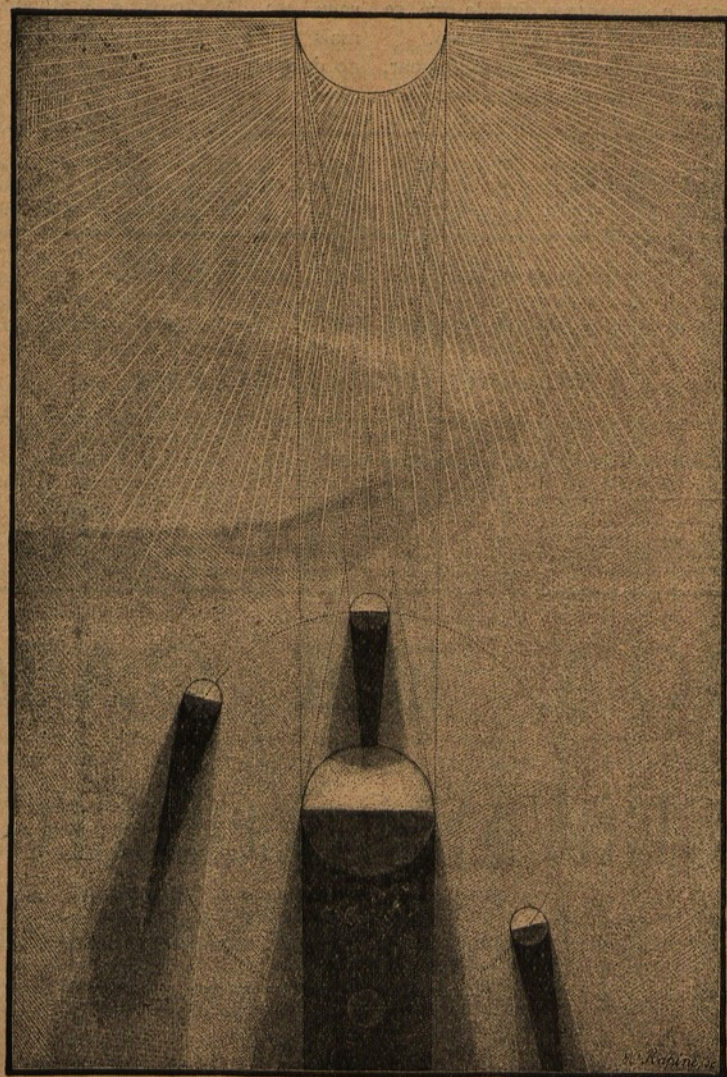
TRADUZIDA EM PORTUGUEZ

POR

JOSÉ QUINTINO TRAVASSOS LOPES

Embellizada com mais de 400 gravuras

Completamente refundida pelo traductor  
e por elle enriquecida com um grande numero de novos exemplos, perguntas,  
definições e problemas.

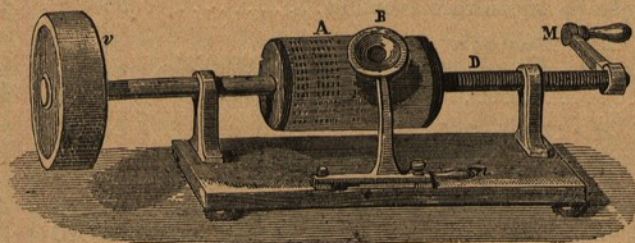


Biographias dos benemeritos da sciencia,  
interessantes experiencias de physica recreativa, novos inventos, descobertas  
e applicações das sciencias, artes e industrias, etc., etc.

THEORIA DOS ECLIPSES = Gravura extrahida da *Chave da Sciencia*

A sciencia mais interessante, disse o auctor d'esta obra no seu prefacio, é a que explica os phenomenos que diariamente presenceamos. E é verdade. — Porque sobe um balão ao ar? porque pára? porque desce? — Porque é necessario voltar a frente na direcção que a carruagem vae seguindo, e inclinar o corpo um pouco para traz, se quizermos descer com a carruagem em movimento? — Se as nuvens são devidas á evaporação da agua do mar, por que é que a agua da chuva não é salgada? — Por que se emprega o sal para conservar a carne?

A estas e a mil outras perguntas, que as creanças fazem diariamente, quantas vezes se responde mandando-as calar, ou tratando de ridicula a sua tão natural curiosidade?! E como esse mau expediente e essa critica situação lembram aquelle pae, que declarou ter sido preciso que o filho chegasse á idade de lhe fazer perguntas, para se convencer de que realmente ignorava muitas coisas que suppunha saber! Pois a razão de taes phenomenos não pôde nem deve ser conhecida sómente d'aquelles que se instruíram nos diversos ramos do saber humano. A vulgarisação desprezenciosa da sciencia, no que ella tem de simples e de interessante, é o mais valioso serviço que se pôde prestar á instrucção d'um povo, para o esclarecer e lhe combater os prejuizos.



O PHONOGRAPHO DE EDISON, gravura extrahida da *Chave da Sciencia*

Esta edição apresenta um desenvolvimento verdadeiramente superior ao da edição franceza, desenvolvimento que se pôde dividir em tres partes: — noticia das principaes descobertas, invenções e applicações que chegaram ao nosso conhecimento, depois da publicação da ultima edição franceza; — uma secção que permite saber, com clareza, algumas particularidades mais ou menos relacionadas com o phenomeno, destinada áquelles que queiram possuir uns conhecimentos geraes e elementares da sciencia de que se trata; — uma secção de exemplos, applicações e experiencias interessantissimas e tão numerosas, que a primeira parte da obra contém mais de 110 exemplos e applicações, e mais de 80 experiencias.

UM BELLO VOLUME EM FORMATO GRANDE

**ENRIQUECIDO COM 119 GRAVURAS EXPLICATIVAS**

Brochado 1:500 rs. Encadernado 2:000 rs.

Livraria de Antonio Maria PEREIRA — Editor

50, 52 E 54, RUA AUGUSTA, 50, 52 E 54

LISBOA

# ANNUNCIO

## DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS DO DISTRICTO DE LISBOA

### SECÇÃO D'ESTRADAS N.º 4

#### Reconstrucção da ponte sobre o Rio Sado em Alcaacer do Sal

Faz-se publico que no dia 20 de outubro, ás 12 horas da manhã, na secretaria da secção em Alcaacer, se procederá á arrematacção de sete tarefas constantes do mappa seguinte:

Designação das obras	Quantidades	Bases de licitação	Depositos
<b>1.ª Tarefa</b>			
Fundações: Excavações até ao baixamar d'aguas vivas.....	360 <sup>m</sup> ,0	} 310\$000	15\$500
Dragagem até 2-0 abaixo do baixamar d'aguas vivas e transporte.....	536 ,0		
Transporte do producto da vallagem para o aterro.....	360 ,0		
<b>2.ª Tarefa</b>			
Fornecimento e cravamento de estacas de pinho de 16 <sup>m</sup> ,0×0 <sup>m</sup> ,30 cravadas na fundação do encontro e avenidas.....	35	475\$000	23\$750
<b>3.ª Tarefa</b>			
Fornecimento e cravamento de estacas de pinho de 16 <sup>m</sup> ,0×0 <sup>m</sup> ,30 idem, idem.....	35	475\$000	23\$750
<b>4.ª Tarefa</b>			
Fornecimento e cravamento de estacas de pinho de 16 <sup>m</sup> ,0×0 <sup>m</sup> ,30 idem, idem.....	13	} 450\$000	22\$500
Fornecimento e cravamento de estacas de 12 <sup>m</sup> ,0, idem, idem.	24		
Grade de madeira para ligação... ..	3 <sup>m</sup> ,20		
<b>5.ª Tarefa</b>			
Enrocamento de pedra secca nas fundações do encontro e muros d'avenida e enrocamento de protecção.....	500 <sup>m</sup> ,0	460\$000	23\$000
<b>6.ª Tarefa</b>			
Enrocamento de pedra secca nas fundações do encontro e muros d'avenida e enrocamento de protecção.....	300 <sup>m</sup> ,0	460\$000	23\$000
<b>7.ª Tarefa</b>			
Construcção da ensecadura e trabalhos dos esgotos.....	—	230\$000	11\$500

As medições, desenhos, perfis, typos e condições especiaes d'esta arrematacções estarão patentes nas secretarias da secção em Alcaacer, e em Lisboa, rua de S. José, n.º 207, todos os dias não santificados desde as 10 horas da manhã até ás 4 da tarde.

Lisboa, 6 d'Outubro de 1897.

O ENGENHEIRO DIRECTOR

*Antunes Navarro.*

# VELOCIPEDIA PRATICA

por D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exercito e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolidamente de todos os assumptos que pôdem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que podem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.

UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria Pereira, editor—52 a 54, rua Augusta, 52 a 54

# NOVA COLLECCÃO PEREIRA

A 50 réis cada volume, brochado

Apparecendo nos dias 10 e 25 de cada mez

Romances dos melhores auctores, em volumes de 160 a 200 paginas

## Eis os titulos dos volumes publicados:

- N.º 1 — *Port-Tarascon* (ultimas aventuras do illustre Tartarin) 1 vol. de 176 paginas.  
N.º 2 — *D. Carlos*, de Saint-Réal, traducção de Luiz Cardoso, 1 vol. de 144 paginas.  
N.º 3 — *Madame Chrysanthème*, de Pierre Loti, trad. de José Sarmento, 1 vol. de mais de 200 pag.  
N.º 4 — *Sapho*, de A. Daudet, trad. de Beldemonio, 1 vol. de 200 pag.  
N.º 5 — *Negro e côr de rosa*, de Jorge Ohnet, trad. de Eça Leal, 1 vol. de 160 paginas.  
N.º 6 — *O Senador Ignacio*, de Th. Cahu (*Théo-Crith*), trad. de Maria Velleda, 1 vol. de 230 paginas.  
N.º 7 — *Jettatura*, de Theophilo Gauthier, traducção de Luiz Cardoso, 1 vol. de 170 paginas.  
N.º 8 — *Casa com escriptos*, de Carlos Dickens, trad. de José Sarmento, 1 v. de mais de 160 pag.  
N.º 9 — *O Canteiro de Saint-Point*, de Lamartine, trad. de Annibal Azevedo, 1 vol. de 180 pag.  
N.º 10 — *Rosa e Ninette*, de A. Daudet, trad. de Henrique Marques.  
N.º 11 — *Primeiro amor*, de Ivan Tourgueneff, traducção de José Sarmento, 1 vol. de 160 paginas.  
N.º 12 — *Peccado mortal*, de André Theuriet, traducção de Fortunio, 1 vol. de 170 pag.  
N.º 13 — *O Judeu*, de Henry Murger, trad. de Herculano Sarmento, 1 vol. de 160 pag.  
N.º 14 — *O tanoeiro de Nuremberg*, de Hoffmann, traducção de H. Marques, 1 volume de 170 paginas.  
N.º 15 — *Dinheiro maldito (Polikouchka)*, costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi, trad. de Luiz Cardoso.  
N.º 16 — *Vida phantastica*, por Méry, traducção de Eça Leal, 1 volume de 170 pag.  
N.º 17 — *O padre Daniel*, de André Theuriet, traducção de Fortunio, 1 vol. de 160 pag.  
N.º 18 — *Um coração simples*, de Gustave Flaubert, traducção de H. Marques, 1 vol. de 170 pag.

## Posição dos braços para cantar em italiano



O tenor



O soprano



O barytono



O baixo

RESISTENCIA,

Premiada em diversas exposições

ELEGANCIA

E VELOCIDADE

# OPEL

## A BICYCLETA DA ACTUALIDADE

DEPOSITO:

179, R. de Santo Antão, 181

LISBOA

Bateu  
o record  
do Mundo

JOSÉ HENRIQUES TOTTA

SUCCESSOR DE

FORTUNATO CHAMIÇO

CASA BANCARIA

E

AGENCIA DA COMPANHIA

DE

SEGUROS GARANTIA DO PORTO

75, 1.º—Rua do Ouro—75, 1.º

LISBOA

HAVANEZA DE S. PEDRO D'ALCANTARA

Completo sortimento  
em tabacos nacionaes  
e  
estrangeiros

Grande variedade  
em carteiras  
para todos os preços

Venda de jornaes  
e diversas publicações  
nacionaes  
e estrangeiras

Boquilhas, cigarreiras,  
cachimbos,  
charuteiras e outros artigos

Variada collecção  
de numeros  
para todas as loterias

Artigos de papelaria,  
bilhetes de visita,  
agua de Caneças e Cintra,  
velas de stearina

Os senhores collecciona-  
dores de sellos encontram  
sempre n'esta casa um bom  
fornecimento para escolher.

R. de S. Pedro d'Alcantara, 47 — T. da Boa-Hora, 5  
(EM FRENTE DO ELEVADOR DA GLORIA)

CASA DOS BORDADOS

DE

SILVA RODA & C.ª

161, RUA AUGUSTA, 165

LOJA DE FAZENDAS BRANCAS E CAMISARIA

E

ATELIER DE ROUPAS BRANCAS

(No primeiro andar)

Completo sortimento em camisas para homem, senhoras e creanças, matinees, penteadores, saias bordadas, enxovaes para noivas, collegias e recém-nascidos.

Encarrega-se de qualquer encomenda de roupas brancas e executam-se com a maxima brevidade.

### MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA

GUIA PRATICO

Para o conhecimento e tratamento de todas as doencas

Colligido por pessoa de toda a auctorisação no assumpto e escripto em linguagem vulgar para poder ser consultado e comprehendido por todos. Um magnifico volume de 280 paginas: Em brochura 600 réis, encadernado em percaline 800 réis.

LIVRARIA DE ARNALDO BORDALLO

42, 1.º—Rua da Victoria—42, 1.º

## A MODA

ESTABELECIMENTO DE MODAS E CONFECCOES

— DE —

JOÃO JOSÉ MARTINS

N'esta casa encontra-se sempre um variado sortimento de todos os artigos do seu commercio por

PREÇOS OS MAIS RESUMIDOS

172, RUA DO OURO, 174

LISBOA

Grande variedade de peças decorativas executadas sob a direcção do grande artista

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Unica casa em Lisboa que vende as verdadeiras e apreciadas FIGURAS DO PORTO feitas pelo primeiro artista no genero.

# Branco e Negro



TRES AMIGOS

PREÇO 50 RÉIS

N.º 82



**1:000** REÍIS SEMANAES  
**COLUMBIA E HARTFORD**

**S**Ó ANDA A PÉ quem quer



**CASA COLUMBIA**

21, Rua Ivens, 25  
**LISBOA**

**Columbia e Hartford**

Bicyclettes Americanas da celebre fabrica dos Srs.

**POPE & C.<sup>A</sup>—AMERICA**

Unica fabrica no Mundo que applica o aço nickel na FABRICAÇÃO das bicyclettes

**Pneumaticos Hartford**

Usados por todos os cyclistas de preferencia a todos os conhecidos até hoje

O maior sortimento de accessorios para todos os systemas de bicyclettes.

**VERDADEIRO CHRISTOFLE**  
**E**  
**ALFENIDE DE 1.<sup>A</sup> QUALIDADE**

Completo sortimento de louça d'alluminium de 1.<sup>a</sup> qualidade

**FILTROS MALLIÉ**

Porcelana de amianto, *Theories Pasteur. Prix Montyon.*  
 Academia das Sciencias, 1893. Paris.

N. B.—Estes filtros não tem ligações de cautchouc.

**AGUA DE COLLALLI—MONTALCINO**  
**ITALIA**

Recommenda-se esta agua a todas as pessoas que soffram de rhins e bexiga.

**ANTIGA CASA JOSÉ ALEXANDRE**  
**8 a 12, RUA GARRETT, 8 a 12 — LISBOA**

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 82

LISBOA, 24 DE OUTUBRO DE 1897

2.º ANNO

## O MONDEGO



EM FRENTE DE COIMBRA

Vão as serenas agoas  
Do Mondego descendo,  
E mansamente até o mar não páram;  
Por onde as minhas mágoas  
Pouco a pouco crescendo  
Para nunca acabar se começaram.

(CANÇÃO IV)

L. DE CAMÕES.

Nós, que sob nossos olhos ahí o vemos derivar perennemente, o Mondego azul, desaparecer dentro das aguas do infinito e taciturno mar, e n'ele perder o nome, ouçamos os dizeres de dois finos espiritos, dizeres em que o rio sagrado dos amantes e poetas de Portugal, é tão casta e sentidamente tratado.

*Sursum corda.* Ergamos os nossos corações uma vez por outra d'esta lucta aspera e grosseira da vida. Arejemos a alma na região clara e serena da poesia da Natureza. Sejam tambem um pouco contemplativos. Experimentem. Faz bém.

\*

«O Mondego é essencialmente triste; de uma tristeza particular que antes attrahe do que affasta, que faz chorar os olhos e ao mesmo tempo consolar a alma. Tanto

que não ha rio que tenha adquirido maior celebridade do que este, pela melancholia que infunde, tão decantada pelos poetas desde Luiz de Camões até Manuel Gayo. N'elle tem cahido piedosamente, ha seculos, as lagrimas das gerações que por aqui vão passando; n'elle se teem feito, ao luar, em deliciosas gondolas, embaladas pelas suas aguas, as mais commoventes e dolorosas despedidas; n'elle se teem dado por escuras noites em que a cidade dorme, o vento susurra e o ceu é mudo, muita scena d'amor desesperado, muito beijo molhado em lagrimas, muito abraço despertado em maguas...

«E' isso pelo menos o que se conclue de tanta poesia dispersa, de tantos versos repassados de saudade e tristeza, que este saudoso e claro Mondego tem sabido inspirar, no murmurio das suas aguas que se vão chorando para o mar.

«Mysterioso rio é este de grande encantamento, que a gente em se vendo n'elle, pela noite, n'um pequeno barco, sente logo os olhos marejar de pranto e o pensamento a caminhar para coisas de muita tristeza. E não ha resistir-lhe, senão que um bem estar amargo se apodera de nós e da nossa alma, que toda se desfaz em versos.

«Aqui se desfez a alma de Camões, aqui a de Castilho, aqui se anda a desfazer a alma do Gayo, e aqui manda a tradição que a gente se recolha e medite, sobre estas aguas, pensando no que é, no que foi e no que ha de vir a ser.

«Para a alegria não presta elle, nem nunca prestou decerto; porque tudo que d'elle se disse ou se diz são sempre coisas magoadas ou pelo menos saudosas de se ouvir.

«Mas da razão d'estas tristezas nada sei eu, nem nunca

prio amor, alli, é o mais triste do triste amor portuguez — amor fatal de ballada, sempre queixoso e dolorido, gemendo penas, chorando saudades, amor eternamente envolto n'uma penumbra magoada ou n'um nevoeiro de lagrimas, amor de beijos que sôam como suspiros e ais... — L. de M.»

\*

Todavia, esta graça da Natureza occulta, quem o diria? sob a seducção exterior, sob o aspecto sorridente,



MARGENS DO MONDEGO — O Seminario e o Convento das Ursulinas

saiba, que conhecel-as, ao que dizem, é em parte sentil-as já. — L. R.»

\*

«Rio divino, de aguas lentas como lagrimas de saudade, — hyalinas aguas sobre que se debruçam, gementes, os salgueiros da canção shaksperana, entre penumbras, vibrantes dos trilos de rouxinoes amorosos, e sob luas de sonho, embalsamados pela alma calida dos laranjaes em flôr. Ah! a Juventude, que ahi passa, fica marcada com um não sei quê de mystica melancholia, como que impregnada d'um vago perfume de saudade eterna! A alma d'aquella natureza, a alma d'aquella paisagem dolente e elysia — parece transfundir-se nas almas que largo tempo a contemplaram, a penetraram, se embeberam n'ella, enamoradas dos seus encantos morbidos, hypnotisadas pelas forças de extasis, que ella encerra. O pro-

uma grande perfidia a par de appetites de uma glutoneria pantagruelica. Querem saber o que elle devorou durante a vida d'um só homem?

«Convertamos os olhos ao nosso Tejo (diz João de Barros, *Decada II*), e mais notavel ao Mondego, que sendo um rio cujo curso terá pouco mais de vinte leguas de Coímbra á Serra da Estrella, onde nasce, não se mettendo n'elle senão uma plebe de riachos de pouca agua que junta á sua é tão pouca no verão que se passa a vau, em outras partes póde tanto com suas pequenas enxurradas, que á vista de nossos olhos, em cincoenta annos, tem coberto muitos edificios e uma ponte debaixo da outra, é enterrado grandes e magnificos templos quasi até ao meio.»

Oh, que felizmente os poetas não são proprietarios!

H. N.

## NO TEMPLO

Eu quiz pedir por ti á Virgem pura,  
Rogar-lhe com fervor uma oração...  
Os anjinhos sorriam com doçura  
Eu orava com tanta devoção!

«Que te desse, meu bem, tanta ventura  
«Quanta eu desejei, doce illusão...  
«Tantos risos para ti, quanta amargura  
«Me fizeste nascer no coração!»

Tudo isto quiz dizer á Virgem Santa  
«Que te deitasse a benção sacrosanta  
«Da luz do seu olhar amortecido.»

Mas que póde a Voz quando a alma sente?  
Cerraram-se-me os labios e sómente  
Murmurei o teu nome n'um gemido.

# PALACIO DE CRÝSTAL NO PORTO

Exposição de industrias portuguezas inaugurada ha dias



# AS PRAIAS

## COSTA NOVA DO PRADO



COSTA NOVA — Bateira de pesca

N'um artigo descriptivo sobre Ihavo, por nós publicado nos numeros 44 e 45 do *Branco e Negro*, falámos muito ao de leve d'esta pittoresca estância balnear. Agora, porém, que ella regorgita de banhistas e que parece ser bafejada por um promettedor sopro de prosperidade, apraz-nos falar outra vez d'ella um pouco mais desenvolvidamente, para a podermos apresentar aos nossos leitores tal qual ella é — modesta mas encantadora. Desejamos tambem tornal-a conhecida da população frequentadora de praias, que n'esta epoca procura nos banhos do mar não allivio a padecimentos que não existem mas sim o desejo de prazeres e distracções.

E' para esses que escrevemos estas linhas, acompanhando-as d'algumas reproducções em gravura de aspectos d'esta praia.

A Costa Nova do Prado não é uma praia de primeira ordem com casinos, assembléas, com mil diversões, casas de jogo, bazares, cafés, etc.

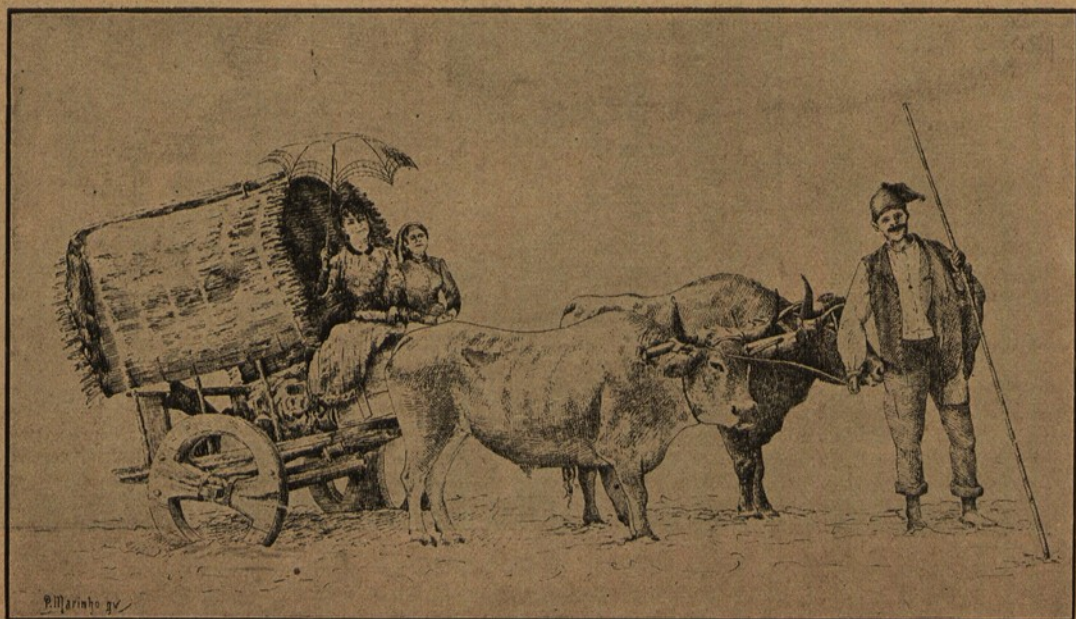
Nada d'isso, porque a sua população é modesta e mais

do que tudo commodista e economica. Alli não se ariscam fortunas ao jogo nem a moda predomina exigindo requintes e primores de *toilettes*.

A vida é simples e alegre, animada pelo aspecto seductor da paizagem sem rival em outra praia; pelos passeios e pescarias na sua ria superiormente bella, que o vento encrespa mansamente, fazendo as suas aguas parecerem n'um marulho suave e cheio de poesia.

Alli não se intriga nem critica o viver do visinho, porque todos, n'uma franca intimidade, se cumprimentam e estimam. Os homens gosam timoneando um bote ou passeando na praia com as suas camisolas ás riscas, perfeitamente á vontade, ás vezes descalços, sem que isso se censure. As senhoras passeiam na estrada da Barra ou vão á Gafanha com vestidos extremamente simples.

No banho não ha exigencias nem luxos. Eis porque a Costa Nova é a praia actualmente preferida por grande numero das nossas mais distinctas familias, e por todas as classes menos abastadas dos concelhos proximos.



A CAMINHO DA COSTA NOVA — Atravessando as areias



COSTA NOVA — Partida para a romaria

Mas se a Costa Nova não proporciona aos seus frequentadores tantos divertimentos como as nossas melhores praias, compensa-lhes, porém, essa falta dispensando-lhes o prazer de gosarem as suas bellezas naturaes que as possui em abundancia.

É na verdade não conhecemos praia que reuna tantos encantos e attractivos como esta. A sua magnifica posição topographica fal-a realçar entre todas as nossas estações de banhos. Pittorescamente edificada — em amphitheatro na margem direita do braço de rio que segue da Barra até Mira, os seus *chalets* de madeira, a que se dá o nome de *palheiros*, reflectem-se na superficie serena e limpida da ria que lhe beija os pés. Esta ria é, sem duvida, o seu principal e valioso ornamento e attractivo. A paizagem que da Costa se disfructa não a conhecemos mais bella.

Ao romper do dia, quando o banheiro nos desperta com o seu grito de — *para o banho!* — a paizagem surge-nos n'uma alegria exuberante de magestade e belleza. A ria espria-se n'uma largura de 400 metros, povoada de innumerous barcos de vélas brancas de neve sulcando as aguas em diferentes rumos.

Para além da ria, formando a outra margem, estende-se a Gafanha, essa bella região ha poucos annos ainda um extenso areal arido e deserto, hoje vasto e fertil campo, que nos prende a attenção mostrando-nos ao mesmo tempo quanto póde a perseverança e o trabalho do homem.

Como fundo a esta paizagem desenrola-se pelo nascente, lá muito ao longe, envolta n'um tenue véo de neblina, a linha de moutes onde, aqui e acolá, se destacam umas casinhas brancas, quando o sol começa de animar o quadro dardejando os seus raios vivificantes sobre a superficie espelhada da ria.

Encantadora paizagem! admiravel panorama!

Não divaguemos, porém, e continuemos a nossa tarefa.

O mar fica afastado das habitações, mas o trajecto faz-se sem custo por uma estrada de madeira que nos conduz até á praia de banhos. Uma das distracções que lá se nos offerece é o trabalho da pesca, que differe do de algumas costas, pois que as rêdes são de *arraste*. A *partida* dos barcos para o mar e a sua *arribada*, bem como o *sahir* das rêdes, são espectaculos curiosos. Já aqui nos referimos a elles n'um artigo *Scenas de Beira-Mar*, publicado no numero 17 d'esta revista.

Na Costa Nova não só se tomam banhos no mar como tambem no rio n'uma praia especial.

Quem não póde por qualquer circumstancia receber o choque produzido pelo mar toma banho no rio a qualquer hora.

Por occasião da romaria da Senhora da Saude que tem lugar no ultimo domingo de setembro, a Costa Nova anima-se extraordinariamente, porque a concorrência de romeiros é enorme dando-lhe um aspecto de alegria doi-



COSTA NOVA — A mota do desembarque

da e communicativa. Meia tarde de sabbado a Costa está em festa. A extensa fila de *palheiros* que se estende ao correr com o rio, offerece um golpe de vista magnifico. As bandeiras tremulam ao vento e as varandas estão coalhadas de banhistas, que gosam o espectáculo da chegada dos romeiros, procurando ao mesmo tempo com os binoculos descobrir nos barcos que chegam alguma pessoa por quem esperam.

Do norte e sul veem chegando, garridamente embandeirados dezenas de barcos de todos os feitios, predomi-

nas namoradas. O arraial é cercado por uma fila de pittorescas barracas de panno, onde se vendem doces e vinho. A capella brilha ao fundo com a sua iluminação em arcos, e pelo norte o pharol da Barra alumia com o seu intenso fóco os grupos dos namorados que pelo areal se espalham... fugindo á multidão,

No domingo é curiosa a procissão, cujos andores são na sua maioria pequenos barcos onde vão os apóstolos remando e pondo as rédes.

Acompanham os andores dezenas de penitentes — mu-



COSTA NOVA — No dia seguinte ao da festa da Senhora da Saude

nando no emtanto os chamados *moçiços*, que atracando á margem despejam n'ella pittorescos e vistosos ranchos de romeiros, que apenas em terra, se preparam para a folia. Aqui e acolá formam-se rodas onde ao som da portugueza banza se dança o *Vira*, a *Canna Verde* e a *Chula*, com renhidos descantes á desgarrada :

Ai e ó ai  
Digo-te adeus, regalar,  
Corra a fama que sou tua  
Já te não posso deixar !

E virou !  
E vai ao meio !

E o sapateado cresce n'um enthusiasmo louco, communicativo, inebriante :

Pela estrada da Barra chegam alegres grupos de tricanas d'Aveiro, atroando os ares com as suas *modas* accentuadamente hespanholas.

Chega a musica, que segue em barco pela margem tocando uma marcha.

Os vendedores de doces e flores artificiaes com que os romeiros enfeitam os chapéus não teem mãos a medir. Tudo folga !

Approxima-se a noite e as iluminações e o fogo vão começar junto á capellinha branca da Senhora da Saude.

Cumprem-se as promessas e compra-se o registro da Santa, que se prende á fita do chapéu.

Do cimo da *Comba* de areia onde estão edificados os ultimos *palheiros*, gosa-se um espectáculo magnifico n'aquella noite. A multidão espalha-se pelo areal, uns dançando, outros tocando viola, outros *derriçando* com

lheres vestindo habitos brancos que depois offerecem á Santa, homens andando para traz nús da cinta para cima, umas de joelhos outros de rastos, etc.,

Pela meia tarde os romeiros de mais longe entram nos barcos e preparam-se para a partida.

Emquanto se iça a véla ainda sobre a prôa do barco se dança e canta com animação.

Adeus, adeus Costa Nova  
Até ao anno que vem,  
Deus nos leve e Deus nos traga  
E nos junte mais alguem.

Os que ficam continuam na mesma folia espalhando-se pelos *palheiros* onde ha bailes.

Na segunda feira ainda o enthusiasmo é grande, porque é então que as raparigas d'Ilhavo, na sua maioria pescadeiras, percorrem a praia com os seus trajos alegres e caracteristicos. Saiotes de côres variegadas sofraldadas pelas fachas, *chambres* de rendas e *chapeusinhos* enfeitados com flores, onde as pontas dos lenços vão prender deixando os seus lindos côllos a descoberto.

Com os rostos inundados de alegria brota-lhes dos labios carminados uma canção deliciosa :

Vamos todas raparigas  
Pela manhã orvalhada,  
Vamos todas colher rosas  
Ao jardim da nossa amada.

Eu sou tua, tu és meu  
Quem te ama sou eu, sou eu.



COSTA NOVA — Estrada de Ilhavo á Costa

Na Costa Nova ha quasi todos os annos animadissimas regatas, sendo n'essas occasiões soberbo o espectáculo que apresenta a ria, povoada de dezenas de barcos onde tremulam ao vento, na pôpa das embarcações que correm, o signal de cada uma.

E as boas pescarias que por lá se fazem rapazes vestidos a capricho com roupas de pescadores — camisola branca, ceroula curta e barrete cahindo sobre o hombro!

Eis em breves linhas o que é a Costa Nova e o seu viver intimo.

Quem desejar reconhecer a verdade do que deixamos

escripto visite-a, aprecie os encantos com que a Natureza a dotou; vagueie barqueando á mercê das aguas da sua encantadora ria; delicie-se na contemplação da soberba paisagem que se lhe desenrola perante a vista; passe alli uns dias gosando aquella invejavel tranquillidade, e verá que o sol é alli mais rutilante e fecundo; que a viração do norte lhe confia deliciosos segredos, e que a lua — a pallida e sonhadora lua! — nos sorri meigamente quando pela noite alta se mira com carinho nas palmeiras aguas da ria!...

Ilhavo.

DINIZ GOMES.

## LITTERATURA BRAZILEIRA

BELKISS

As magoas e os pezares e os martyrios,  
com que esta vida dota as almas tristes,  
não te torturarão lyrio dos lyrios,  
porque já — felizmente! — não existes...

Aspirações, anceios e delirios  
não terás com que o espirito contristes;  
e — esquite, flôres e magoados cirios —  
para ella a porta da ventura abristes!

Sonhos de além, mysterios de outra vida,  
embalam-te a alma cedo desprendida,  
— si ha outra vida para as almas tristes. —

Anjos do céu — si ha céu para os anjinhos,  
que d'aqui partem tristes e sósinhos —  
para um anjinho a porta eterna abristes!

ROSA

Rosa, púbere e pulchra. E' força amal-a,  
E vão capricho desenhar-lhe o traço;  
Chimera azul levada pelo braço;  
E' a fantasia que anda pela sala.

Rescende a bocca; e delicia a falla  
Quando abre o vôo musical no espaço...  
E' toda, emfim, das faces ao regaço,  
Um alvo lyrio, que ao luar trescala!

Olhos — principes negros sonhadores,  
Dous grandes réos, dous imperiaes senhores  
Suspirando n'um carcere violeta...

Levam-n'a, branca, por boninas e heras,  
Pelo florir de quinze primaveras,  
Duas azas iriaes de borboleta!



# O ALGARVE EM SEIS DIAS

**V**AE volvida uma semana e sinto-me ainda atordoado d'essa *real viagem* ao reino do Al Gharb — viagem maravilhosa feita de um folego, de comboio, de carruagem, de lancha, a bordo de navios de guerra e de rebocadores, em rios, pelo mar largo, sobre muares *reguingosas*, á chuva, ao sol, ao relento, dormindo em pé, comendo em pé, sem um momento de descanço n'um dos oasis do grande jardim do Sul, ahi pelo morrer de uma d'estas tardes de outubro tão calmas e tão suaves. Não foi uma viagem: foi uma empreitada. O Algarve transformou-se em hypodromo, e nós em corredores apostando rijo. Verdade seja que na primeira linha, sem um desfallecimento, iam um rei e uma rainha, o que não impediu o meu atordoamento. E' que os reis e as rainhas teem ao seu serviço nervos especiaes e outras coisas especiaes, incluindo fôfas camas, delicias que os outros mortaes ás vezes só vêem por um oculo. Consulte-se a tal respeito



EM ALBUFEIRA — A' passagem do comboio



FARO — A chegada

o heroico bispo da provincia, consulte-se o infatigavel governador civil, consulte-se o pobre capitão Dias que apparecia em toda a parte, menos nos hoteis onde pagava para não dormir, e haverão a explicação do contraste entre todas essas caras tresnoitadas e lividas e as côres frescas da rainha, todas as madrugadas. Decididamente foi dos nervos. Com acerto andou um ministro, trocando a vertigem da correria pela commodidade do regresso á sua querida Lisboa.

Pois fez mal, porque essa vertigem, começada nas serranias que se esbatem em S. Marcos, deslisando por todos os plainos que vão morrer nas areias do Guadiana, dando a volta pela costa pittoresca da provincia, e entrando pelo extremo barlavento para ir findar entre as murtas singelas de S. Bartholomeu de Messines, essa vertigem seria largamente compensada pela belleza dos aspectos, pelo imprevisito das paisagens, pela simplicidade ingenua das manifestações campezinhas n'essa provincia tão rica pela na-

tureza e pelas tradições do seu povo hospitaleiro e leal.

Abrangeu-se tudo em globo, viu-se tudo de relance — montanhas, charnecas, valles, hortejos, aldeias, pomares, panoramas, ribeiras — mas ficou nitida a impressão do que é essa encantadora provincia de ar balsamico, de céu sempre azul, de clima unico, de solo fertil, logo coberto de verduras e flôres mal debandam as nuvens de janeiro. Vejo aqui reproduzidos, com uma precisão photographica, recantos de terras, agglomerações de cabeças, arcos de triumpho, filas de bandeiras, pedaços de templos, portaes de palacios, um pavilhão para esmolos a pobres, apetrechos de illuminações, nesgas de ruas movimentadas, *gares* enfeitadas, aguas lisas reflectindo mastreações, monumentos, accidentes do Guadiana. Falta apenas o que a photographia não dá — o oiro do sol do Algarve, o luar das suas noites, a transparencia da atmosphaera, os cambiantes das plantações, o soberbo da sua flora, a pujança da vegetação, a côr dos folhedos, a



FARO — O cortejo real



FARO — O cortejo real

frescura das hervagens que enfeitam planos e vallados, e esse não sei quê de sereno que paira como uma benção de Deus por sobre toda essa região privilegiada.

Distancia-se por completo de todas as outras provincias o Algarve. Varia de aspectos a cada kilometro: nos arvoredos, nos terrenos, nos pontos de vista. Quem desce as serras do Noroeste, tomando o itinerario seguido pelo comboio real, nota essa variedade flagrante. A cordilheira abate-se em corcovas passando por Albufeira até se extinguir nas planicies de Loulé. De ahí por diante a terra vem n'um nivel até Faro, deixando pelo Norte as montanhas que se applanam para nascente, e pela direita o mar que banha toda a costa até á foz do Guadiana e que abre embocaduras em Olhão, Fuzeta e Tavira. Nem um palmo de terra por semear. Tudo produz — charnecas e planicies, cerros de cascalho e salgados. Todo o littoral, que mede talvez trinta leguas da bahia de Lagos á fronteira andaluz, é dividido e subdividido em fazendas e hor-



FARO — A comitiva

para as assoteias alvejantes de Olhão, a florescente terra marítima que faz frente ao mar. Atravesso a ponte que corta em duas a cidade de Tavira, outra joia arrancada por lusos pulsos á corôa musulmana. Affronto com denodo a nevoa de poeira de quatro leguas de estrada.

E caio de chofre na grande tina do Guadiana, todo em festa, todo pulando-lhe o pé ao som de castanholas e de cantigas e de musicas e de *seguidillas* bailadas á luz da lua que surgiu agora de terras de Hespanha, toda dengosa e lenta.

Uma surpresa na rapida digressão por esse Algarve fóra.

Villa Real de Santo Antonio poz de parte a sua proverbial pacatez e, toda garrida, vestiu todos os seus trajos domingueiros e poz todos os seus diamantes de lumes — lumes na frontaria, lumes na praça, lumes nos arruamentos, lumes nos costados das embarcações, flamulas de lumes nos topes das vergas balançando, e lume nos corações. Feerica a entrada pelo descer da noite, noite calma, sem uma aragem a arripiar as aguas do vasto porto!



FARO — Durante o Te-Deum

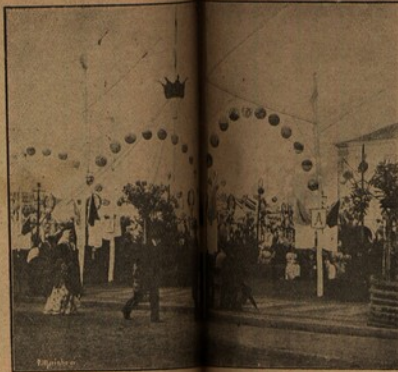
tas. E, pela primavera, os muros todos brancos, de limite, e sempre debruados de festões de amendoeirás floridas e de cachos de parreiras, e de ramarias, dão ideia de um immenso taboleiro de jardins, cortados de mattas de oliveiras frondosas, de côr metalica a attenuar os tufos matizados.

Não me deterei descrevendo com minucias os festejos ruidosos, e, por vezes, de uma originalidade enternecedra, com que os povos da provincia acolheram os reis de Portugal. As picaretas da endiabrada *reportage* esgotaram o filão. Eu passo em claro o estrepito d'essas manifestações eloquentes, de que o leitor fará ideia deliciando o olhar nas photogravuras que me rodeiam. Deixo a bizarra e antiga cidade de Faro, toda risonha e ruidosa e festiva, remirando-se nas aguas que lhe beijam as bases, e adormecendo depois no silencio das suas muralhas tão cheias dos suspiros das suas moiras encantadas. Lanço de passagem um olhar

# A VIAGEM REAL AO ALGARVE



FARO — A entrada no palacio



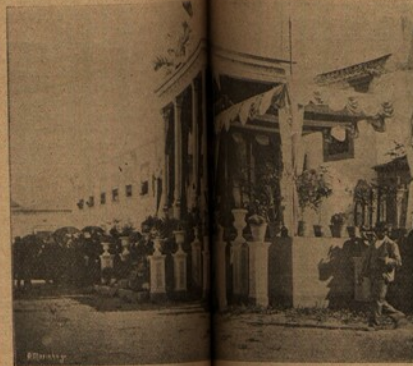
FARO — O S. Francisco



FARO — A rua do Comercio



FARO — Arco triumphal



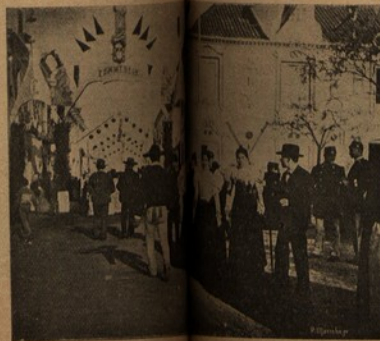
FARO — O teatro o bodo



FARO — Durante o bodo



FARO — O palacio da camara municipal



VILLA REAL — Festas nas ruas

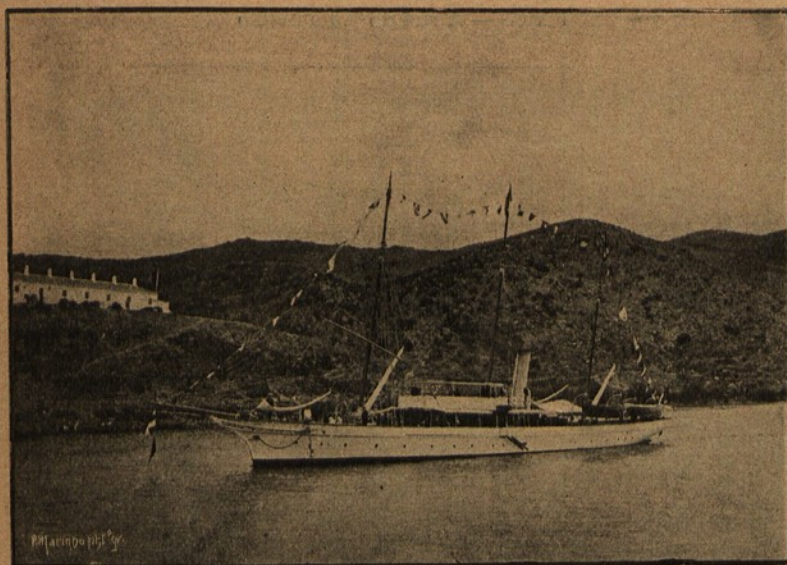


VILLA REAL — Aspecto do porto

*Dia 10.*—Manhã de sol, manhã ridente. Vinham assomando os primeiros fulgôres da alva quando a esquadilha real, *D. Amelia* na frente, suspendeu ferro, e largou Guadiana acima. E' um rio de ribas escarpadas e rochosas, todas em arestas agudas, que escorre em curvas caprichosas e rapidas das serras alemtejanas e que, de subito, ao galgar a Rocha dos Negros, se alarga em ampla bahia escancarada ao Sul. Navegavel até Mertola, de ahí para cima o seu leito aperta-se pelas bases dos penedos e corta-se de escolhos, baixios e quedas de agua, que mal permitem passagem a pequenos barcos de pouco calado. De ordinario sereno, o Guadiana transforma-se e torna-se imponentemente temivel com as enxurradas do inverno. O volume das aguas centuplica-se, e o monstro ergue-se a dezenas de metros, arrastando na sua corrente impetuosa rochedos inteiros, tudo quanto na passagem se lhe depára. A medonha cheia de 78 marca uma epocha de desolação e de luto.



EM VILLA REAL DE SANTO ANTONIO



O YACHT D. AMELIA SUBINDO O GUADIANA

Mas passa dezembro e o gigante amansa, readquirindo o seu aspecto bellamente selvagem. E nas suas aguas transparentes espelham-se as curiosas margens accidentadas, casaria aqui casaria acolá, Ayamonte com o seu castello desmantelado a cavalleiro de um cerro, e fronteiro ao castello de Castomarim, o seu velho inimigo de epochas turbulentas. Almada d'Oiro, a descer em amphitheatro na margem portugueza, mais longe a Foz, depois Alamo, e os Guerreiros, e as Lrangeiras, e Alcoutim que faz face a San Lucar do territorio andaluz, separados de cem metros, e a seguir a povoação mineira hespanhola da Lage, a dois passos da ribeira de Chança que torce para nordeste. D'este ponto para o Norte o Guadiana corre só por terras portuguezas, estreitando sempre.

Pouco acima da ribeira de Chança, margem esquerda, assenta, a meia encosta da serra escalvada e arida, a povoação do Pomarão, com os seus muros de suporte, e em baixo os seus gigantes e escuros caes para embarque do

minerio que vem das minas de S. Domingos, já em terras alemtejanas. Confrange a alma o aspecto d'essa serrania rapada de verdura, de côr ferruginosa, implacavelmente batida do sol que queima n'estas paragens tristemente desertas.

N'essa manhã amarraram ás boias os navios da esquadilha e minutos depois dois comboios voavam pela serra fóra para as decantadas minas, o primeiro estabelecimento industrial do paiz, pela segunda vez visitado por monarchas portuguezes, e cuja area de exploração subterranea e a descoberto abrange muitas centenas de hectares.

Sumptuoso todo esse trabalho cavado a alvião e a dynamite nas rijas camadas de rocha, formando galerias sobrepostas, abobadas collossaes, corredores sustidos por columnatas naturaes, salões vastos de paredes luzidias, abysmos sombrios, caminhos que se bifurcam como labyrinthos intrincados, em que aqui e ali oscillam no escuro luzes morticças de lanternas, e passam sombras de minei-

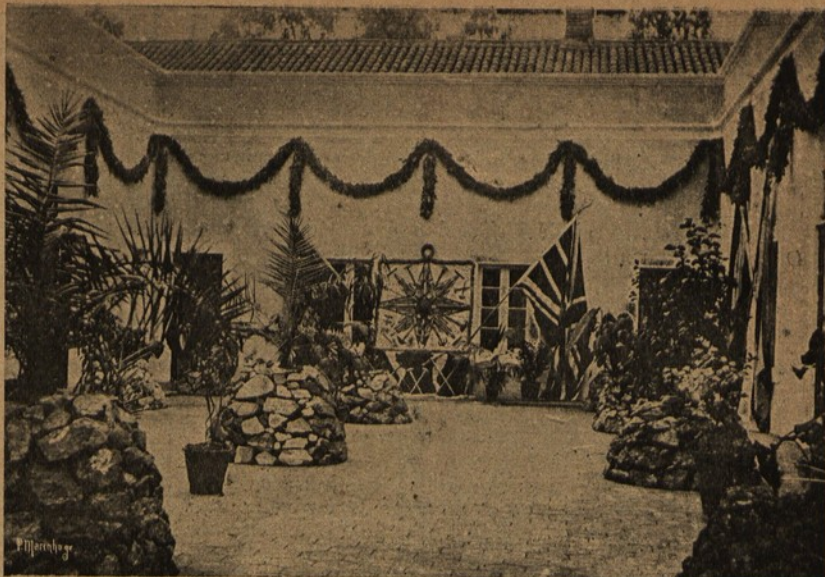


MINA DE S. DOMINGOS — A' espera de Suas Magestades

ros, e se ouvem o rodar surdo dos wagons, e ha correntes de ar gelado vindo dos remotos confins das minas, sempre em declives rapidos. Bello, mas asphyxiante.

Por cima d'essas galerias alastra-se a povoação mineira, em arruamentos amplos, sombreados de arvoredos, edificações modernas, arejadas, higienicas, com o seu hospital e a sua igreja. Um dia abate o céu da mina e tudo se scome na derrocada. Mas um mez depois surge uma nova cidade alegre n'um plaino de que se arrancou um cerro, e o trabalho prosegue e a exportação do pesado mineral continua activamente, á ingleza, entre aquelle enorme formigueiro humano que vive nas profundezas d'aquelle inferno.

LORJÓ TAVARES.



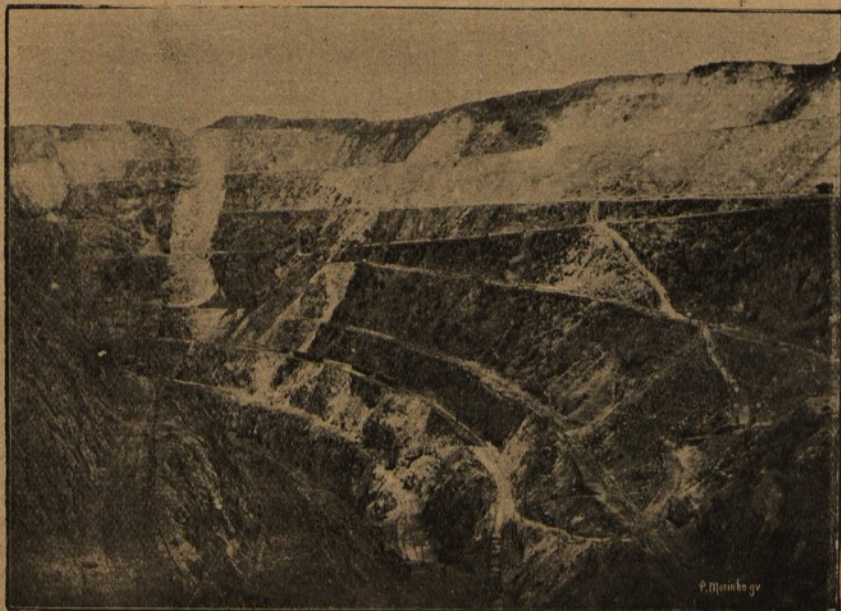
MINA DE S. DOMINGOS — Ornatações do pateo da entrada



Mina de S. Domingos — Desembarque de SS. MM.



Mina de S. Domingos — A descida



MINA DE S. DOMINGOS — Os cortas

# POBRE ARSENIO!

I

Uma vista d'olhos ao sobretudo, abotoadas as luvas pretas, ageitado o chapéu alto na cabeça, o sr. Clément disse á mulher:

— Como tenho ainda p'r' acabar a cuia da senhora Ducassy, voltarei logo que acabe a cerimonia.

— Vaes até ao cemiterio?

— Pois então não hei-de ir!

— Mas vê la não te demores muito.

O sr. Clément sorriu a esta recommendação. Não era elle sempre pontual?

Abraçou a esposa e sahiu.

Um triste dever a cumprir: seguir até ao cemiterio os despojos mortaes de um velho camarada, Arsenio — o porteiro do n.º 37 da rua de Nossa Senhora da Nazareth! Em vinte e quatro horas, Arsenio fôra rapado por um ataque de *delirium tremens*.

Em vão lhe prégavam que não bebesse; em vão todos os visinhos, com o sr. Clément á frente, lhe repetiam: Siga as prescripções do medico, adopte o regimen lacteo; verá que melhora.



... Sabia uma infinidade de historias.

Arsenio não déra ouvidos a estes bons conselhos.

E uma bella manhã, uma quinta feira, o sr. Clément não tinha visto, como de costume, a porta da loja entreabrir-se e o porteiro perguntar:

— Póde-se fazer a barba?

Arsenio já não existia.

Foi uma verdadeira perda! O homemsinho era um galhofeiro emerito; sabia uma infinidade de historias pittorescas e fazia promices como um verdadeiro macaco. Ao ouvil o, todos se torciam de riso.

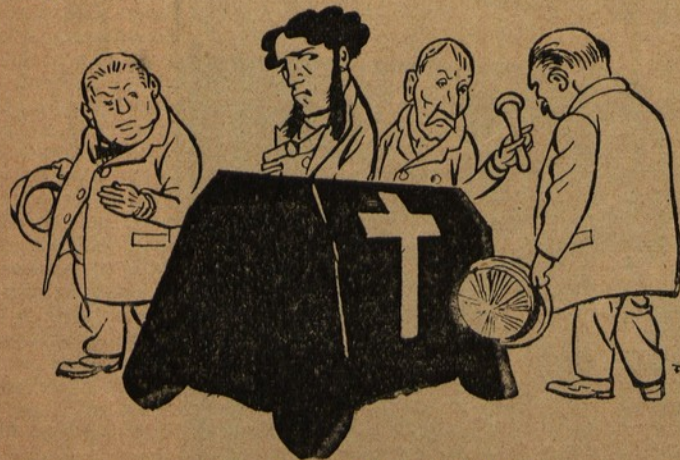
Recommendou, por isso, no testamento, aos amigos e conhecidos, que fizessem uma pandega de estalo no dia do seu enterro.

Lembrando-se das ultimas recommendações de Arsenio, o sr. Clément dizia consigo que ninguem as poria em pratica. Não, ninguem teria a coragem de se divertir depois do enterro.

Clément tinha pressa de ouvir a primeira pá de terra cahir sobre o caixão para voltar para casa e, tiradas as luvas pretas, os pés mettidos n'uns bons sapatos, á vontade, acabar a cuia da sr.ª Ducassy.

II

— Chega mesmo á hora! gritou-lhe um homem pandsudo, de pernas curtas, com o fato cinzento dos padeiros.



... A aspersão do caixão tinha-os perturbado

Se chega cinco minutos mais tarde já não nos apanhava. Effectivamente, o carro mortuario ia partir. Umás cincoenta pessoas agrupadas no passeio tomaram logar atraz do feretro.

O sr. Clément apertou a mão do padeiro, perguntando-lhe se tinha visto Delacquis.

— Olhe, está a conversar com Bonnefoy.

Delacquis avistou n'este momento o sr. Clément, chamou-o com um signal, e todos quatro, Clément, Bonnefoy, Delacquis e o padeiro, enfileiraram-se silenciosos ao principio, incommodados por se verem de luvas, respeitosa e descobertos.

Ao fim de cinco minutos d'esta marcha silenciosa, o padeiro não se conteve mais. Cedeu á necessidade de falar: «E dizer que ainda não ha oito dias, elle tinha vendido dois pães de rosca a Arsenio e que tinham ido comel-os a casa do Delacquis acompanhados de um vinho branco!»

— E ainda terça-feira a mulher foi comprar uma alface para elle, disse Bonnefoy. Fui eu mesmo que lh'a vendi.

— Como elle morreu tão repentinamente!

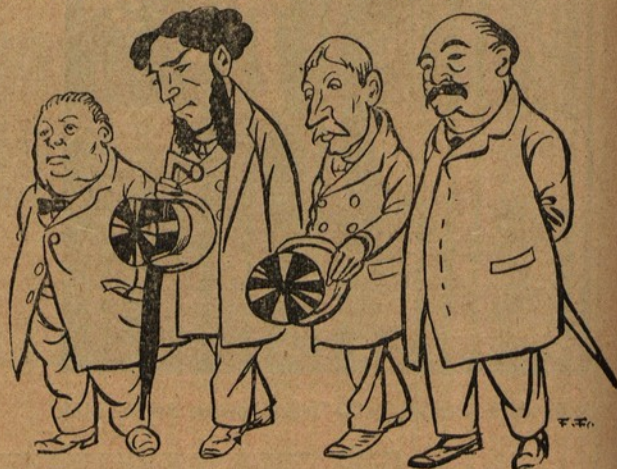
Todos quatro discursaram então sobre a rapidez da doença.

— Um homemzarrão como Arsenio, morto em quarenta e oito horas! Isto prova bem que não são os mais fortes os que duram mais tempo!

Depois discorreram sobre o original testamento.

Clément então tomou a palavra, grave e triste:

— A ideia de Arsenio, convidando a ir ao seu enterro todos os pandegos era certamente original; mas, pelo respeito que se deve aos mortos, não a deviam pôr em



... e todos quatro

pratica. Elle não era religioso, fazia pouco caso dos pades, mas no seu entender era um insulto á memoria do porteiro, trincando ou antes ou depois do enterro.

Retornaram a sua gravidade ao sahir da igreja. O frio que cahia das abobadas, as notas funebres do *Requiem*, a aspersão do caixão tinham-os perturbado. Sentiram a mesma impressão no cemiterio quando viram o coveiro atirar algumas pás de terra na cova aberta, sobre o caixão, com um ruido surdo.

III

Emfim, os dramas mais sombrios têm o seu epilogo: abancados agora n'uma taberna que ficava proximo do cemiterio, cada um diante de um copo de vinho quente, os quatro camaradas passaram em revista os pormenores da cerimonia. A missa não tinha durado muito, o padre tinha-a engulido bem. Havia muita gente, a viuva tinha-se portado sem muitas lagrimas e sem muitos gritos. Todos estavam de accordo em que o enterro tinha sido dos mais correctos.

Entretanto, Clément, avistando de repente o relógio, vira que elle marcava cinco horas. Era preciso safar-se. O tempo de chegar a casa, de jantar e mal podia acabar aquella noite a cuia da sr.<sup>a</sup> Ducassy. E estava fatigado, não queria deitar-se tarde.

La a chamar o rapaz, quando Bonnefoy o teve. Então vae-se já embora? Elle, Bonnefoy, ainda não tinha pago o seu tributo. Clément resistiu. Os outros não o largaram. E elles não tinham que fazer em casa? Mais uns minutos, o tempo de engulirem um ultimo litro...

Clément nem forças teve para insistir mais, e portanto sentou-se. E atrás do litro, veio o absintho e um baralho de cartas.

Os copos esvasiavam-se. Vozes exaltadas gritavam: «o az de copas! jogue que é triumpho! Ganhámos!» E as cabeças esquentavam-se, as mãos atiravam nervosamente as cartas para cima da msza. O padeiro, que perdia, praguejava, dava murros na meza que faziam saltar os copos. Bonnefoy divertia-se com aquelle mau humor, excitava-o por uma compaixão fingida. Delacquis repetia: Jogue! jogue! Não esteja para ahi a dar á lingua!

E Clément que ganhava, esquecia a loja, a mulher e a cuia da sr.<sup>a</sup> Ducassy.

Entretanto, o ponteiro do relógio girava. De repente, uma voz gritou: «Diabo! já sete horas!»

Os quatro amigos olharam uns para os outros. Sete horas! E as burquezas que os esperavam! Que cara não iam ellas fazer?

Pagaram á pressa as suas despezas e sahiram, correndo



Jogue que é triumpho!

a bom correr. O padeiro bufava, não podendo alcançar os outros, com as suas pernas muito curtas; Bonnefoy não tardou a confessar que uma corrida assim lhe dava palpitações do coração.

— Aviemmo-nos, aviemmo-nos, dizia Clément.

Na estação do Norte, o relógio marcava oito horas no quadrante luminoso. Pararam um instante para respirar. De repente Delacquis bateu na testa.

— Uma idéa! Se jantassem juntos? As mulheres não iam agora ficar de mau humor? Irrital-os-hiam com censuras pela sua entrada tardia. Se, em vez de se incommodarem, acabassem a noite juntos?

— Cá por mim, estou prompto, disse o padeiro arregalando os olhos.

Clément cofiava a barba, dizendo:

— Eu é que não fico com vocês.

— Mas onde havemos de jantar? perguntou o padeiro.

— Ali, olhem, fez Delacquis, apontando para uma locanda proxima.

As hesitações dos outros foram amollecendo, e d'ahi a pouco estavam sentados a uma mesa coberta com uma toalha muito branca.

#### IV

Delacquis recebeu ordem de arranjar o menu. Nada de pratos de cerimonia. Coisas solidas e bom vinho.

Clément então confessou que tinha uma fome devoradora. Uma corrida tão grande, o ar livre, os appetitivos, tudo lhe tinha feito um buraco no estomago. Gostou immenso dos linguados e propoz que se chamasse o dono do restaurant para o felicitar.



... Coisas solidas e bom vinho

— Se ao menos o pobre Arsenio podesse provar d'este vinhito, gemeu o padeiro.

Aquelle nome, lançado no meio do jantar, despertou bruscamente as recordações.

Desde o principio do jantar, os camaradas não fallavam, tão occupados estavam em saborear o vinho branco e os linguados. Mas a lembrança de Arsenio evocada repentinamente, arrancou-os ao seu mutismo de um instante. Voltaram a fallar d'elle, quasi se accusavam *in petto*, de o terem esquecido tão depressa. Onde estaria aquella hora, aquelle pobre velho? Certamente o bom Deus não o regalaria com um jantar assim. Não havia adega no céu, nem um vinhito branco como aquelle que estavam bebendo.

— A' tua! disse Clément a Delacquis; e de novo os copos se encheram.

Regaram bem o linguado, as batatas fritas, a sobremeza. E continuaram a regar aquella primeira rega.

Estavam esquentados ao ultimo grau. Continuavam a fallar de Arsenio, e como se a alma do porteiro pairasse sobre o jantar, estavam de um humor endiabrado. Clément desabotoou o collete para rir mais á vontade, ouvindo Delacquis contar uma partida de Arsenio. Pois aquelle animal não tivera um dia a lembrança de beijar uma mulher em plena rua?

N'aquelle momento, Clément, cujo olhar estava perdido no vago, parou de fumar o seu charuto.

Levantou o copo, e como se, ao longe, atravez da sua embriaguez, a imagem do porteiro lhes apparecesse, disse:

— Deves estar contente, meu velho, fizemos o que tu recommendaste... Eu não queria... Eu não achava isto conveniente... bem vês que estamos aqui em grande pandega... Este vinho é Saumur, aquelle Saumur que tu bebeste tanta vez... A' tua, Arsenio!

Chocou o copo no vacuo. Os camaradas imitaram-o: estenderam mutuamente os seus copos, chocaram-os com uma mão incerta.

— A' tua, Arsenio!

E continuaram a mandar vir garrafas do tal vinhito que era melhor que a ambrosia dos deuses.

Clément, de volta a casa, com o passo mal seguro, via agora luzir ao longe, na sua imaginação exaltada, a cuia da sr.<sup>a</sup> Ducassy dançar no cabo da vassoura d'aquelle pobre Arsenio...



Clément de volta a casa, ...

no cabo da vassoura d'aquelle pobre Arsenio...

# ARANHA QUE MATA



— Eia? Que aranha tens nas costas!



Não te mechias!



— Já rebentou.  
— E eu também.

## COISAS ALEGRES

### O CANTADOR DE SETUBAL

SEGUE A SATIRA PROMETTIDA NO NUMERO ANTERIOR

A procissão do Corpo de Deus, em Setubal, tal como se apresentou no anno de 1867

«Patria do meu nascimento,  
Em outr'ora tão ufana,  
Qual foi a causa tirana  
Do teu grande abatimento?  
Qual foi o monstro sangrento  
Sem paixão nem caridade  
Que com fingida liberdade  
Os teus filhos captivou,  
E mil innocentes matou  
Com o ferro da iniquidade?»

«Os teus foros de nobreza  
Os teus homens applaudidos,  
Já hoje se acham envolvidos  
Nos andrajos da pobreza!  
Bem mostra a tua baixeza  
O alto grau de que cahistes!  
Tudo em ti são scenas tristes  
Sem nenhuma comparação:  
Basta olhar para a procissão  
Chamada de Corpus-Christi.

«As ruas estavam areadas  
Com areia côr de barro.  
Toda a noite andou o carro  
Deitando quasi mil carradas.  
Tantas janellas armadas,  
Tantos archeiros fardados,  
E com gastos tão pesados  
Que a camara está fazendo...  
Para talvez ficar devendo  
Algun anno aos engeitados.

«Seis cavallo enfeitados  
De laços de fitas e flores,  
Seguindo seus conductores  
Pelas redeas enfreados,  
De soberbos, encrespados  
Raspavam ás vezes o chão;  
E por tão pouca devoção  
O Palmella bem dizia  
Que por seu gosto não queria  
Cavallos na procissão.

«Seguia o homem de ferro  
C' uma valente armadura  
Metendo com tal figura  
Aspecto de mouro perro.  
Erguia-se ao som do berro  
Quando ouvia alguma bulha.  
Era um chefe de patrulha  
Com armadura cinsenta  
Para fazer guerra cruenta  
A's espingardas d'agulha.

«Seguia-se o nosso santo  
De lança e escudo armado,  
De chapéu agalado  
Que algum tempo valeu tanto.  
As joias e o rico manto  
Vendeu tudo d'uma vez;  
Como brioso inglez,  
Poz tudo em reaes seguros  
P'ra valer aos apuros  
De um governo portuguez.

«Seguia-se o terno pagem  
De capacete dourado,  
De seu mantinho encarnado  
E caldeirinha de viagem.  
Ao pé ia a equipagem  
De meia branca e calção,  
Casaca de largo canhão  
Com galões de trinta cores;  
Eram os quatro embaixadores  
Que vieram do Japão.

«Seis pequenas irmandades  
Todas com tal desmasello  
Para mostrarem o pouco zello.  
Que teem pelas divindades!  
De tantas rivalidades  
Até Deus é testemunha!  
Fazem o mal e a caramunha  
Fazem-se taes rebeldias  
Que até nas confrarias  
Temos branca e negra unha.

«Já d'aqui podemos ver  
Quem ao palio hade pegar!  
Um tão honroso logar  
Vão-n'o deixando perder!  
Já é preciso escolher  
Braços fortes da pobreza;  
Porque a nossa nobreza  
No marasmo que se poz  
Só vai tratando do arroz  
E cada vez tem mais fraqueza.

«Pois de tanta auctoridade  
Que nossa sorte nos deu,  
Só n'este acto appareceu  
O governador da cidade!  
Os homens de probidade  
Tiveram vergonha e medo!  
Não houve onde por dedo  
Porque até nossos camaristas  
Andavam deitando vistas  
Onde plantar mais arvoredo.

«A busina roncadeira  
A que chamam aqui charanga  
Que acompanha qualquer panga  
Em orgia ou brincadeira,  
Foi a leal companheira  
N'esses tão breves instantes,  
Que com lindos consoantes  
E peças de realejo,  
Fez de todo este cortejo  
Uma choldra de ceifantes.

«A guarda foi de tenente  
Que acompanhou tanto careca  
Porque de Tancos a charneca  
Não dispensou cá mais gente.  
O povo ficou contente  
De todas estas caricaturas!  
E em troca das noites escuras  
Nos diz agora alguém  
Que para a procissão que vem  
Teremos ma isimposturas.»

EVENS.

Um joven millionario, para quem o dinheiro está na razão inversa da intelligencia, sentiu-se preso ao magnetismo d'uma das mais engraçadas *voltigeuses* do Circo Price.

Havia um mez que elle procurava cadeira d'onde melhor podesse levantar os olhos para o camarote da gentil artista, calçava luvas de côres salientes, e esforçava-se por dar ao todo o ar de elegancia que a natureza lhe recusara.

Um dia chegou a introduzir os seus affectos em prosa ruim, em epistola de requintado amor, a que não faltavam nem os corações em relevo, nem os aleijões orthographicos, e na qual o fogo da paixão era ateadado pela discordancia de genero, numero e caso entre os substantivos e os adjectivos, discordancia que dava á declaração o cunho de amorosa simplicidade.

A' carta não veio resposta. O millionario resolveu puxar pelos recursos oratorios.

— Querida, diz-lhe elle uma noite, saiba que morro d'amores pela menina.

— Não creio; é um capricho seu. Morrer por mim, um homem do grande mundo!

— E' a pura verdade; e até peço que me acompanhe amanhã a Cintra, só para almoçar comigo.

— Tenho muita pena, mas não posso aceitar.

— Por causa do ensaio, talvez? Offereço-lhe dez libras para pagar a multa, e creia que não perde commigo o seu tempo.

— Perdão; não é pelo ensaio, nem por causa de dinheiro, é porque eu não gosto nada de v. ex.<sup>a</sup>; e não desejo passar uma manhã aborrecida, Se eu tivesse n'isso algum prazer, dava a v. ex.<sup>a</sup> cincoenta libras para me acompanhar.

M. R.



# SECÇÃO RECREATIVA

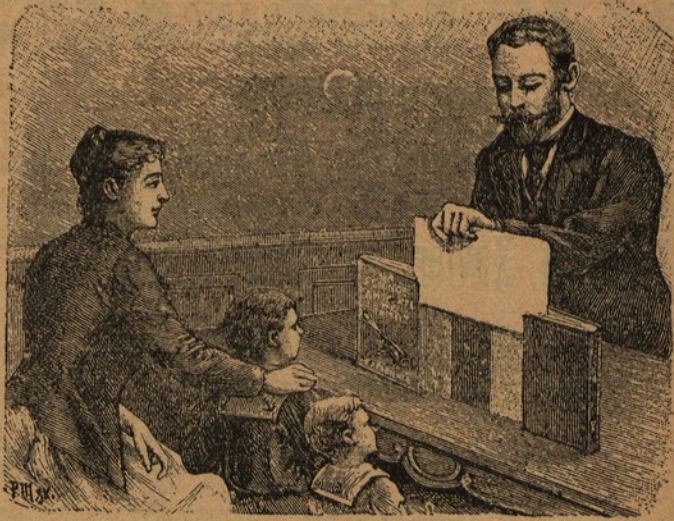
## AS BANDEIRAS

Ponham-se em pé na meza, á distancia de 25 cent. approximadamente, dois livros cujas deanteiras estejam frente a frente, e servindo para os manter entre as paginas as beiras d'uma folha de papel vertical em que se têm pintado tres côres de igual largura: alaranjada á esquerda, negra no meio e verde á direita. Esta folha de papel será o quadro fixo.

Tome-se agora um bocado de papelão de 30 cent. de largura, por exemplo, um calendario, cujo lado branco se apresenta aos circumstantes e que vae servir de *écran* moivel. Mettam-se os dois angulos inferiores entre as paginas do livro, por defronte da folha colorida de maneira que, quando se deixar desprender, ella deslize verticalmente, guiada pelos livros como por uma cordiça e que disfarce a folha do papel.

Tenha se o *écran* suspenso alguns instantes pedindo-se aos assistentes que olhem muito fixos para a folha colorida; depois deixa-se o *écran*, que cairá deante do papel e que deverão fixar até que os olhos se comecem a fatigar. Ao cabo de 10 segundos, pouco mais, verão pintar-se no *écran* as tres côres, azul, branca e encarnada da bandeira tricolor, que sabemos ser as complementares das côres alaranjada, negra e verde do papel.

Modificando o desenho e as côres do quadro fazem-se apparecer as bandeiras de diversas nações: as côres negra e verde, dá-nos a bandeira de Portugal; uma cruz



negra sobre fundo verde dar-nos-ha no *écran* a cruz branca sobre fundo encarnado da Suissa ou da Dinamarca; tres côres verticaes, branca, violeta e verde, as côres negra, amarella e encarnada da Belgica; duas aguias brancas em fundo violeta farão apparecer as aguias negras em fundo escuro da Russia.

Póde variar-se immensamente esta bonita experiencia

# OS ANNUNCIOS



PARA O



# Branco e Negro

Recebem-se na Livraria do editor A. M. Pereira só até segunda-feira de cada semana, para sahirem no numero do domingo immediato. A grande tiragem que hoje tem o BRANCO E NEGRO, e os augmentos que acaba de soffrer desde o n.º 79, fazem com que nos seja indispensavel começar a impressão da folha dos annuncios na terça-feira de cada semana.

Os preços são: uma pag. 7:000 rs.; 1/2 pag. 4:000 rs.; 1/4 de pag. 2:000 rs.; 1/8 de pag. 1:000 rs. Repetições teem 25 % de desconto.

Dada a enorme publicidade do BRANCO E NEGRO, que é hoje o jornal illustrado de mais larga divulgão em todo o paiz e em todo o Brazil, é desnecessario lembrar aos annunciantes as vantagens que póde trazer-lhes o annuncio n'este jornal, annuncio que fica, que se conserva, que é sempre visto e sempre lido de milhares de pessoas. E a razão é simples: o BRANCO E NEGRO é jornal que o leitor conserva e collecciona, que lê e folheia com interesse, nas horas do descanso, da 4.ª á ultima pagina, e que ainda no fim do semestre manda encadernar, ao passo que as folhas diarias, lidas de corrida, de manhã, mais por necessidade do que para recreio, ninguem as conserva, ninguem mais as relê, e portanto, em geral, o annuncio alli passa despercebido á maioria dos leitores.

**NOVO ALMANACH  
DE LEMBRANÇAS**

**LUSO BRAZILEIRO**

Para 1898

REDIGIDO PELO

**Dr. A. Xavier S. Cordeiro**

PEDIDOS À LIVRARIA DO

*Editor, A. M. Pereira*

**PREÇOS**

240 reis broc. ou 320 réis  
cart. em percaline.

Pelo correio 280 ou 360 réis

*Um volume (48.º da collecção)  
com 630 paginas,  
contendo além de tabellas e indicações  
práticas de utilidade para todos,  
uma interessantissima e abundante  
parte litteraria,  
anedoctica e charadistica,  
collaborada pelos melhores escriptores  
portuguezes e brazileiros.*

**ALMANACH DAS SENHORAS**

**PARA 1898**

Redigido por

**D. Guiomar Torrezão**

1 volume (28.º da collecção) contendo além das tabellas e demais materias proprias d'este genero de livros, uma desenvolvida secção de litteratura,—poesias, pequenos contos, biographias, charadas, enygmas, logogriphos, etc.—acompanhadas de uma grande collecção de retratos das personalidades mais em evidencia no momento actual em Portugal e no Brazil. No logar de honra figura o retrato e o perfil litterario da illustre romancista brazileira Julia Lopes de Almeida, auctora d'A Viuva Simões.

Preço 240 rs. broc. ou 320 rs. cart.—Pelo correio 260 ou 340 rs.

*Pedidos à Livraria do editor A. M. Pereira.*

BREWER E MOIGNO

# A Chave da Sciencia

Ou a Explicação dos Principaes Phenomenos da Natureza

OBRA AMPLIADA NA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

FOR

HENRIQUE DE PARVILLE

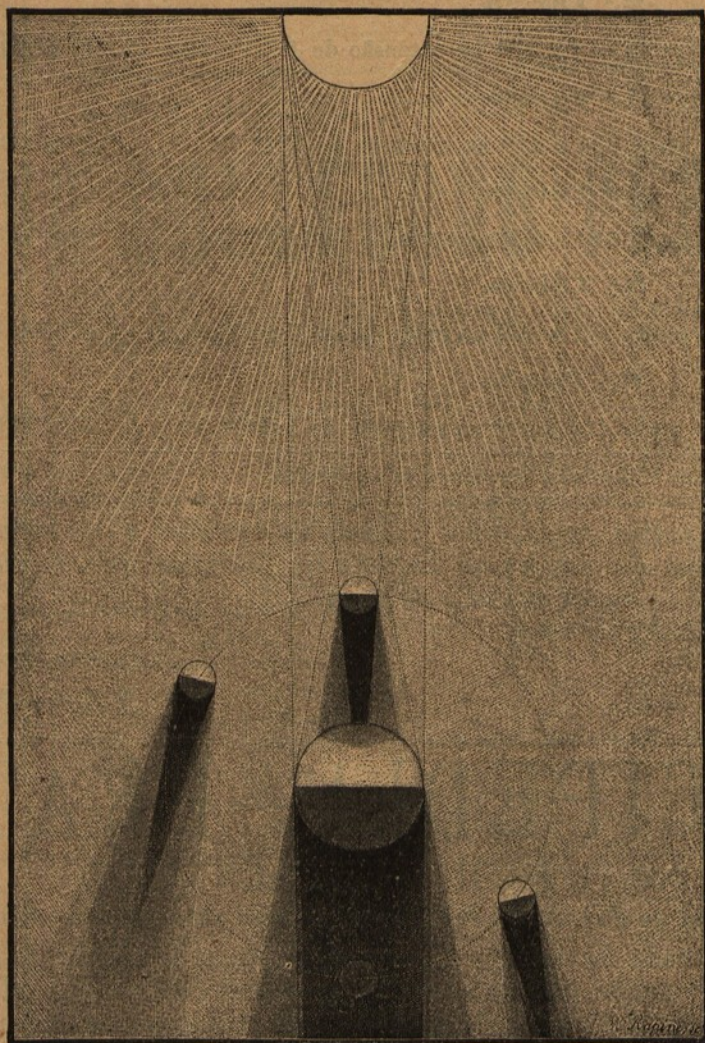
TRADUZIDA EM PORTUGUÊZ

FOR

JOSÉ QUINTINO TRAVASSOS LOPES

Embellizada com mais de 400 gravuras

Completamente refundida pelo traductor  
e por elle enriquecida com um grande numero de novos exemplos, perguntas,  
definições e problemas.



Biographias dos benemeritos da sciencia,  
interessantes experiencias de physica recreativa, novos inventos, descobertas  
e applicações das sciencias, artes e industrias, etc., etc.

THEORIA DOS ECLIPSES — Gravura extrahida da *Chave da Sciencia*

Um bello volume em formato grande, enriquecido com 119 gravuras explicativas

Brochado, 1\$500 rs. Encadernado, 2\$000 rs.

# ANNUNCIO

## DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS DO DISTRICTO DE LISBOA SECÇÃO D'ESTRADAS N.º 5

Estrada districtal n.º 162 da estação d'Odemira a Troia — Lanço da Carregueira á Comporta

*Faz-se publico que no dia 25 de outubro, ás 11 horas da manhã, na secretaria da secção em Grandola, se procederá á arrematação de seis tarefas de construcção constantes do mappa seguinte, sob a presidencia do Engenheiro Chefe de Secção.*

Designação das tarefas	Base da licitação	Deposito provisorio
<b>1.ª Tarefa</b>		
Construcção de 9 aqueductos nos perfis 380, 398, 403, 407, 419, 429, 434, 463 e 477.....	498\$000	13\$000
<b>2.ª Tarefa</b>		
Terraplenagens entre perfis 373 e 394 na extensão de 1:279 <sup>m</sup> ,46.	497\$000	13\$000
<b>3.ª Tarefa</b>		
Terraplenagens entre perfis 394 e 410 na extensão de 774 <sup>m</sup> ,70...	498\$000	13\$000
<b>4.ª Tarefa</b>		
Terraplenagens entre perfis 410 e 439 na extensão de 1:553 <sup>m</sup> ,94..	500\$000	13\$000
<b>5.ª Tarefa</b>		
Terraplenagens entre perfis 439 e 466 na extensão de 1:433 <sup>m</sup> ,26.	499\$000	13\$000
<b>6.ª Tarefa</b>		
Terraplenagens entre perfis 466 e 490 na extensão de 1:200 <sup>m</sup> ,30.	459\$000	13\$000

O deposito definitivo é de 5 % sobre a importancia da adjudicação.

*As medições, desenhos, perfis, typos e condições especiaes d'esta arrematação estarão patentes nas secretarias das secções em Lisboa e em Grandola, todos os dias não santificados desde as 10 horas da manhã até ás 4 da tarde.*

*Lisboa, 12 d'Outubro de 1897.*

O ENGENHEIRO DIRECTOR

*Antunes Navarro.*

## VELOCIPEDIA PRATICA

por D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exercito e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pódem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que podem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.

UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria Pereira, editor — 52 a 54, rua Augusta, 52 a 54

## TACTICA FELINA



Preparar



Apontar



Fogo



Caçei o!

# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	1\$300 réis	2\$600 réis
Africa Portugueza.....	800 "	1\$600 "	3\$200 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$200 réis	2\$400 réis	4\$800 réis

## NOVA COLLECÇÃO PEREIRA

A 50 réis cada volume, brochado

Apparecendo nos dias 10 e 25 de cada mez

*Romances dos melhores auctores, em volumes de 160 a 200 paginas*

### Eis os titulos dos volumes publicados:

- |  |   |
|--|---|
| N.º 1 — <i>Port-Tarascon</i> (ultimas aventuras do illustre Tartarin) 1 vol. de 176 paginas.                         | N.º 11 — <i>Primeiro amor</i> , de Ivan Tourgueneff, traducção de José Sarmento, 1 vol. de 160 paginas.           |
| N.º 2 — <i>D. Carlos</i> , de Saint-Réal, traducção de Luiz Cardoso, 1 vol. de 144 paginas.                          | N.º 12 — <i>Peccado mortal</i> , de André Theuriet, traducção de Fortunio, 1 vol. de 170 pag.                     |
| N.º 3 — <i>Madame Chrysanthème</i> , de Pierre Loti, trad. de José Sarmento, 1 vol. de mais de 200 pag.              | N.º 13 — <i>O Judeu</i> , de Henry Murger, trad. de Herculano Sarmento, 1 vol. de 160 pag.                        |
| N.º 4 — <i>Sapho</i> , de A. Daudet, trad. de Beldemonio, 1 vol. de 200 pag.   | N.º 14 — <i>O tanoeiro de Nuremberg</i> , de Hoffmann, traducção de H. Marques, 1 volume de 170 paginas.          |
| N.º 5 — <i>Negro e côr de rosa</i> , de Jorge Ohnet, trad. de Eça Leal, 1 vol. de 160 paginas.                       | N.º 15 — <i>Dinheiro maldito (Polikouchka)</i> , costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi, trad. de Luiz Cardoso. |
| N.º 6 — <i>O Senador Ignacio</i> , de Th. Cahu ( <i>Théo-Crith</i> ), trad. de Maria Velleda, 1 vol. de 230 paginas. | N.º 16 — <i>Vida phantastica</i> , por Méry, traducção de Eça Leal, 1 volume de 170 pag.                          |
| N.º 7 — <i>Jettatura</i> , de Theophilo Gauthier, traducção de Luiz Cardoso, 1 vol. de 170 paginas.                  | N.º 17 — <i>O padre Daniel</i> , de André Theuriet, traducção de Fortunio, 1 vol. de 160 pag.                     |
| N.º 8 — <i>Casa com escriptos</i> , de Carlos Dickens, trad. de José Sarmento, 1 v. de mais de 160 pag.              | N.º 18 — <i>Um coração simples</i> , de Gustave Flaubert, traducção de H. Marques, 1 vol. de 170 pag.             |
| N.º 9 — <i>O Canteiro de Saint-Point</i> , de Lamartine, trad. de Annibal Azevedo, 1 vol. de 180 pag.                | N.º 19 — <i>Yan</i> , de Jean Rameau, trad. de Luiz Cardoso, 1 vol. de 170 pag.                                   |
| N.º 10 — <i>Rosa e Ninette</i> , de A. Daudet, trad. de Henrique Marques.  |   |

**JOSÉ HENRIQUES TOTTA**  
 SUCCESSOR DE  
**FORTUNATO CHAMIÇO**  
**CASA BANCARIA**  
 E  
**AGENCIA DA COMPANHIA**  
 DE  
**SEGUROS GARANTIA DO PORTO**  
 75, 1.º—Rua do Ouro—75, 1.º  
**LISBOA**

**MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**

**GUIA PRATICO**

Para o conhecimento e tratamento de todas as doenças

Colligido por pessoa de toda a auctorisação no assumpto e escripto em linguagem vulgar para poder ser consultado e comprehendido por todos. Um magnifico volume de 280 paginas: Em brochura 600 réis, encadernado em percaline 800 réis.

**LIVRARIA DE ARNALDO BORDALLO**  
 42, 1.º—Rua da Victoria—42, 1.º

Premiada em diversas exposições

**RESISTENCIA,**

**ELEGANCIA**

**E VELOCIDADE**

**OPEL**

**A BICYCLETA DA ACTUALIDADE**

DEPOSITO:

**179, R. de Santo Antão, 181**

**LISBOA**

**Bateu o record do Mundo**

Grande variedade de peças decorativas executadas sob a direcção do grande artista

**RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO**



Unica casa em Lisboa que vende as verdadeiras e apreciadas FIGURAS DO PORTO feitas pelo primeiro artista no genero.

**A MODA**

ESTABELECIMENTO DE MODAS E CONFECCOES

— DE —

**JOÃO JOSÉ MARTINS**

N'esta casa encontra-se sempre um variado sortimento de todos os artigos do seu commercio por

PREÇOS OS MAIS RESUMIDOS

**172, RUA DO OURO, 174**

**LISBOA**

**CASA DOS BORDADOS**

DE

**SILVA RODA & C.ª**

161, RUA AUGUSTA, 165

**LOJA DE FAZENDAS BRANCAS E CAMISARIA**

E

**ATELIER DE ROUPAS BRANCAS**

(No primeiro andar)

Completo sortimento em camisas para homem, senhoras e creanças, matinées, penteadores, saias bordadas, enxovaes para noivas, collegiaes e recém-nascidos.

Encarrega-se de qualquer encomenda de roupas brancas e executam-se com a maxima brevidade.

**HAVANEZA DE S. PEDRO D'ALCANTARA**

Completo sortimento em tabacos nacionaes

e estrangeiros

Grande variedade em carteiras para todos os preços

Venda de jornaes e diversas publicações nacionaes e estrangeiras

R. de S. Pedro d'Alcantara, 47 — T. da Boa-Hora, 5

(EM FRENTE DO ELEVADOR DA GLORIA)

Boquillas, cigarreiras, cachimbos, charuteiras e outros artigos

Variada colleção de numeros para todas as loterias

Artigos de papelaria, bilhetes de visita, agua de Caneças e Cintra, velas de stearina

Os senhores colleccionadores de sellos encontram sempre n'esta casa um bom fornecimento para escolher.

# Branco e Negro



UMA SOUBRETTE — (Aquarella de Roque Gameiro)

PREÇO 50 RÉIS

N.º 83

*Um volume (48.º da collecção) com 630 paginas, contendo além de tabellas e indicações práticas de utilidade para todos, uma interessantissima e abundante parte litteraria, anecdotica e charadistica, collaborada pelos melhores escriptores portuguezes e brasileiros.*

**LUSO BRAZILIENRO**

**NOVO ALMANACH DE LEMBRANÇAS PARA 1898**

*Pedidos á Livraria do editor Antonio Maria Pereira, rua Augusta, 50, 52 e 54 LISBOA*

**PREÇOS**  
240 réis brochado ou 320 réis cartonado em percaline. Pelo correio 280 ou 360 réis.

DIRIGIDO PELO  
**Dr. A. Xavier S. Cordeiro**  
48.º ANNO

## ALMANACH DAS SENHORAS

PARA 1898

Redigido por **D. Guiomar Torreção**

Um volume (28.º da collecção) contendo além das tabellas e demais materias proprias d'este genero de livros, uma desenvolvida secção de litteratura,—poesias, pequenos contos, biographias, charadas, enygmas, logogriphos, etc.—acompanhadas de uma grande collecção de retratos das personalidades mais em evidencia no momento actual em Portugal e no Brazil. No lugar de honra figura o retrato e o perfil litterario da illustre romancista brasileira Julia Lopes de Almeida, auctora d'A Viuva Simões.

Preço 240 rs. broch. ou 320 rs. cart.—Pelo correio 260 ou 340 rs.

*Pedidos á Livraria do editor A. M. Pereira.*



# BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 83

LISBOA, 31 DE OUTUBRO DE 1897

2.º ANNO

## AS PRAIAS — A FIGUEIRA DA FOZ

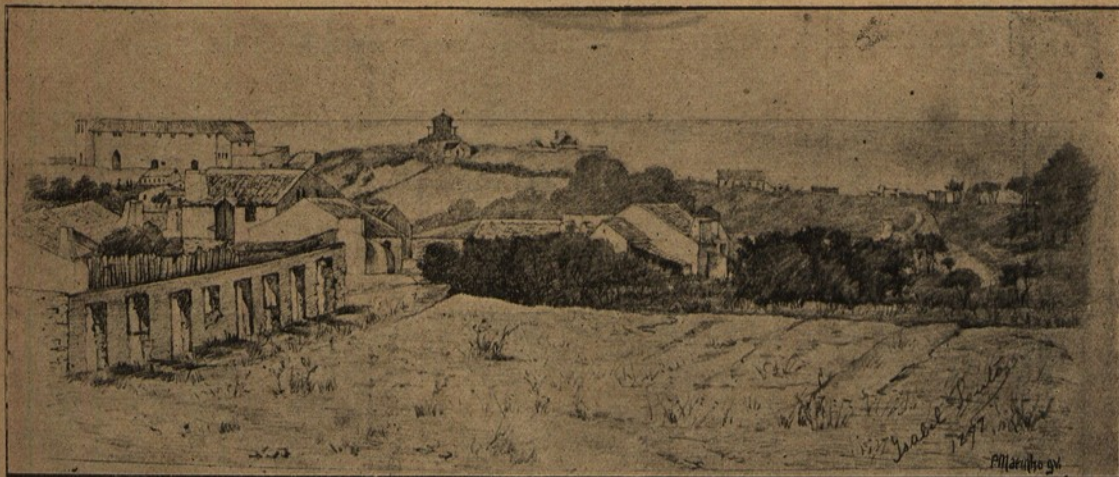
(TRECHOS DE PAIZAGEM)

N'um dos ultimos numeros do nosso semanario, referindo-nos aos *Casinos e Passios* d'esta formosissima estancia balnear, asseverámos que a Figueira possuia deitiosos arrabaldes ignorados de grande parte dos banhistas que só se preocupam com as diversões d'aquellas casas de recreio.

Por essa occasião fomos auxiliados por uma jovem e talentosa senhora portuense, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Isabel d'Azevedo Souto, que em trez *croquis*, que então publicámos,

do mar no grande incendio final do poente. Uma creatura que está atacada do *vague à l'âme*, que sente na sua alma a sêde do infinito, faz esta cousa muito simples: veste-se convenientemente, sai á tardinha de casa, toma a direcção da estrada de Buarcos, alli a meio caminho sóbe por um comoro acima, senta-se o melhor que pôde e olha.

O que vê? O oceano, o eterno moribundo, que vem vomitar na praia os seus arrancos sonoros e espuma-



COLYSEU FIGUEIRENSE E MIRAMAR

(Vista tirada do alto do Pinhal pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Isabel d'A. Souto)

deu aos nossos leitores uma idéa nitida da paizagem figueirense.

E' esta mesma senhora que hoje abrilhanta com mais tres estudos as paginas do *Branco e Negro* que gostosamente reproduz os primorosos trabalhos de tão distincta amadora, que promete continuar a honrar este nosso semanario com a sua valiosa collaboração.

Um dos *croquis* representa a mole immensa do Colyseu Figueirense e a ridente vivenda de *Miramar*, pertencente ao sr. visconde de Taveiro, e d'onde se disfructa em toda a sua grandeza o esplendido espectáculo do ceu e do mar.

Agradecendo mais uma vez á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Isabel d'A. Souto o favor da sua valiosa collaboração, cedemos hoje o logar a um escriptor que nos vai falar dos arrabaldes da Figueira.

V. E S.

«A Figueira e arrabaldes encerram distracções para todos os temperamentos.

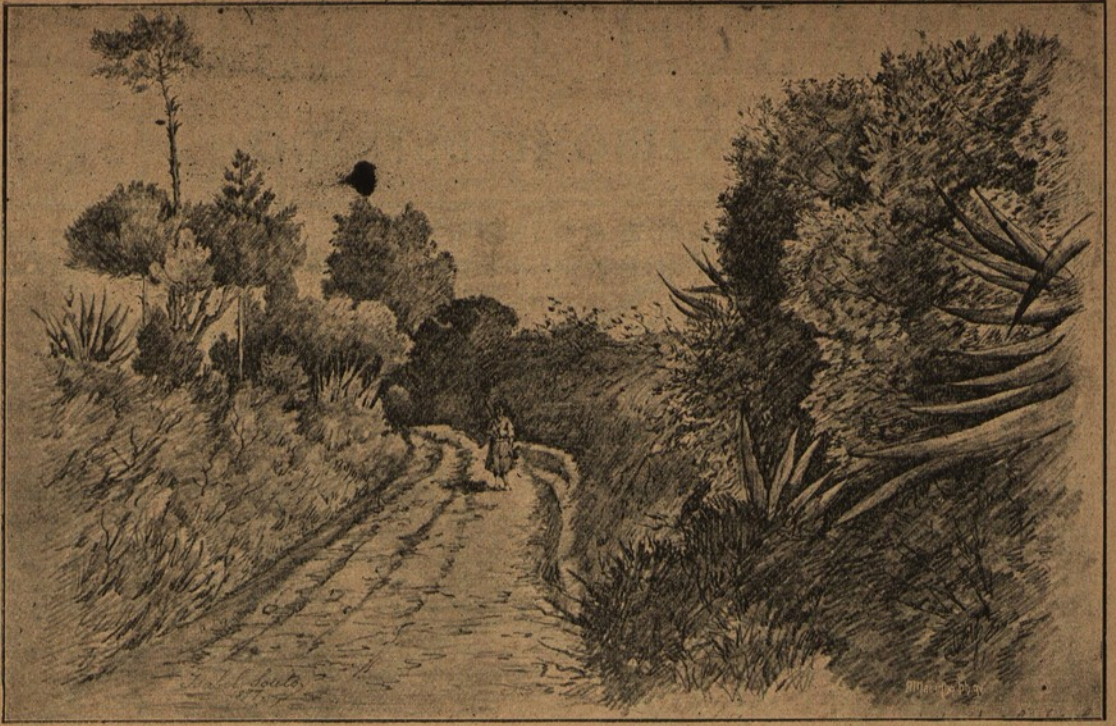
V. Ex.<sup>a</sup>, minha senhora, é de indole *tant soit peu* poetica, de natureza melancolica, triste, contemplativa?

Não ha nada melhor, mais proprio, para satisfazer a certas exigencias do seu espirito como a contemplação

dos, alastrar-se indefinidamente, morosamente, n'uma revolta concentrada e rancorosa.

Ao longe, muito ao longe, quasi a perder se de vista, passa um vapor desenrolando para a atmospheria um pennacho de fumo branco. Os barcos de pesca com as suas vellas triangulares e escuras põem pequenas manchas interruptoras na uniformidade da superficie aquatica. E o mar, continúa ondeando, movendo-se, agitando-se, tentando novos esforços, como um leão ferido, nos paroxismos da vida. O sol está prestes a mergulhar, a afundar-se, a lavar-se no oceano da sua poeira luminosa e sangrenta como um athleta exhausto dos combates do circo. Os flócos rendilhados das nuvens que se suspendem no horisonte avermelham-se fortemente como se sahissessem d'uma fornalha ardente, e pouco a pouco, com uma lentidão insensível, vão perdendo a coração concentrada para um tom suave, d'um grande mimo delicado e fragil. E inconscientemente, naturalmente, o nosso espirito vae perdendo-se na contemplação d'este espectáculo, em devaneios aventureiros, em vagos desejos subteis e irrealisaveis. Passa um navio ao longe, na linha indistincta do horisonte, e a nossa alma vae com elle, segue-o, interessa-se toda por elle.

Para onde irá? que cidades brilhantes e ruidosas,



UMA AZINHAGA NA FIGUEIRA — (Desenho da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Isabel d'A. Souto)

cheias de movimento, de distrações, de jubilosos prazeres, visitará? Que novos climas, que estranhos e pittorescos aspectos verá quem n'elle viaja?

Quem podera ir n'elle, desembarcar em outros paizes, conhecer outros povos, contemplar outras paizagens! E a nossa alma continua perdendo-se, alargando-se em phantasiações d'um deleite suave e pungente! Tem este

perigo a contemplação solitaria do mar. Enerva-nos, torna-nos doentes, inexplicavelmente doentes; absorve-nos n'um vago romantico que nos desgosta da vida, tal qual se vive, faz-nos olhar o mundo, o mesquinho mundo em que nos movemos com um tedio desolado, um enfatiamento ôco de desilludido, de quem só ambiciona a morte, e cria ás vezes os desejos violentos d'uma



VISTA DE BUARCOS E DA PRAIA DA FIGUEIRA

vida superiormente gasta e distinctamente passada.

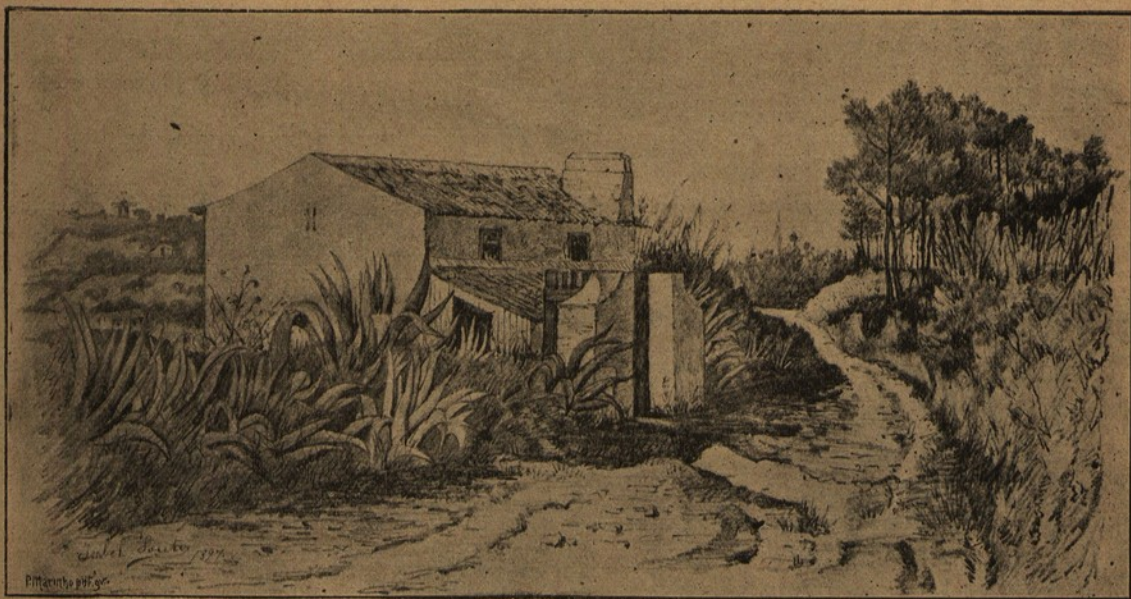
No entanto, o passeio pela estrada de Buarcos, é dos mais agradáveis e distrahetes. A um lado o mar com a sua solemnidade carrancuda, por um dia enublado, ou todo faiscante, palhetado de luz, das reverberações gloriosas e vermelhas do Sol; a extensa e larga praia, branca, reluzente, como um vasto estendal de setim; a graciosa curva da bahia formada pelo Cabo Mondego, que faz lembrar um d'aquelles pequeninos golfos italianos celebrados nas paginas da *Graziella* de Lamartine; os barcos da pescaria encalhados na areia; as grandes redes escuras extendidas, enxugando ao sol; a agglomeração confusa dos casebres dos Palheiros com a sua apparencia mesquinha e interessante, e ao fundo, na declinação verdejante do monte, a velha povoação de Buarcos destacando nitidamente na atmosphera limpida com a sua perspectiva repousada e branca, d'um pittoresco auzaz.

.....  
Aquelle que tem o habito saudavel e vitalizador de não

Este ultimo permanece alli n'aquelle pequeno outeirò, provavelmente senta-se e contempla.

Ao lado esquerdo ficam-lhe os escuros pinheiraes, de uma attitude solemne, onde durante as noites invernaes a ventania entõa a sua velha canção soluçante; em baixo, mais perto, as plantações verde-claras dos vinhedos alastrados pelas ribanceiras, as estreitas azinhagas de vegetações aguadas e varias, cheias dos sussurros dos insectos e do chilrear da passaraada festiva; mais longe, em frente, extendem-se as campinas circumjacentes de Tavarède e os avolumados e poderosos montes que se alongam para o Norte, aqui e alli salpicados de pequeninas casas brancas ensombradas d'arvores, d'uma perspectiva de miniatura delicada, e que produzem em nós o desejo de as irmos habitar em companhia amada.

Por uma tarde serena de agosto o passeio da Varzea<sup>1</sup> é, para aquelles cujo espirito é mais ou menos pantheista, d'uma grande consolação ineffavel e tranquillizadora. Sentimos-nos cansados, abatidos, exaustos, pela turbulencia da vida, pelos inquietamentos desgostantes da exis-



TRECHO DE PAIZAGEM FIGUEIRENSE — (Desenho da cx.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Isabel d'A. Souto)

*dormir a manhã na cama*, que se levanta apenas o sol começa a doirar as cumiadas e os altos edificios, querendo, pôde gozar na Figueira d'um espectáculo magnifico, deleitoso, verdadeiramente consolador.

Faz uma *toilette* matinal e põe-se a caminho da Varzea. Supponhamos uma epocha qualquer, nos fins de julho e principios de agosto, por exemplo. N'este tempo, as manhãs são d'uma serenidade, d'um brilho, d'uma belleza incomparaveis. A ardencia impetuosa do estio parece que faz uma pausa, e o sol em vez de nos circumdar d'um calor esmagante, derrama um fulgor que produz em nosso corpo uma sensação analoga á d'um vinho generoso e antigo, que nos percorre as veias e nos acaricia indolentemente os membros.

Não perpassa a mais leve aragem; se a ha, é tão fraca que mais parece uma caricia aveludada e tepida. Vae-se caminhando pela curta estrada que começa ao pé do cemiterio, e logo adiante se desenrola em torno de nós um panorama variado, amplo, d'um imprevisito gracioso e ao mesmo tempo d'uma naturalidade flagrante. Quem quizer sôbe a um pequeno comoro que domina quasi todo o horizonte, e tem em frente de si uma agradável e innocente distracção. Ficar alli parado, em muda contemplação, não é para todos, é para os espiritos contemplativos, phantasistas, mais ou menos romanescos, para aquelles a quem o illustre americano Emerson chamou *homens de pensamento*, para os distinguir dos que são praticos, emprehendedores, positivos, d'uma virilidade inquebrantavel, os *homens de acção*. Para o nosso caso, consintam que eu escolha duas d'essas especies de individuos: um *homem d'acção* e um *homem de pensamento*.

tencia prosaica e practica, e a nossa alma no convivio sincero, na intimidade santa da Natureza, acha um lenitivo suave, um balsamo saudificante que a levanta, que a vigorisa para novas luctas. E' pela communhão intima e profunda do homem com a Natureza, que brotam a bondade innocente e forte, a pureza heroica dos sentimentos, e a honestidade das intenções. A convivencia immediata com a Natureza é a poderosa alavanca dos espiritos prostrados, cheios de desfallecimentos morbidos, de tedio, de tristezas. Ella, a sagrada e eterna Natureza, a *mater*, dá a saude moral e a saude physica: aos corpos o vigor, aos espiritos a alegria, sã, luminosa e heroica! Não ha ninguem que n'um dia, n'uma hora, n'um momento de desconforto, de prostração, enfadado do viver da cidade, das pequeninas miserias do mundo, das torpezas da sociedade, não sinta nascer em si o desejo de uma existencia pacifica, simples, quasi primitiva, separada e liberta de todas as relações perfidas, baixas, insignificantes, no descuidamento salutar e benefico das intimidades sinceras e queridas. — O que deseja? Uma familia amante e amada, uma propriedade no campo, um rendimento adquirido por um trabalho honesto.

São os desejos, as ambições, das almas naturalmente honradas, dos caracteres simples e bons, e aos quaes a sociedade, com a sua acção deletéria, ainda não fez murchar a casta e fina flôr do sentimento.

Na primavera, no verão e no outomno, pelas suaves tardes amoraveis, é delicioso ir caminhando pela estrada

<sup>1</sup> Relativamente a este passelo já o *Branco e Negro* publicou no seu numero 77 um bello trecho de paizagem. Vide o artigo, *As Praias*: — *A Figueira da Foç — Casios e Passeios*.

que conduz á Varzea. O grande ar lavado e fresco, envolve-nos, inunda-nos, com uma carícia muito leve, os pedaços de paisagem que surgem inesperadamente n'uma volta da estrada ou n'um abaixamento de azinhalga, o chilrear inquieto e jovial da passarada que saltita ou que foge, as cantigas dos grupos de raparigas do povo que voltam ou vão para a fonte, as mil pequenas cousas que a prodiga natureza offerece á nossa vista, dão-nos uma sensação honesta de bem estar, de saúde, de alegria e de tranquilidade. A affluencia de gente que vêe á fonte ou ao rio lavar (deixem passar a exageradissima hyperbole popular) é enorme. Allí pela meia tarde não se dá uma duzia de passadas, que se não encontre um rancho de raparigas — das môrenas e sympathicas raparigas da beira-mar! — cantarolando, conversando, e ellas que me vão levar a mal esta indiscrição innocente, até namorando! Quasi sempre — o que é um mau gosto indesculpavel — o Romeu pertence ao destacamento militar da villa. Os rapazes da terra põem mais circumspecção em taes actos, e creio que não são mais infelizes.

No rio então, uma pessoa sentada no para-peito da pequena ponte quasi arruinada, ouve cousas curiosas.

Pelas conversas d'aquella boa gentinha passa toda a vida intima e pública de todos os habitantes da terra:

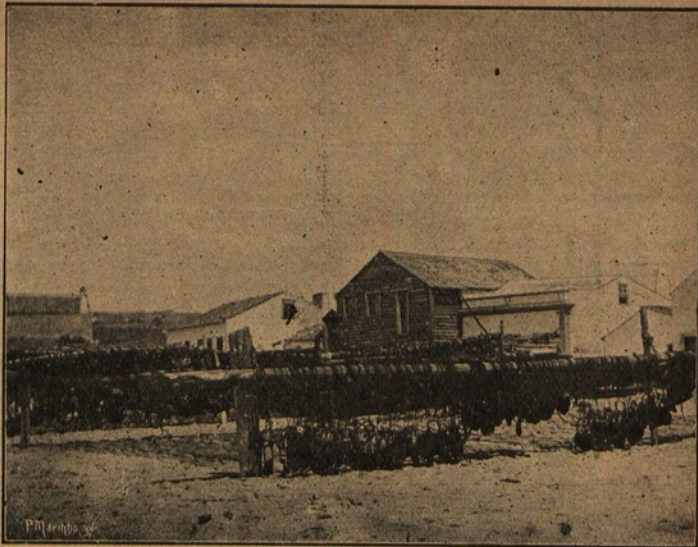
Namoros, casamentos contractados, scenas familiares, episodios comicos e dramaticos, bisbilhotices, ditos, o diabo! finalmente.

Se alguém chega, senta-se e se debruça na ponte para baixo, as conversas interrompem se por um instante, todas as boccas se calam, só se ouve o bater da roupa molhada nas pedras, e por fim uma voz fresca, juvenil, insinuante, com um ligeiro tom de ironia, desgarra-se com esta ou quejanda cantiga allusiva ao caso:

E' chegado, é chegado,  
E' chegado bem sei quem;  
Chegaram agora os olhos  
A quem os meus querem bem.

E d'ahi a nada a bisbilhotice recomeça, pouco a pouco, gradualmente, n'um *crescendo* diffamador, como a *aria da calumnia* no *Barbeiro de Sevilha*.

A *Estrada de Coimbra* é um dos mais pittorescos passeios da Figueira. Não é o mais concorrido, mas ha de



FIGUEIRA DA FOZ — Rêdes

(Cliché do ex.<sup>mo</sup> sr. Antonio Mesquita de Figueiredo)

vir a sel-o com o andar dos tempôs, quando se desvanecer do espirito dos banhistas o prejuizo de que só é do bom tom passeiar á beira-mar nas tardes calmosas.

A estrada tem lanços lindissimos orlados de grandes arvores e atravessa campos magnificos, onde a paisagem é esplendida.

*Caceira*, aldeia a trez kilometros da Figueira, costuma ser a ultima estação dos que tem o bom gosto de passeiar n'esta estrada.

No sitio da *Caniveta*, a um kilometro da villa, entronca na estrada de Coimbra a estrada municipal de Lares...

A *Murraceira*, onde existem as afamadas salinas da Figueira, e *Villa-Verde*, povoação lindissima, situada á beira do Mondego, são pontos dignos de ser vistos, aos quaes esta bonita estrada conduz.

Ha por estes sitios abundancia de caça.

Aos discipulos de Santo Huberto indicaremos aqui os cabeços de Villa-Verde, onde apparecem magnificas lebres, as margens do Mondego, onde esvoaçam magnificos patos bravos em numerosos bandos, a Serra da Boa Viagem, para lá do Cabo Mondego, Maiorca, Brenha, Quiaios, etc., etc.»

## EM LOCUBRAÇÃO

Como o manto da Noite é mui velhinho  
E está esburacado pela traça,  
A Lua ri-se d'elle quando passa  
Por sob aquelle santo desalinho...

E as estrellinhas meigas, curiosas,  
Debruçam-se do Céu na balaustrada  
A espreitar pela capa esburacada  
Os mysterios da dôr, silenciosas...

E fico-me a scismar como é que Deus  
Faz poemas com astros, na Imminencia,  
E da Terra, que é negra, a retencia  
Com que põe pontuação nos versos seus...

A Alvorada abre os olhos, de repente,  
E, soltando estridentes gargalhadas,  
Apressa-se a correr pelas estradas  
Para dar o *bom dia* a toda a gente.

E quantas vezes ha que a noite chora  
Quando presente os matinaes alvoro  
E derrama no calice das flôres  
Uma lagrima pura ao ir-se embora!

E então, dentro do peito, oiço uma voz  
Fazer esta pergunta amargurada:  
— Porque rasgas da Noite, ó Madrugada,  
O véu onde se esconde a Vida atroz?

# GATO ESCONDIDO... COM A CAUDA DE FORA



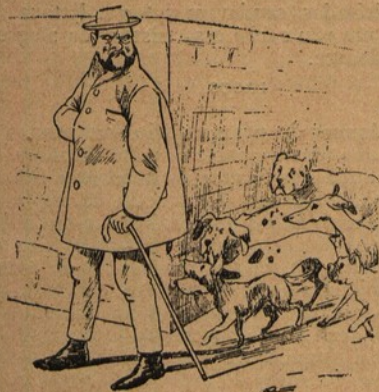
1

Chego ás portas da cidade  
Com 10 kilos de chouriço,  
Posso passar á vontade,  
Porque o guarda de serviço  
Vê-me um ar de seriedade.



2

E' pouca toda a cautella  
Lá diz um dictado velho:  
E por isso attento n'ella  
Fui-me arranjar... ao espelho  
Com a mais linda farpella!



3

Vinha, assim, monologando  
Martinho de si p'ra si  
Quando ouviu uns cães ladrando,  
Que vinham atraz de si  
Ao cheiro de contrabando...



4

E apoz um grande berreiro  
Martinho verte os chouriços  
Pelas costas e trazeiro  
Dizendo assim: «mas que enguiços  
Eu não me lembrar do cheiro!» —

YAGO.

## O CAFÉ

Toda a noite, o poeta Paulo Sirvent foi domado pela Musa victoriosa, pensando em versos cheios, firmes e sonoros, e aprisionando com agil destreza no rythmo as imagens soberbas, comicas e graciosas que se atropellavam no seu cerebro. Ao pé d'elle, sobre a sua meza, amontoam-se as folhas cheias de versos, escriptos sem rasuras, com lettra desembarçada e nitida, e continúa a escrever ainda. Mas está cançado, palido, e os seus olhos ardem-lhe como brazas, quando a alvorada lhe vem empallidecer o candeeiro, atirando com a sua luz branca atravez das cortinas mal cerradas. N'esse momento, o poeta suspira, quebrado pela lucta que não acaba nunca e sempre recomeça, e ainda que cheio de coragem, desesperando quasi de traduzir, tal como elle a imagina, a pura e serena Belleza. Mas sente-se curado, retemperado tranquilizado como por uma onda refrigerante, apenas por vêr entrar a sua querida e fiel mulher, Emilia.

Formosa e toda illuminada pelo amor, vestida com um penteador branco, com os seus espessos e abundantes cabellos pretos erguidos sobre a fronte estreita, e com os olhos cheios de doçura, de ativez, e de ternura

materna, traz nas mãos a chavena branca e delgada como uma casca d'ovo, na qual deitou para o seu bem-amado obreiro o café a ferver, d'onde se exhala um aroma precioso e divino. Esse café, escolheu ella a um e um os seus bagos verdes, que misturou em proporção acertada; ella mesma os torron com minucioso cuidado de modo que não ennegrecessem e ficassem deliciosamente loiros. Depois ella mesma os moeu; com as suas formosas mãos elegantes deitou, lentamente e com intervallos fielmente observados, a agua muito pura e limpida, fervida sobre uma chamma brilhante; depoz no fundo da chavena, antes de lhe deitar o negro licor, um pedaço de assucar verdadeiro, obtido á custa das mais pacientes buscas.

E agora traz ao seu amigo essa bebida, que em vão todos os reis desejariam, mas que é digna de recompensar a vigilia extasiada do poeta, cujos pensamentos hão-de voar pelo mundo inteiro, como aves de alegria e de luz.

THEODORO DE BANVILLE.

# ○ ALGARVE EM SEIS DIAS

FEZ-SE em tres dias o longo tracto do Barreiro ás minas de S. Domingos, tendo atravessado toda a provincia até ao extremo oriental — o porto de Villa Real de Santo Antonio, — onde ao cair da noite de 11, em regresso do Pomarão, a esquadilha fundeou. Mas por poucas horas essa paragem, porque urgia partir para Lagos, de onde chegavam boatos de festejos ruidosos.

A madrugada de 12 surpreendeu-nos no mar, e ao sair do sol ia já perdida de vista a foz do Guadiana, e na nevoa mal avultavam, ao de cima da agua, as costas baixas da Andaluzia, que se prolongam, com as do Algarve, na direcção do estreito de Gibraltar.

Nada mais bello do que esse passeio, em balanços cadenciados, por aquella manhã de uma serenidade absoluta, a dois passos da terra, sem ouvirmos estallear de foguetes, nem trombones rouque-



LAGOS — Para terra



LAGOS — Virgens

jando o hymno da Carta, essa brilhante peça que principiou nas paragens de Alvito, que nos sobresaltava altas horas da noite, que nos serviam com a sôpa e com allocuções camararias, que nos seguia e perseguia nas estradas, nos rios, nas aldeias, e para a qual, com o devido respeito, eu tantas vezes pedi um raio.

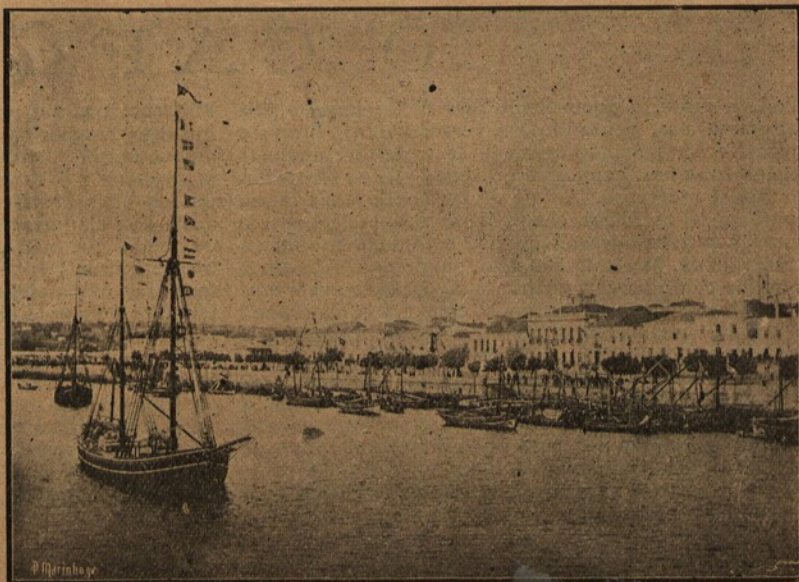
No mar, ao menos, estavamos livres d'essa delicia, incomparavelmente menos suave que as decantadas pragas do Egypto. Nada d'isso. Ali havia ar bem oxygenado, a immensidade calma do oceano, um céu transparente, vozes rudes de marinheiros, tudo a reconciliar-nos com as illustres philarmonicas, que não tardariam a reeditar o pesadello. E assim foi. A viagem durou o que duram as rosas — *l'espace d'un matin* — pois que, ahi por alturas do meio do dia, da magnificente bahia de Lagos, a adorada Carta veiu bater nos costados da *D. Amelia*, da *Zaire*, da *Faro*, da *Mandovi* e da graciosa *Lia*, que,

todas embandeiradas, saudavam a terra. Estava escripto. Corra-se um véu sobre essa tristeza da alegre jornada real, e adiante.

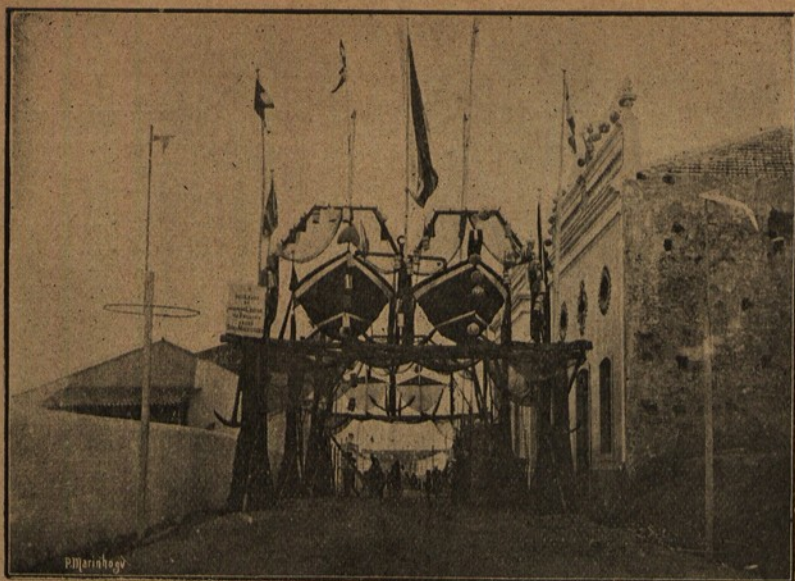
LAGOS

Lagos fica áquem do promontorio que avança pelo mar dentro e que fórma a parte saliente da bahia. Constantemente batida dos ventos do quadrante Sul, a cidade volta-se ao nascente, dominando de alto a vasta bahia, uma das mais bellas que conheço, e que pela sua situação offerece abrigo seguro a navios de alto bordo quando sopra rijo o temporal das bandas do ponente.

Os poucos minutos decorridos n'esse dia entre o largar ferro e o largar para terra foram insufficientes para se admirar a belleza d'esse panorama. E' que a terra em festa chamava a attenção de todos. Veja-se a primeira estampa e far-se-ha ideia do aspecto da praia. A' falta de terra firme para um arco de triumpho, a população maritima empavezou todos os barcos de pesca, grandes e pequenos, e formou-os em duas alas á laia de arriamento. Fez-se assim uma alameda pittoresca, moveidica, semelhante a filhas de arvores, de passeios atulhados de pescadores, de mulheres, de creanças, lenços acenando, chapéus no ar, sorriso aberto á passagem dos seus hospedes. Referiram jornaes o que foi a recepção feita em Lagos aos reis de Portugal. Convém agora accen-



VILLA NOVA DE PORTIMAO



ARCO TRIUMPHAL EM VILLA NOVA

tuar a originalidade d'esse acolhimento, agora que se ha pretendido desvirtuar a espontaneidade sincera com que os povos do Algarve, sem uma nota discordante, acolheram os seus reis, e souberam não desmentir os seus principios de cortezia unida a uma eloquente afirmação á causa monarchica.

VILLA NOVA

Villa Nova de Portimão demora a uma hora de Lagos, a que se liga por estrada que ladeia toda a bahia. E' em importancia o terceiro porto da provincia, com barra de facil accesso á navegação estrangeira, o que lhe permite exportar os seus generos, sobretudo o figo dos seus campos ferteis. A villa, alegre, abre-se em arco de circulo n'uma grande área ligeiramente accidentada, e quasi ao nivel do rio, em cuja margem esquerda branqueja a povoação de Ferragudo.

A barra é limitada pela Rocha, e por outra saliencia elevada na margem fronteira, figurando de longe essa entrada um corredor estreito, que apenas deixa entrevêr uma nesga do mar. Os ventos do Sul e Sueste fecham esse portão escancarado, e não ha balisas que valham, que as vagas, encapellando-se á mais leve brisa, despedaçam-se com fracasso



VILLA NOVA — Vendedeira de batata doce



MONCHIQUE — O Banho

nos recifes que bordam os bancos de areia.

Caía a noite quando entrámos na villa phantasticamente illuminada e toda apinhada de povo.....

Um grande somno de 8 horas seguidas no Grande e Sumptuoso e Feerico Hotel de madame Guerreiro, e só na manhã seguinte se notou serem quatro na mesma alcova — Marianno Pina de bôrco, Manuel Gustavo roncando como os trombones de Alvito, Arnaldo da Fonseca meio nú em cima das chapas photographicas, eu morto. Corra-se outro véu sobre essa miseria da opinião publica em roupas brancas, digamos adeus á villa em festa, e partamos para a serra, a caminho da Foya, o grande atractivo da jornada.

O BANHO — MONCHIQUE — A FOYA

Maravilhoso todo esse caminho que, partindo de Portimão, subindo sempre, leva a Monchique, uma das mais graciosas e originaes villas da provincia, e

d'ahi para o alto da serra que fica a cerca de 1:000 metros acima do nivel do mar.

Até ao sitio do Porto de Lagos, onde se bifurca a estrada de Silves, os terrenos accidentam-se pouco. Ahi começa a região dos schistos e granitos, rareiando já as figueiras e olivedos, e apparecem, aos poucos, pinhaes, sobreiros, medronheiros, grandes moitas de alecrim e de rosmaninho balsamicos.

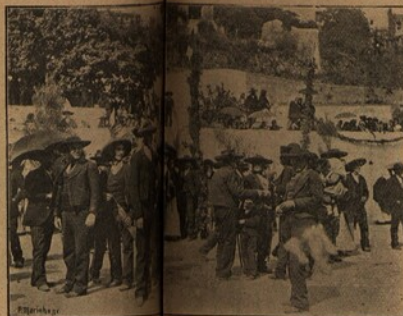
O scenario agiganta-se. Alargam-se os horisontes. Cavam-se valles fundos e apertados em que os cerros se cruzam pelas bases. E de espaço a espaço, nas voltas da estrada toda em zig-zags caprichosos, entrevê-se, pelas aberturas dos cimos sobrepostos, a Picota, penedo abrupto de difficil accesso, pouco visitado por *touristes* e que fica ao nascente da Foya, a soberba rainha serana sempre namorada por grandes massas de nuvens.

E' no caminho da villa de Monchique que se encontra o estabelecimento tão apregoado do Banho. Assenta ao

# A VIAGEM REGIA AO ALGARVE



MONCHIQUE — Ssnatorio Kneipp



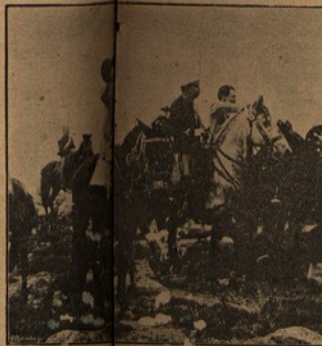
MONCHIQUE



MONCHIQUE



MONCHIQUE — A partida para a Foya



ALTO DA FOYA



NO ALTO DA FOYA



NO ALTO DA FOYA



— Convento velho



SILVES — Estrada fóra



fundo de uma quebrada, especie de bôco sem saída, na falda de uma montanha que declina para o poente, e por onde a vegetação, á medida que se sóbe, aumenta em pujança.

Ao derredor d'esse pequeno paraíso, todo frescura e sombras, a agua brota crystallina de entre as pedras e ha cerrados de castanheiros copados que alegam as paisagens

Do Banho para cima as rampas são asperas, e avança-se lentamente durante uma hora até á villa de Monchique.

Deliciosa a ornamentação toda campezina d'essa terrinha, com as suas ruas transformadas em tapetes fôfos de junco, postes enfeitados a murta, arcos singelos, medronheiros com as suas bagas vermelhas como morangos, festões torcidos a alecrim, e de que pendiam cachos de flôres silvestres, maçãs e romãs, paredes de alto a baixo estofadas de murta e urzes, tendo as janellas rasgadas!

O aspecto da villa relembra os festejos singelos de uma d'essas alegres manhãs de S. João, tão bem cheirosas, depois da queima das alcaçofras, quando ainda andam no ar fumos de alecrim que se queimou e rumores de bailaricos cantarolados com desafios de trovas em remoques.

Formou-se em Monchique, logo adiante da casa do



SILVES — Vista geral

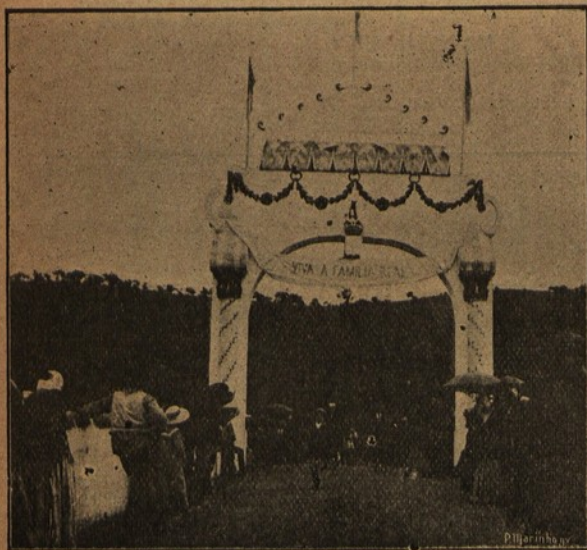
Ao chegarmos ao planalto da Foya, deixando pelo nascente o *Penedo do Buraco*, as nuvens que durante toda a manhã a abraçaram tinham desaparecido levadas pelo vento fresco do sueste, mas em baixo pairava uma névoa densa, rasgada aqui e acolá, e que se alastrava mar fóra, envolvendo tudo. Por esses rasgões entreviu-se ainda o cabo, a bahia de Lagos, Villa Nova com a sua barra e rio enroscando-se pelas planicies, e, vagamente para o Sul, uma parte da costa do Algarve. Avaliou-se todavia o que seja o enorme panorama que se descortina em dias claros. Alcança a vista o cabo de Santa Maria, os castellos de Ayamonte e de Castro Marim, e, com o auxilio de um bom oculo, o castello de Palmella e a Pena, apanhados d'esse ponto alto que domina todos os topos das serras do Alemtejo.

Era noite quando tornamos a avistar Portimão, tendo deixado Monchique ao som de musicas e estampidos de morteiros que echoavam surdamente pelas quebradas.

#### LAGOA SILVES

Pela tarde seguinte passagem rapida por Lagôa, a meio caminho de Silves, e ao declinar do sol, estrada fóra, fomos bater aos portões da velha cidade e velho baluarte da dominação arabe, e de que existem ainda em pé o historico e celebre castello, residencia do grande Al-Mansor, e a curiosa cisterna da moirinha encantada.

Soturna e triste, a cidade de Silves obriga a meditar.



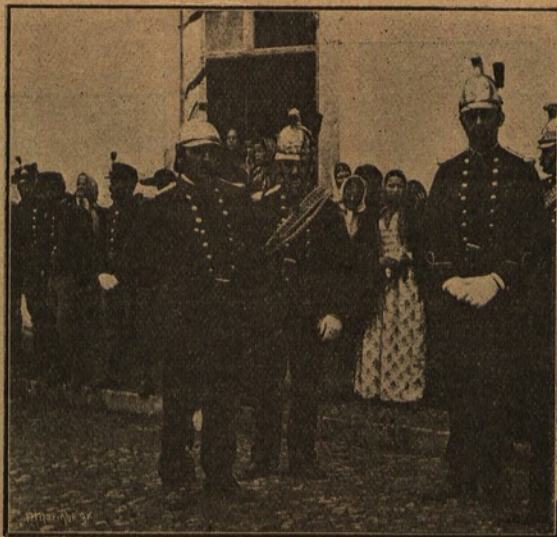
SILVES — Arco triumphal

Aguas—um companheiro de collegio de tempos que foram e que não logrei vêr n'aquella azafama de encontrar almoço e dorso de besta para a ascensão—a grande cavalgada, reis na frente.

Nada mais bello do que esse mal empedrado carreiro, todo em tortuosidades escabrosas. Um deslumbramento de perspectivas grandiosas com bosques de castanheiros, topos de cerros descendo, precipicios, escarpas de montanhas cobertas de verduras, todas em socalmos que de longe semelham escadarias gigantescas de marmore que levem a entradas de mysteriosos palacios encantados perdidos nos macissos dos arvoredos, a estrada de Odemira serpenteiando longe, as serras do Nortê de contornos esfumados, e no fundo o mar dormindo.

A cada volta de curva, um brado de surpresa, tal o encanto da ampla scena abrangida. E das beiras dos corregos, e dos altos cabeços debruçavam-se filas e filas de homens e mulheres, elles de jaqueta ao hombro, grandes chapéus de abas largas, mostrando brancuras de camisas, ellas sadias e graciosas luzindo as suas melhores roupas dos dias de festa. Tem fama a belleza das raparigas por aquellas redondezas de ladeiras verdejantes por onde joram no pino do verão aguas purissimas que formam levadas naturaes sempre cantando.

A luzida cavalgada subiu a passo levando na frente uns trezentos serrenhos, a pé, affeitos a estas caminhadas, e seguida por todos os grupos que de espaço a espaço se encontravam com arcos singelos esperando a passagem.



SILVES — Bombeiros

E' de todas as terras algarvias a que conserva, mais vivos, vestigios mouriscos, e restos de passada opulencia.

Fechada com fuzil de oiro a cadeia de festejos que acordaram toda a provincia de extremo a extremo, pelas oito horas da noite despedida á primitiva séde do bispado algarvio, apertada entre montes, por cujo fundo escorre a ria que a liga a Portimão, e a caminho, novamente estrada fóra, em procura do comboio real parado em S. Bartholomeu de Messines.

Por essa modesta aldeia, singelamente, typicamente vestida de galas campesinas, e entre alas cerradas de povo que acorrêra de dez leguas em redondo, e ao clãrão de fogueiras de alecrim, desfilou vagarosamente o cortejo, passando a poucos passos da casa de João de Deus, de frontaria allumiada a balões, e em que o nosso olhar se de- teve enternecido...

Foi a derradeira paragem d'esse longo jornada de seis dias por montes e valles, e que terminou ao bater das 11 horas d'essa bella noite algarvia, e ao esmorecer dos ultimos adeuses de uma as doçuras do hymno da Carta.



SILVES — O castello

philarmonica que por aquellas fragas se ficou a fustigar os echos com

LORJÓ TAVARES.

## DOIS TYPOS CURIOSOS



Segundo uma photographia do distincto photographo amator, sr. J. A. Pereira Carvalho

# PAGINA INTIMA

Ha dias, no decorrer da existencia, em que não vemos sol, nem aves, nem flores, nem risos... uma neblina cobre tudo, melancolisa tudo e deixa por tudo um estillicidio de lagrimas! N'esses dias a alma vive só para si e põe-se a recordar os tempos idos, n'um recolhimento de mysticismo, envolta no erepe roxo de immorreitoras saudades.

Vens do passado, risonha e santa, envolta n'uma alleluia de Sonhos!

Vens do passado e contigo vem a procissão das minhas illusões — brancas imagens vestidas d'azul e oiro, erguendo canticos sonoros e deixando, por onde passam, a luminosa esteira das esperanças!

Cobre-te o pallio roxo das minhas saudades, estrellado de lagrimas — lagrimas choradas pelos invios caminhos por onde, dias inteiros, vaguei, perdido, perguntando ás voragens da vida onde tinha termo o soffrimento, luctando com todos os obstaculos, calcando todos os perigos, abafando os soluços amargos que tentavam irromper da alma dolorida, vindo ao longe a bruma e caminhando sempre, na esperança de que para além cuvisse uma voz amiga que não fosse o echo da minha voz a repercutir se d'abysmo em abysmo!

Cobre-te o pallio das minhas saudades; thuribulos d'oiro queimam o incenso d' affectos não prostituidos pelo tempo; psalmos divinos sobem ao céu de minha alma agradecida em quanto, sob o esplendor que desce dos teus olhos, scintilla a ambula sagrada de teu coração — onde se encerra a hostia que eu devo commungar para ter entrada no paraíso da Felicidade.

Crente, da crença forte e robusta dos illuminados, eis-me a teus pés de joelhos: dá-me a communhão do teu amor. Nunca mais, d'ora em diante, verei o céu negro, pesando sobre mim, como crepes d'uma igreja em lucto, nem os campos desertos, sem arvores e sem flores, onde os peregrinos do ideal tombam, exanimes, mordendo a areia abrasadora das desillusões.

Nunca mais a duvida surgirá na minha frente, rindo, rindo, n'um sarcasmo hediondo como o do vingativo deante da agonia da sua victima, arrancando-me da alma um grito de tortura, fazendo-me dobrar o joelho para a terra, na previsão consciente dos desgraçados.

Feliz, da felicidade que julgo encontrar nos teus carinhos nascidos no fundo d'uma alma bôa e amante, o mundo será para mim esse paraíso desejado, promettido por Deus aos seus escolhidos.

Ahi esquecerei tudo, vivendo só por ti e para ti, amando-te com esse amor ethereo feito de todos os affectos, de todas as abnegações, de todos os sacrificios — amor que é só desejo, só ternura, só sentimento; que desabrocha em risos auroraes, em flores viçosas de perenne ventura.

Viverei só para ti, na concentração espiritual dos crentes, ajoelhando, noite a noite, para embalar-te o somno, junto ao teu leito que cobrirei de rosas e onde os Sonhos hão de vir, ruflando as azas brancas, dar-te a idéa do viver dos anjos, lá em cima, na patria eterna dos eternos gosos.

Ah! como eu bemdigo, desde já, a hora em que te vi de novo, encontrando-te ainda risonha e santa, como eras d'antes; trazendo comigo a procissão das minhas illusões; mostrando-me de novo esse tempo delicioso de castos idyllios, de chimeras aladas por espaços luminosos, de melodias divinas, trazidas do alto por seres invisíveis; elevando-me a alma para o paiz celeste dos Sonhos, lá muito ao longe, onde não chegam os borburrinhos das paixões humanas, onde o sol, rutilando, abre todos os dias auroras crystallinas, onde a Via-Lactea se estende, azul em fora, para que por ella passem, entrelaçadas, felizes, absortas, as almas amantes n'uma etherea alleluia de noivados.

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO.

## PELO MAR DA VIDA

Pelo mar em fóra, velas enfunadas,  
corre sem destino o bergantim veloz;  
vêm quebrar-lhe ao flanco vagas apressadas,  
pela espuma branca todas coroadas  
como as cabecinhas dos nossos avós!

Corre, corre, corre. Como vae ligeiro  
sobre a superficie verde-azul do mar!  
E nem o aquebranta a furia do pampeiro,  
nem pelas manhãs o denso nevoeiro,  
muda lhe o destino, fal-o recuar.

Mas para onde ruma, e para que distantes  
plagas ignoradas vae seguindo assim?  
Ao paiz do Sonho — berço dos amantes,  
onde as flores viçam frescas e odorantes,  
e se goza a Vida n'um prazer sem fim.

Bem aconchegados, bem aconchegados,  
dentro vão cantando os nossos corações.  
Fogem d'esse olhar ferino dos malvados,  
como procurando, bem aconchegados,  
ninho de Ternura e ninho de Illusões.

Segue. — Mar sereno e placido e indolente...  
Como o céu deleita, esplendido de anil!  
Passam brandamente, passam brandamente,  
as marinhas brizas, vindas do Oriente,  
leves, conduzindo o bergantim subtil.

Vaga, vaga, vaga e no vagar incerto  
aponta a uma cidade cheia de pavor...  
Vão a conhecel-a, a contemplal-a perto...  
Tudo era tristeza, tudo era deserto,  
porque alli morava a solitaria Dôr.

Fez-se ao largo, ao largo o bergantim ligeiro,  
foi rumando a um porto além, além, além.  
Mas que dorido e negro aspecto agoireiro!  
Só se via alli um palido covero  
revolvendo a terra e esperando alguém...

E cheios de espanto, e cheios de amargura,  
vão de porto em porto os nossos corações.  
Vão ao Desespero, vão á Desventura,  
vão a uma cidade solitaria, escura,  
onde só habitam as Desillusões.

E lá vae seguindo o bergantim, vagando  
pelo mar da Vida, e cheio de escarcéus.  
Passam viajores rouxinoleando...  
Estes são felizes... Outros vão chorando,  
maldizendo os Homens, raldizendo os Céus.

E, no emtanto, vae o bergantim — loucura!  
já por entre escolhos, já em sereno mar  
Chega ao Desespero, chega á Desventura...  
Mas á terra azul, á terra de Ventura  
pelo mar da vida nunca ha de chegar!...

# A BOFETADA

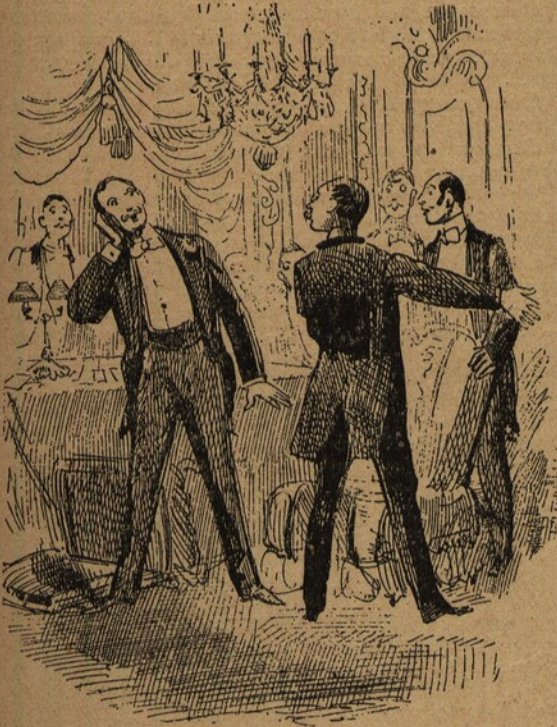
## DUELLO EM TRES ACTOS

### ACTO I

Um scenario qualquer.—Dois cavalheiros.—  
Acaba de estalar uma bofetada.

PRIMEIRO CAVALHEIRO, *muito pallido, com uma face a arder.*— Parece-me que o senhor acaba de me dar uma bofetada...

SEGUNDO CAVALHEIRO, *muito exaltado.*— Pespegar, meu caro senhor, diga «pespegar uma bofetada»...



Pespegar, meu caro senhor, diga pespegar uma bofetada...

PRIMEIRO CAVALHEIRO.— Pespegar, seja!... Hade dar-me uma satisfação, senhor!

SEGUNDO CAVALHEIRO.— A's suas ordens, senhor!

PRIMEIRO CAVALHEIRO.— Aqui tem o meu cartão!

SEGUNDO CAVALHEIRO.— Eis o meu!

### ACTO II

Um salão do Club.—Quatro padrinhos.—Os dois padrinhos do esbofetado estão a um canto da sala; os do esbofeteador no canto opposto.

PRIMEIRO PADRINHO DO ESBOFETADO, *baixo ao segundo padrinho.*— Sabe que o nosso afilhado ncs disse: é preciso arranjar uma conciliação...

SEGUNDO PADRINHO, *com desprezo.*— Oh! isso é que não!... nós não podemos fazer desaparecer uma bofetada!

PRIMEIRO PADRINHO DO ESBOFETADOR, *baixo ao segundo padrinho.*— Temos por afilhado um rico poltrão. Sabe o que elle me disse esta manhã? Está prompto a pedir desculpa!...

SEGUNDO PADRINHO.— Nunca! Nunca fui padrinho e não perderei esta occasião! Quero vêr o meu nome nos jornaes, com mil bombas!...

(Os padrinhos reúnem-se)

PRIMEIRO PADRINHO DO ESBOFETADO, *solemnemente.*— Meus senhores, julgo superfluo recordar os factos que nos valem a honra de conferenciar com vv. ex.<sup>as</sup>: o nosso amigo, considerando-se offendido, exige...

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETADOR, *furioso.*— Desculpas? Nunca!

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETADO.— Não, meu caro senhor: a escolha das armas.

PRIMEIRO PADRINHO DO ESBOFETADO, *docemente.*— Não

esqueçamos, meus senhores, que estamos aqui para tentar uma conciliação...

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETADOR.— Perfeitamente... Um duello de morte!

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETADO.— A tiro de peça!...

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETADOR.— A' queima-roupa!

PRIMEIRO PADRINHO DO ESBOFETADO, *conciliador.*— A'

pistola, não seria sufficiente?... a cem metros?...

PRIMEIRO PADRINHO DO ESBOFETADOR.— Como quizerem. Mas acabemos com isto. Não tenho hoje tempo para me entreter.

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETADOR.— Então, é a tiro de peça?

PRIMEIRO PADRINHO DO ESBOFETADO.— Não!... Que massador, com os seus tiros de peça!

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETADOR.— Ah! peço perdão!... Se os senhores não sentem a injuria, sentimol-a nós!

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETADO.— Mas foram os senhores que deram a bofetada!

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETADOR.— Por isso mesmo; sabemos o que ella vale.

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETADO.— Se não lhes convém a peça, proponho o machado de abordagem.

PRIMEIRO PADRINHO DO ESBOFETADOR.— Porque não nos mandam antes assassinar?... Vamos, a pistola, a vinte passos, hein?... Duas balas trocadas... e toca a safar, não é verdade? (*com mau humor*) Tenho uma fome dos diabos!

OS OUTROS TRES PADRINHOS, *em côro.*— Adoptado!

### ACTO III

Situaes.—Os dois adversarios, abotoados até ao queixo, observam-se ás furtadellas.—Os quatro padrinhos, em circulo, tiram á sorte a escolha das pistolas.

O ESBOFETADOR, *á parte, com inquietação.*— Aquelle marau deve ser forte á pistola... Tive talvez a mão leve de mais...

O ESBOFETADO, *á parte, lamentavelmente.*— Pespegou-me... o termo é d'elle... uma bofetada, hontem...



E se me desse licença... de lhe oferecer de almoçar

Hoje, vae atirar-me como se eu fosse um coelho... E' um carneiro, aquelle patife!

PRIMEIRO PADRINHO DO ESBOFETEADO, *arrregando uma pistola*. — O' diabo! enganei-me... dobrei a carga da polvora.

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETEADOR. — Isso pouco importa: pode metter duas balas... A minha pistola já está carregada... Onde estão as capsulas?

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETEADO, *tirando innocentemente do bolso uma caixinha de cartão*. — Eilas!

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETEADOR. — Que producto pharmaceutico é esse?... Capsulas de oleo de ricino!...

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETEADO, *querendo tirar-lhe a caixa*. — Foi engano meu.

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETEADOR, *provocante*. — E' uma allusão, meu caro senhor?

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETEADO, *impaciente*. — Uma allusão a que?... A' coragem do seu afilhado?... (*apontando com o dedo para o esbofeteador que está a bater com os dentes uns nos outros*). — Aquelle não precisa d'oleo de ricino!

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETEADOR. — Um semelhante insulto!... O senhor é um malandro!

SEGUNDO PADRINHO DO ESBOFETEADO. — E o senhor um passaro bisnau!

(Soccam se. Os outros dois padrinhos acozem Engalfi ilham-se todos. A lucta prolonga-se, e os dois adversarios, aborrecidos de passearem solitariamente, approximam-se um do outro.)

O ESBOFETEADOR, *ao esbofeteado, muito polidamente*. — Que contratempo este!

O ESBOFETEADO, *não menos polido*. — Oh! nada nos apressa... a não ser que o senhor esteja já morto por... (*faz o gesto de apontar a arma*).

O ESBOFETEADOR. — Eu?... Pressa nenhuma!... (*depois de reflectir*) Pelo contrario!

O ESBOFETEADO. — E' exactamente como eu!

O ESBOFETEADOR, *com affabilidade*. — Ah! mas então... para que nos havemos de bater?... E' ridiculo!... Dois paes de familia... Porque o senhor é pae de familia?

O ESBOFETEADO. — Ainda não... mas espero vir a sel-o... quando me casar.

O ESBOFETEADOR. — E' como eu... Então, parece-me que não me humilho confessando-lhe que fui um pouco brusco.

O ESBOFETEADO, *com bondade*. — Não falemos d'esse pequeno incidente.

O ESBOFETEADOR. — Sim, sim!... portei-me como um brutal.

O ESBOFETEADO. — Não, senhor! Pelo contrario, eu é que...

O ESBOFETEADOR, *com expansão*. O senhor é uma excelente pessoa... Vae cá á minha bola!... e se me desse licença... (*com hesitação*) de lhe offerecer de almoçar...

O ESBOFETEADO. — Ia propor-lhe isso mesmo... Mas... (*pára, assaltado por um escrupulo*) E o nosso duello?

O ESBOFETEADOR. — O nosso duello? (*muito grave*) Sa-be o que é um duello, senhor?

O ESBOFETEADO. — Pois não havia de saber! Parece-me que é uma operação que consiste em fazer com que as pessoas se batam umas com as outras.

O ESBOFETEADOR, *apontando para os padrinhos que continuam a arrancar-se reciprocamente os cabellos com furia*. — Não estão aquelles a bater-se? (*com serenidade*). — A honra está satisfeita!...

(E afastam-se de braco dado)

## BLASPHEMIA

1.º

O meu Mal tem-me feito descontente,  
Tem-me dado só lagrimas a Vida.  
Ando a soffrer continuadamente...

Vivo só com a Dôr... não tem guarida  
N'um seio de mulher minha Alma doente  
E um seio de mulher é quasi a Vida...

2.º

Parece que nasci só para ver  
Um desgraçado pelo mundo em busca  
D'uma Affeição que logo vi morrer...

Oh Astros! vosso brilho não me offusca  
Que eu nem já tenho olhos para ver  
De tanto que chorei a magua brusca...

3.º

Levei a Vida toda emquanto pude,  
Lá pela Mocidade, só a amar  
Crendo no Amor, no Bem e na Virtude,

E á sombra negra do teu morto olhar,  
Que me dava coragem e saude,  
Compunha versos lindos d'encantar...

4.º

Um dia tive fome por desgraça...  
Encontrei a Miseria á minha porta...  
Longe de nossa Mãe quanto se passa!

As vestes rôtas... como o frio corta...  
E nem um só conforto, uma só graça  
A animar-nos a Alma quasi morta.

5.º

Cuspiram-me no rosto a má offensa;  
A lama do Desprezo envergonhou-me  
E a Turba varia riu com indifferença.

Passou por mim a Morte mas deixou-me.  
Por que ouvisse depois com magua immensa  
Alguem dizer-me que eu não tinha nome!

6.º

Perdi o Bem — o archidoce Fructo,  
Perdi o Riso — a graça do meu Canto  
E tudo por Amor que não disfructo.

Por isso muita vez com odio canto,  
N'uma voz de revolta, voz de lucto,  
Tragicos versos de um sombrio encanto:

7.º

\*Maldita seja a Vida que a Ventura  
Não vale a pena, ó Deus, tão grande esforço  
Se um Céu nos fulge além da sepultura...

Hei-de apagar em pranto o meu Remorso:  
— Que é ter vivido só na Desventura  
Anomalia tosca, um triste Aborso!

# HISTORIAS PARA CRIANÇAS

## O GRÃO DE TRIGO

(de Virginia Cardoso)

Um grupo de crianças brincava á beira d'um fosso; uma d'ellas viu um objecto que se assimilava a um grão; mas era tão grande que, pelo tamanho, mais parecia um ovo de gallinha.

As crianças passavam este grão de mão em mão e olhavam o curiosamente; um homem que passou comprou-lh'o por alguns *kopecks*; este homem foi á cidade e vendeu este objecto ao imperador, como curiosidade.

Os sabios foram chamados a palácio para analysar este objecto e dizer se era um grão, se um ovo. Muniram-se de oculos, microscopios e d'outros instrumentos; as suas analyses foram vãs.

Puzeram este objecto no rebordo d'uma janella. As gallinhas, que por alli vaguejavam, vieram, deram algumas bicadas e fizeram n'elle um buraco.

Era, pois, um grão e facil de reconhecer, pois que tinha um sulco ao meio. Então os sabios declararam que era um grão de trigo. O imperador, admirado, mandou aos sabios descobrir porque é que este grão era tão bonito e porque não havia outro semelhante.

Os sabios consultaram os seus livros, os seus dictionarios e os seus in-folios, sem resultado.

— Senhor, disseram elles ao imperador, só os camponezes podem dizer a especie d'este grão, porque talvez tenham ouvido falar n'elle aos seus antepassados.

Levaram á presença do imperador um camponez muito velho, sem dentes, com grande barba branca; ia amparado por duas muletas.

Tomou o grão, mas apenas o viu, tateou-o, pesou-o.

— Que dizes d'esse grão, bom velho? disse-lhe o imperador. Já viste algum grão semelhante a esse? Que utilidade póde elle ter? Viste semear ou colher algum?

O velho, que estava quasi surdo, não comprehendeu o imperador e respondeu:

— Nunca comprei grão algum semelhante a este, nem nunca o vi semear. O grão que sempre comprei era muito pequeno. Meu pae dar-vos-ha mais algumas informações. Talvez tenha visto a planta que dá este grão.

O imperador mandou vir á sua presença o pae do velho.

Chegou, mas só com uma muleta, via ainda muito bem, a barba nem sequer era grisalha; o imperador deu-lhe o grão, o velho considerou-o attentamente.

— Dize-me d'onde provém este grão, bom velho, disse-lhe o imperador; tens visto semear ou colher esta especie de grão desde que trabalhas?

— Não, senhor, respondeu o velho; nunca vi, nem nunca comprei grão algum d'este genero, porque no meu tempo ainda não se usava dinheiro. Viviamos com o pão das nossas ceifas e davamol-o a quem não o tinha. Mas não

conheço este grão. Recordo me, porém, de ouvir dizer a meu pae, que no seu tempo o trigo crescia melhor e produzia maiores grãos. E' preciso perguntar a meu pae.

E foi chamar-se o pae d'aquelle velho.

Este era direito e robusto; veio sem muletas, os olhos eram muito brilhantes, falava muito claramente, e a barba mal começava a branquear.

O imperador aprezentou-lhe o grão; o velho pegou n'elle e olhou-o por muito tempo.

— Ha tanto tempo que não via um grão semelhante a este! disse elle. Levou o grão á bocca, paladeou, e continuou: E' isto mesmo, é do mesmo genero!

— Conheces este grão, bom homem? Onde cresce e em que época? Foste tu que o semeaste e o colheste?

— Quando eu era novo, disse o velho, não havia outro trigo senão esse de que se fazia o pão de cada dia.

— Compraval-o ou colhial-o? perguntou-lhe ainda o imperador.

— Antigamente, tornou o velho, sorrindo, ao recordar-se da sua mocidade, não commettiamos o peccado de comprar nem de vender pão. Nunca se tinha visto ouro e cada um tinha o pão que queria.

— Onde era o teu campo, bom homem, e onde crescia trigo d'esse?

— O meu campo, senhor, era a terra que Deus nos tinha dado para cultivarmos. N'esse tempo a terra não pertencia só a um, pertencia a todos; todos laboravam o que lhes era preciso para viverem, e o meu campo era o logar onde trabalhava. Ninguem dizia «o meu ou o teu, a minha propriedade, a do vizinho» Recolhiamos o fructo do nosso trabalho e com isso nos contentavamos.

O imperador ajuntou:

— Dize-me ainda, bom velho, porque é que o trigo agora é mais pequeno e porque é que era tão grande n'esse tempo? Dize-me mais, porque e que o teu neto já caminha com duas muletas, teu filho com uma e tu és ainda forte e vigoroso, não obstante os teus annos? Deverias ser o mais alquebrado de todos e és o que estás mais forte! Os teus olhos são claros, tens os dentes todos, e a voz vibra ainda como a de um rapaz. Porque és assim, sabel-o?

— Sim, senhor, sei. Hoje em dia os homens só querem aquillo de que não têm necessidade; são orgulhosos e têm inveja uns dos outros. Vivi no temor e no respeito de Deus, e só possuia o que me era dado pelo meu trabalho, sem nunca pensar no que era dos outros

CONDE LEÃO TOLSTOI

(Trad. de Henrique Marques Junior.)

## ILLUSÕES MORTAS

As nossas verdes illusões distantes,  
Curvas de seios, velludas tranças,  
As cartas perfumadas das amantes  
E os beijos santos das laes creanças,

Toda uma idade radiosa e bella,  
O vasto devaneio dos quinze annos,  
Versos a cada lirio e a cada estrella,  
E as arias soluçadas aos pianos;

Quando as contemplo a sós, quando as comparo  
A' nossa vida positiva de hoje,  
Que enorme abismo colossal e raro!...  
São como o fumo que se eleva e foge!

Tristissimas ruinas do passado  
Eu vos saúdo radiosamente,  
Sois como um velho templo arruinado,  
Mas todo cheio de um luar tremente.

Não choremos o tempo que passou  
Annos bohemios, doidos, palpitantes,  
Os lirios bons que o *boulevard* queimou  
Ao fogo das orgias triumphantes!

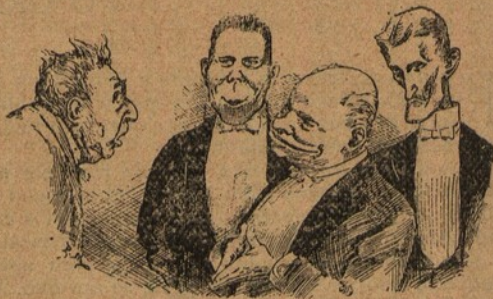
Deixal-as ir boiando á tona d'agua,  
As nossas verdes illusões de outr'ora,  
— Umás enchendo o coração de magoa  
Outras enchendo o coração de aurora!

XAVIER DE CARVALHO.

# PRESO POR TER CÃO . . .



— Não quero em minha casa creados com barba ou bigode; os hospedes queixam-se de semelhante falta ás regras da etiqueta.



— *Valentes espantalhos!* D'essa falta não se queixarão os meus hospedes; estou certo que não me ficaria em casa nem um ao vêr semelhantes caras.

## COISAS ALÉGRES

COSTUMAVA dizer D. João de Castro, governador da India, com galanteria militar, para horror dos mouros e gentios, na peleja de Cambaya, que havia de assar vivo o Sultão; e ou em prova do dito, ou para outro effeito, mandou fazer uns espetos muito grandes. Costumavam os soldados d'aquelle tempo trazer no cinto umas machadinhas muito polidas e afiadas, e diziam que eram para cortar as adriças e enxarceas dos navios de presa; mas o seu uso mais vulgar era arrambar caixas e fardos. Desgostava-se D. João de Castro d'aquelles instrumentos, que mais serviam ao interesse do que ao valor; e censurando por essa causa a um soldado ordinario, respondeu elle; Senhor, sem esta machadinha não servem os espetos de Vossa Senhoria, porque não poderão assar inteiro a el-rei de Cambaya.

\*

Determinando el-rei D. Manuel mandar uma armada contra o turco em soccorro dos venezianos, perguntou a D. João de Menezes, conde de Tarouca, quem poderia mandar por general d'ella. E elle lhe respondeu: Senhor, o governo d'esta armada não se ha de entregar a outrem mais que a D. João de Menezes, ou ao conde de Tarouca, ou a mim.

\*

Quando o senhor rei D. Pedro II fez a jornada da Beira, nomeou os cavalheiros que o haviam de acompanhar, e os que haviam de ficar assistindo a Suas Altezas. Entre estes deixava o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, cavalheiro tão discreto como se sabe, mas de curta vista. Entendeu o conde que esta era a causa, e foi dizer a el-rei, que o primeiro que havia de acompanhar a sua magestade, e pôr-se em campanha, era elle. Respondeu-lhe D. Pedro, que o eximia d'aquella occasião, porque via pouco. Senhor, continuou o conde, por isso mesmo procurarei vêr o inimigo de mais perto.

(Todas ineditas).

M. F. CRAVO JUNIOR.

\*

Domingos Ardisson foi um grande excentrico. Um dia, precisando de 1 \$ 200, e não os possuindo, encontrou por mero acaso o Marquez de Castello Melhor a quem falou assim:

— «O' Marquez, você é meu amigo?»  
— «Que pergunta! Mas porquê?...»  
— «Se eu morrer vae ao meu enterro, pois não vae?»  
— «Provavelmente, respondeu o Marquez.»  
— «Pois dê-me você cá o quartinho que tenciona gastar no aluguel do trem e ficamos quites.»

80

Em um dos ultimos ministerios presididos pelo sr. conde de Thomar, e sendo ministro da guerra o general Ferreri, ainda contra parente de Domingos Ardisson, empenhava-se o general em lhe obter um logar na Alfandega, a que os collegas objectavam que não podia ser, não tanto por o pretendente ser patulêa como por outra razão de maior peso.

— Então que razão é essa que não se pôde dizer? — perguntou Domingos Ardisson ao seu protector.

E' porque dizem que você bebe...

Bonita razão, não tem duvida! Eub-bo... e vocês comem.

\*

São inumeras as anedotas attribuidas a Domingos Ardisson, e as réplicas promptas e felizes que tinha para tudo. Morava elle, havia annos, n'um 3.º andar da travessa de S. Mamede. Recolhendo-se uma vez a casa já pela madrugada, encontrou um gatuno, tentando abrir-lhe a porta, com uma gazúa. Tanto foi vêl o como travar-se o seguinte dialogo.

— Esteja descansado, que lhe não faço mal, nem chamo pela policia. Vamos, quanto tem você ahí na algibeira?

E o gatuno cheio de medo, a responder de prompto:

— Tudo que tenho de meu são 680 réis.

— Exactamente o dinheiro que eu deixei em cima da meza, quando sahi. Ora ponha para cá os 680 réis.

— Mas...

— Aqui não ha mas, nem meio mas... venha o dinheiro e dê-se por satisfeito.

O gatuno entregava resmungando os 680 réis, e no outro dia Domingos Ardisson contava, muito alegre, o processo empregado por elle para roubar um ladrão, dizendo que ia tirar licença do governo civil para continuar a explorar a sua nova industria.

Ainda uma outra chistosa anedota para terminar:

Um dia, Domingos Ardisson, pretendia um adeantamento de certo argentario que emprestava dinheiro sobre penhores.

— Que caução me dá o senhor ao emprestimo? perguntou o usurario.

— O amigo nunca ouviu falar nas *nossas* colonias? Decerto ouviu. Pois dou-lhe de penhor o quinhão que me pertence nas colonias que são *nossas*.

O agiota riu... mas não accitou o negocio.

# SECÇÃO RECREATIVA

## QUADRADO QUEBRA-CABEÇAS

Um quadrado de papel póde ser transformado com tres tesouradas em um quebra-cabeças original que fará matutar por muito tempo a quem se proponha a tornar a fazel-o.

Como traçado nada mais facil. Tome se o meio E do lado BA, o meio H do lado BD, e tracem-se as linhas CE, EH e HC.

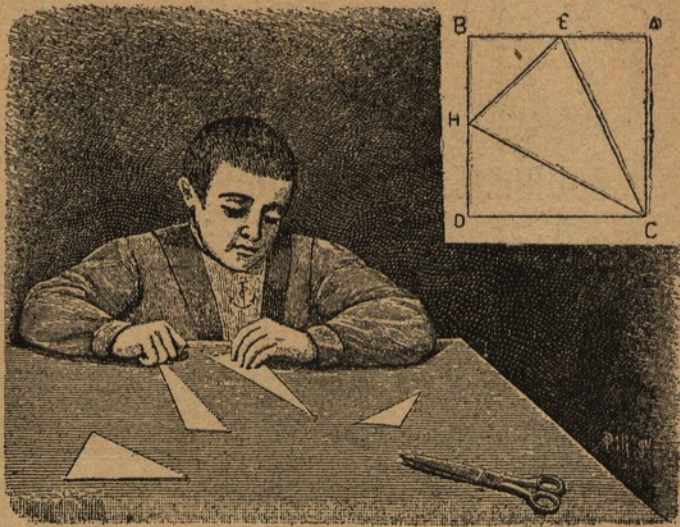
Corte-se o papel segundo estas tres linhas, misturem-se os quatro triangulos assim obtidos, e peça-se a um amator que o torne novamente quadrado.

E' surpresa o vêr-se o tempo que elle leva a achar o logar d'esses quatro boccados de papel, e isso para construir uma figura tão regular como um quadrado.

Eis um outro quebra-cabeças do mesmo gosto, que se explica sem ser precisa gravura.

Atravesse-se um quadrado por uma linha encontrando obliquamente dois lados paralelos; trace-se uma linha perpendicular á precedente e reencontrando os outros dois lados paralelos.

Corte-se o quadrado seguindo estas duas linhas; obteem-se quatro quadrilateros com os quaes se tornará difficil reconstruir o quadrado primitivo.



A difficultade provem de que cada quadrilatero possue dois angulos rectos o que desnorteia o operador por muito tempo.

## OS ANNUNCIOS



PARA O



# Branco e Negro

Recebem-se na Livraria do editor A. M. Pereira só até segunda-feira de cada semana, para sahirem no numero do domingo immediato. A grande tiragem que hoje tem o BRANCO E NEGRO, e os augmentos que acaba de soffrer desde o n.º 79, fazem com que nos seja indispensavel começar a impressão da folha dos annuncios na terça-feira de cada semana.

Os preços são : uma pag. 7:000 rs ;  $\frac{1}{2}$  pag, 4:000 rs. ;  $\frac{1}{4}$  de pag. 2:000 rs. ;  $\frac{1}{8}$  de pag. 1:000 rs. Repetições teem 25 % de desconto.

Dada a enorme publicidade do BRANCO E NEGRO, que é hoje o jornal illustrado de mais larga divulgação em todo o paiz e em todo o Brazil, é desnecessario lembrar aos annunciantes as vantagens que póde trazer-lhes o annuncio n'este jornal, annuncio que fica, que se conserva, que é sempre visto e sempre lido de milhares de pessoas. E a razão é simples : o BRANCO E NEGRO é jornal que o leitor conserva e collecciona, que lê e folheia com interesse, nas horas do descanso, da 1.ª á ultima pagina, e que ainda no fim do semestre manda encadernar, ao passo que as folhas diarias, lidas de corrida, de manhã, mais por necessidade do que para recreio, ninguem as conserva, ninguem mais as relê, e portanto, em geral, o annuncio alli passa despercebido á maioria dos leitores.



**JOSÉ HENRIQUES TOTTA**  
 SUCCESSOR DE  
**FORTUNATO CHAMIÇO**  
**CASA BANCARIA**  
 E  
 AGENCIA DA COMPANHIA  
 DE  
**SEGUROS GARANTIA DO PORTO**  
 75, 1.º — Rua do Ouro — 75, 1.º  
 LISBOA

**MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**

**GUIA PRATICO**

Para o conhecimento e tratamento de todas as doenças

Colligido por pessoa de toda a auctorisação no assumpto e escripto em linguagem vulgar para poder ser consultado e comprehendido por todos. Um magnifico volume de 280 paginas: Em brochura 600 réis, encadernado em percaline 800 réis.

**LIVRARIA DE ARNALDO BORDALLO**  
 42, 1.º — Rua da Victoria — 42, 1.º

Premiada em diversas exposições

**RESISTENCIA,**

**ELEGANCIA**

**E VELOCIDADE**

**OPEL**

**A BICYCLETA DA ACTUALIDADE**

DEPOSITO:

**179, R. de Santo Antão, 181**

**LISBOA**

Bateu  
o record  
do Mundo

Grande variedade de peças decora-  
tivas executadas sob a direcção do  
grande artista.

**RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO**



Unica casa em Lisboa que vende as  
verdadeiras e apreciadas  
**FIGURAS DO PORTO**  
feitas pelo primeiro artista no genero.

**A MODA**

ESTABELECIMENTO DE MODAS E CONFECCOES

— DE —

**JOÃO JOSÉ MARTINS**

N'esta casa encontra-se sempre um variado sortimento de  
todos os artigos do seu commercio por

**PREÇOS OS MAIS RESUMIDOS**

**172, RUA DO OURO, 174**

**LISBOA**

**CASA DOS BORDADOS**  
 DE  
**SILVA RODA & C.ª**  
 161, RUA AUGUSTA, 165  
 LOJA DE FAZENDAS BRANCAS E CAMISARIA  
 E  
**ATELIER DE ROUPAS BRANCAS**  
 (No primeiro andar)

Completo sortimento em camisas para homem, senhoras e creanças,  
malines, penteadores, saias bordadas, enxovaes para noiras, collegiaes e  
recemnacidos.

Encarrega-se de qualquer encomenda de roupas brancas e executam-se  
com a maxima brevidade.

**HAVANEZA DE S. PEDRO D'ALCANTARA**

Completo sortimento  
em tabacoes nacionaes  
&  
estrangeiros

Grande variedade  
em carteiras  
para todos os preços

Venda de jornaes  
e diversas publicações  
nacionaes  
e estrangeiras

Boquillas, cigarreiras,  
cachimbos,  
charuteiras e outros artigos

Variada collecção  
de numeros  
para todas as loterias

Artigos de papelaria,  
bilhetes de visita,  
agua de Caneças e Cintra,  
velas de stearina

Os senhores collecciona-  
dores de sellos encontram  
sempre n'esta casa um bom  
fornecimento para escolher.

**R. de S. Pedro d'Alcantara, 47 — T. da Boa-Hora, 5**  
 (EM FRENTE DO ELEVADOR DA GLORIA)